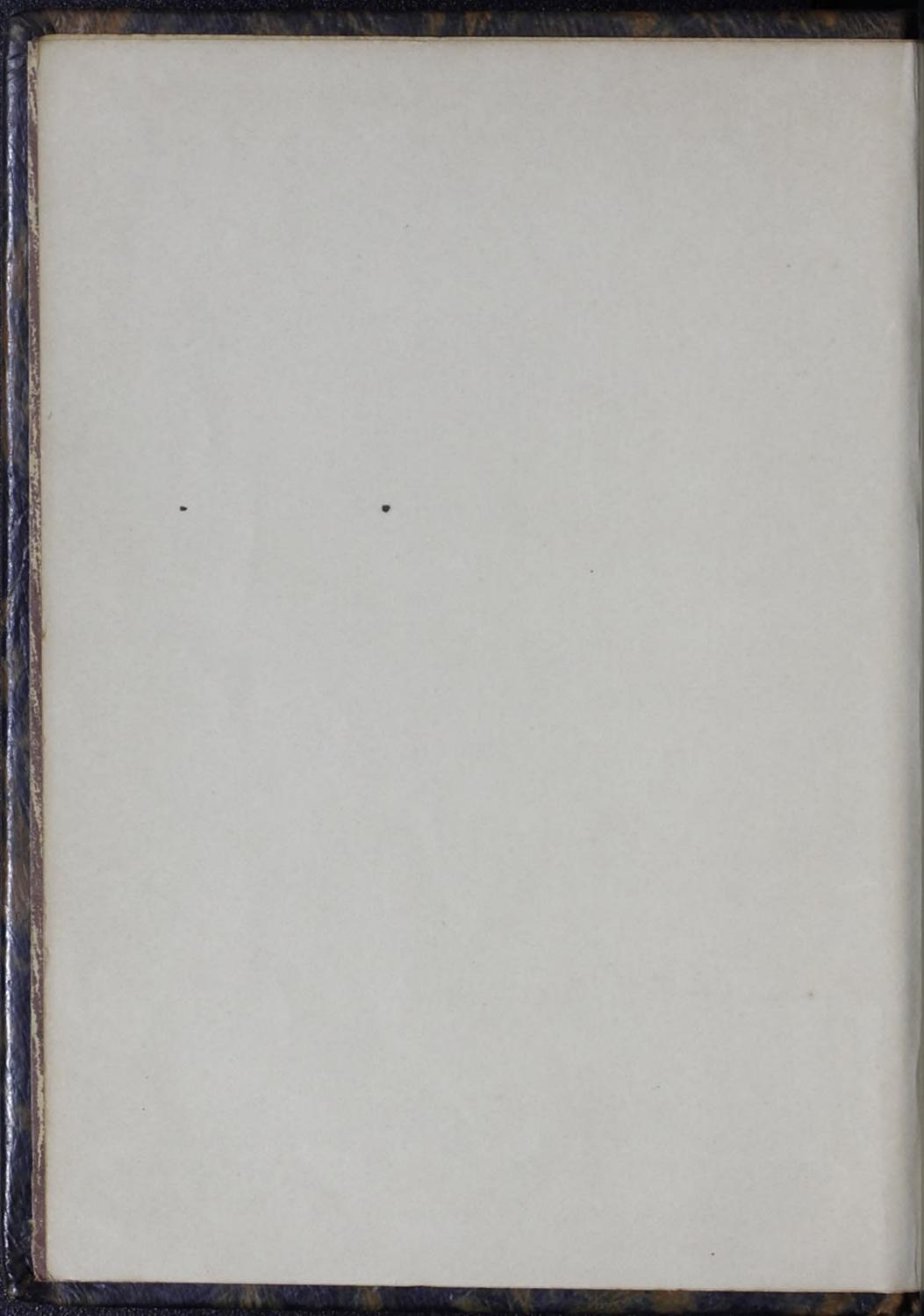
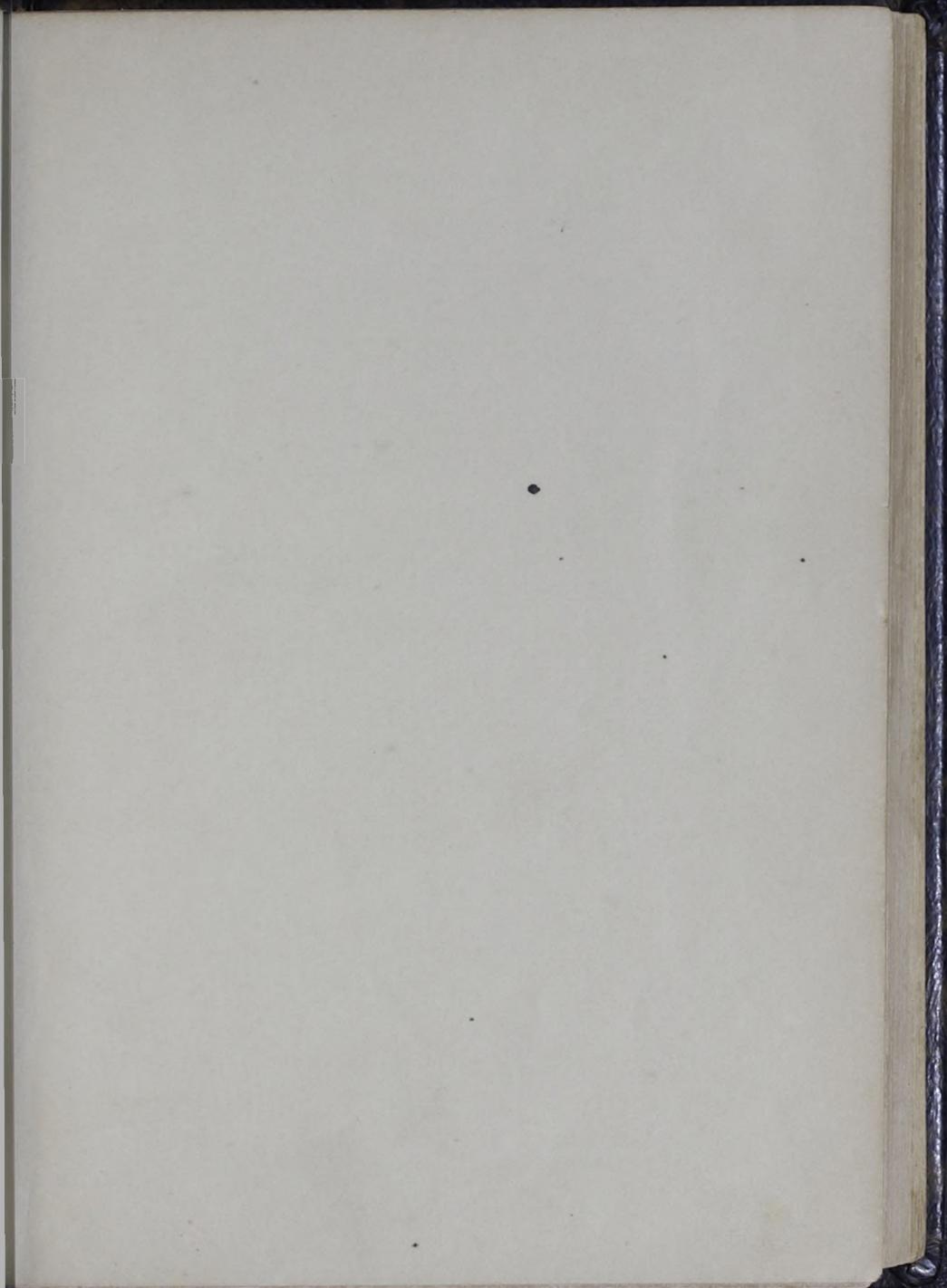
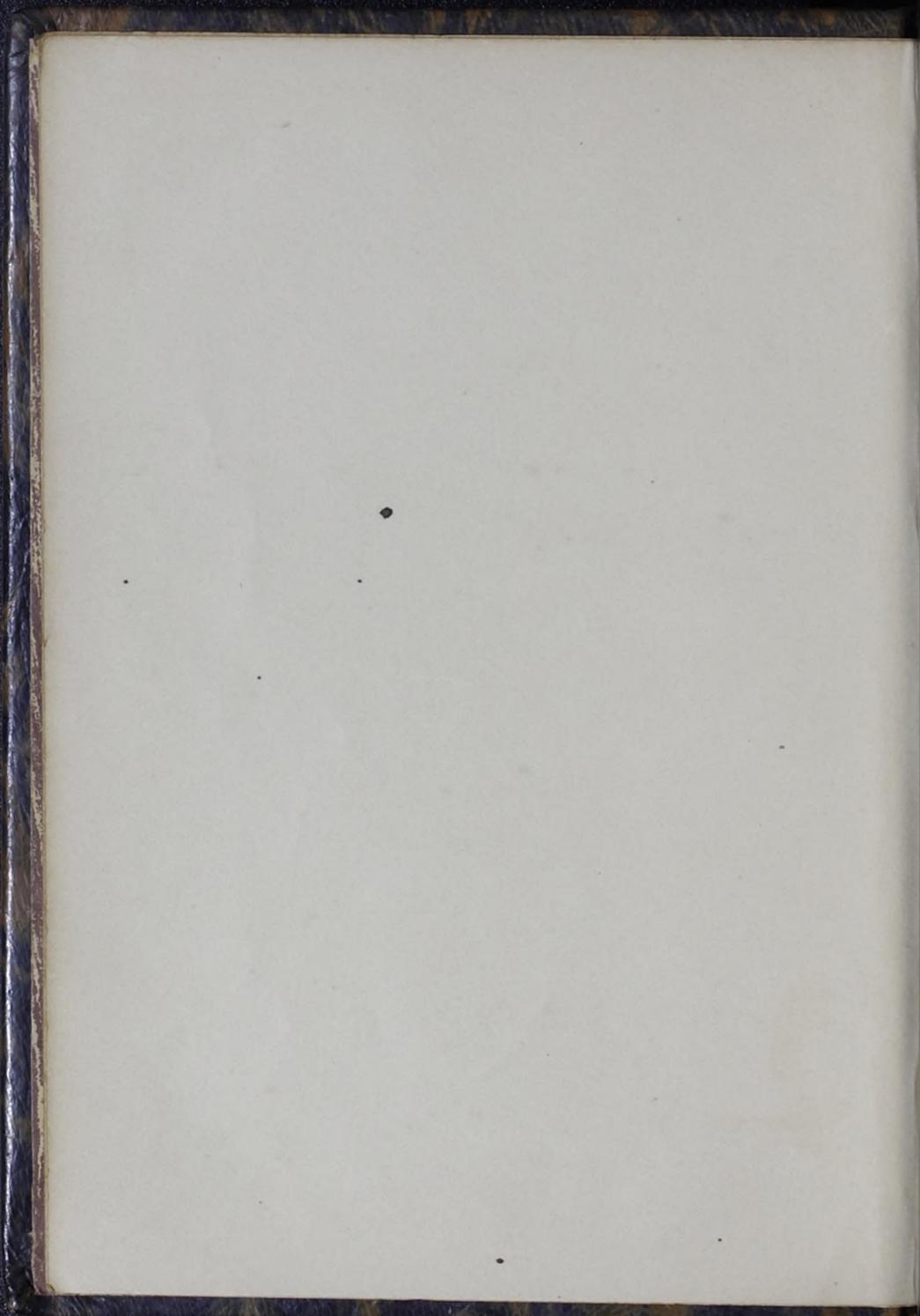


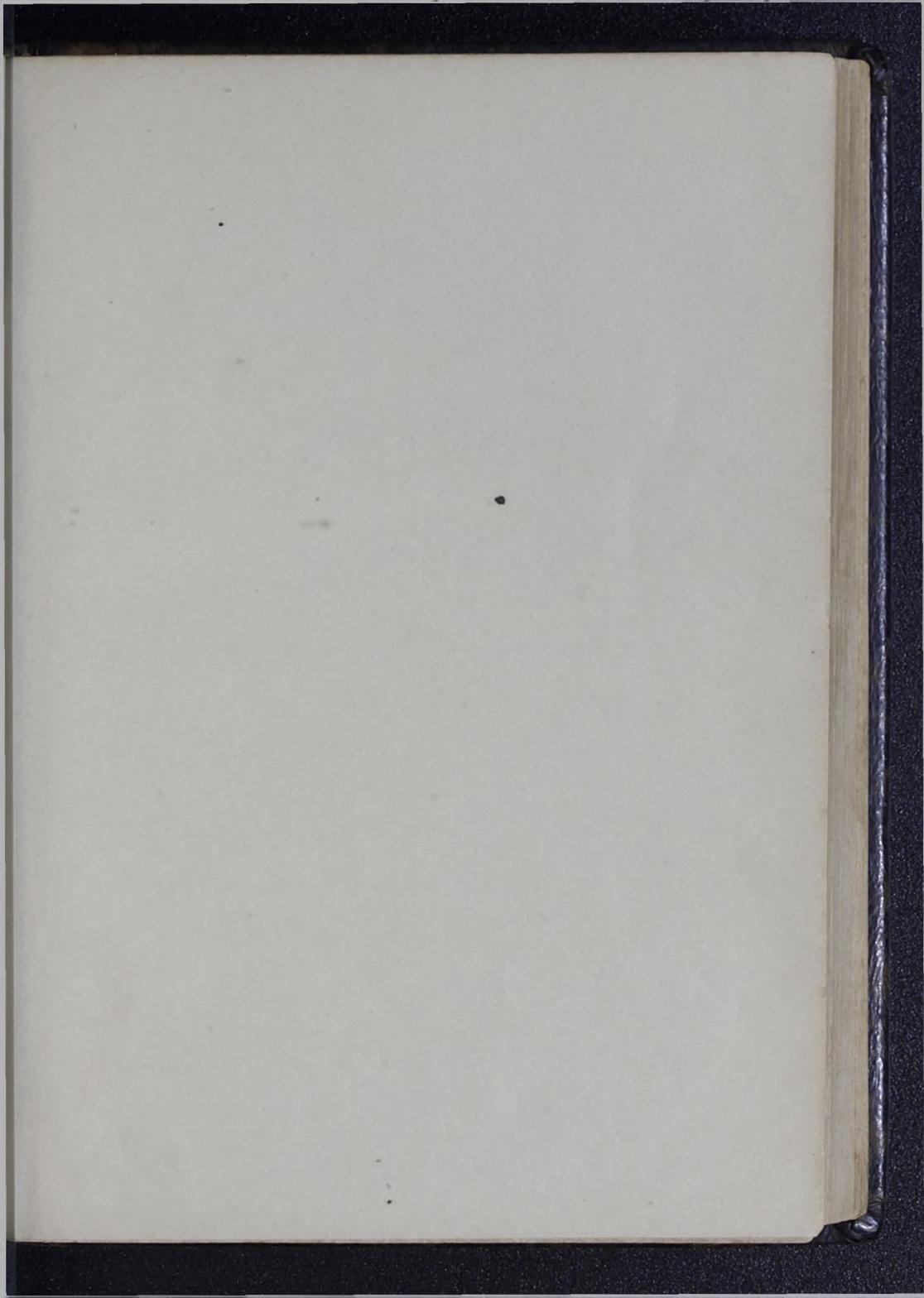
BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES DE LA LINGÜÍSTICA"

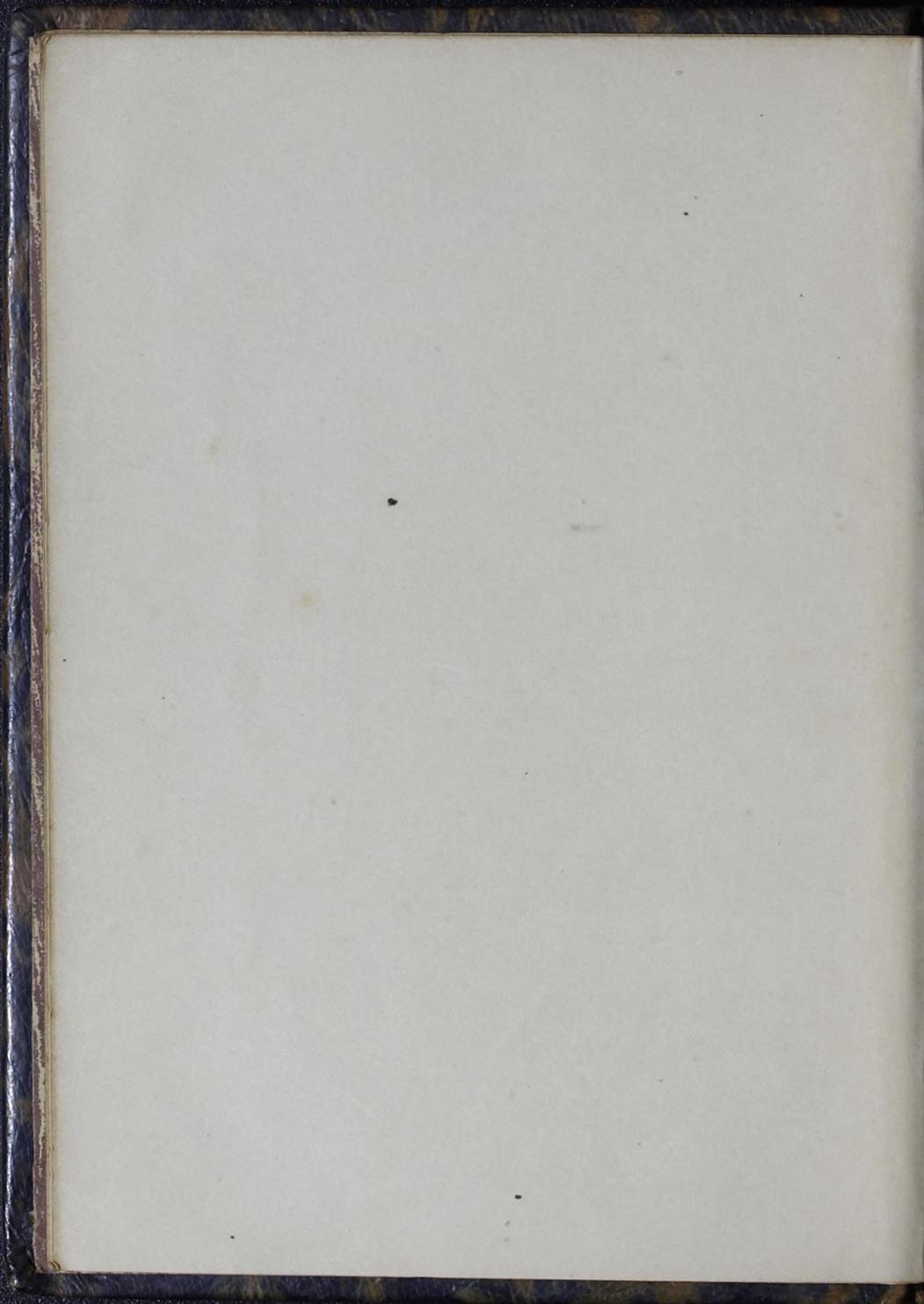
Tombo N.º 1084











FERNANDA

COMEDIA EM 4 ACTOS

Representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II
na noite de 28 de janeiro de 1871

LIBRARY
COMEDIA EM 3 ACTOS

IMPRESA NACIONAL

A publicação da *Fernanda* na sua forma
portuguesa é simplesmente uma homenagem ao
talento esplendida de Emilia Adelaide, a inter-
prete perfeita da Clotilde de Sardaui.

O EDITOR,

P. Plantier.



Solas, phot.

Déposé.

FERNANDA

COMEDIA EM 4 ACTOS

POR

V. SARDOU

VERSÃO DE

ERNESTO BIESTER

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º 1084

MUSEU LITERÁRIO



LISBOA

TRAVESSA DA VICTORIA, 71

1871

PERSONAGENS

ANDRÉ.....	Srs.	Silveira
POMEROL.....	»	Polla
ROQUEVILLE.....	»	Heliodoro
BRACASSIN.....	»	Barreto
ANATOLE.....	»	Costa
DE CIVRY.....	»	Rosa Junior
FREDERICO.....	»	Menezes
O COMMENDADOR.....	»	Moreira
MARESQUIER.....	»	Christiano
O BARÃO.....	»	Amaro
O GENERAL.....	»	Monteiro
ALFREDO.....	»	José Maria
CLOTILDE.....	Sr. ^{as}	Emilia Adelaide
FRANCA	»	Virginia
GEORGINA.....	»	Amelia Vieira
A SENHORA SÉNÉCHAL....	»	Gertrudes
FLEUR-DE-PECHER.....	»	Jesuina
AMANDA.....	»	Guerreiro
SENHORA DE BRIONNE.....	»	Carolina Emilia
BARONEZA.....	»	Maria Emilia
GIBRALTAR.....	»	Maria Emilia
SANTA CRUZ.....	»	Emilia Candida
THEREZA.....	»	Justina
UMA SENHORA VELHA.....	»	Emilia Candida
UM CREADO.....	»	Mello

Creados, creadas e convidados

Direcção artistica e scenica do actor

José Carlos dos Santos

FERNANDA

ACTO PRIMEIRO

Uma sala de hospedaria—Porta de entrada, angulo á direita—Porta da casa de jantar, angulo á esquerda; canapé á direita, janella á esquerda—Ao fundo, piano, por cima espelho sem aço coberto por um store e dando para a casa de jantar, mesa á esquerda.

SCENA I

POMEROL e FREDERICO

Frederico sentado, muito attento a passar as cartas,
Pomerol á porta de entrada, introduzido por um creado

POMEROL, no limiar da porta

A senhora saiu?

CREADO que o segue, depois de haver aberto a porta

Sim, senhor.

FERNANDA

E a menina?

POMEROL

A menina tambem.

CREADO

POMEROL

Está bem; esperarei. Indo a Frederico que o não viu chegar.
Que demonio estás tu ahí a fazer?

FREDERICO, levantando a cabeça e pondo-se de pé

Ah! o sr. de Pomerol!

POMEROL mostrando-lhe as cartas

Ensaiaava-se um novo lance, heim?

FREDERICO

Era apenas um calculo, sr. de Pomerol.

POMEROL

Ah! ah!

FREDERICO

Calculo excellente... calculo que não falha. Mas ha immenso tempo que não nos dá o prazer de o ver.

POMEROL

Felizmente para mim! Com que então, mudaram o estabelecimento?

FREDERICO

O senhor chega de Ternes?

POMEROL

Chego; julgava-os vivendo sempre lá. E andaria

ainda a procura-los de porta em porta, se não fosse Gibraltar que encontrei agora e que me disse: «Já não moram em Ternes, moram na rua das Acacias, em Montmartre...!»

FREDERICO

Ha dois mezes! Desde a nossa catastrophe!

POMEROL

Houve então catastrophe?

FREDERICO

Pois o senhor não soube? Uma questão seria! O senhor lembra-se d'aquelle hungaro baixinho, todo calvo?

POMEROL, procurando

Do hungaro baixinho!

FREDERICO

E que era general?

POMEROL

Tenho uma idéa vaga. Vi aqui desfilar tantos hungaros, tantos generaes e tantos calvos!

FREDERICO

Oh! mas aquelle era muito notavel. Tinha sido enforcado nos Estados Unidos.

POMEROL

Ah! sim, sim, lembro-me agora d'elle! Foi na guerra do sul.

FERNANDA

FREDERICO

Por haver tomado não sei que forte!

POMEROL

Ou que cofre!

FREDERICO

Cofre é que eu queria dizer. Não sei porque, mas nunca fiz bom conceito d'aquelle homem! Foi a velha Santa-Cruz quem no-lo apresentou.

POMEROL

E essa vive ainda?

FREDERICO

N'aquella idade, já se não morre!

POMEROL

Então o general?

FREDERICO

O general jantava aqui todos os dias, á mesa redonda; pagava de vez em quando o champanhe... finalmente, apresentava-se bem!... Mas aquillo tinha uma sorte... Sempre lhe vi dar chorrilhos ao lansquenete...

POMEROL

De modo que?

FREDERICO

De modo que uma noite, ao passar pela vigesima setima vez...

POMEROL

Isso tambem era de mais.

FREDERICO

Era de mais, era... Cumpre ser rasoavel! O sr. Anatole arranca-lhe o jogo das mãos e descobre-se a ladroeira!

POMEROL

E poem-n'ó fóra da porta.

FREDERICO

Tal qual. Mas eu disse á senhora: «Desconfie-mos! Aquelle homem para se vingar, irá dizer á policia uma serie de asneiras... que a senhora, sob o pretexto da mesa redonda, sustenta uma casa de jogo; que depois de jantar a toalha transforma-se em panno verde, e que se jogam jogos prohibidos!»

POMEROL

A verdade toda, n'uma palavra.

FREDERICO

N'uma palavra, a verdade toda. Isto não falla. No dia seguinte o commissario cáe-nos em casa e apanha-nos em flagrante! Agarra da senhora e mimosseia-a com quinze dias de prisão.

POMEROL

Safa!

FREDERICO

E bem sabe que estas cousas sempre desacreditam uma casa. Os vizinhos fizeram alarido. O senhorio despediu-nos. Agarrámos logo nas malas e viemos para aqui estabelecer-nos com outro nome.

POMEROL

Ah! já se não chama a sr.^a Renaud.

FREDERICO

Agora chama-se a sr.^a Sénéchal!

POMEROL

Vale o mesmo. Porém o que eu vejo, é que estão aqui muito bem!... Sufa! que luxo! Sobe, examinando a sala.

FREDERICO

Estamos realmente melhor do que estavamos em Ternes. E ha mais commodidades. Temos ali no jardim uma porta que deita para outra rua e que em caso necessario auxilia para a fuga.

POMEROL olhando para elle

E ostenta-se na sua pessoa uma libré... Caspíte.

FREDERICO

Lá verdade, verdade, a casa está posta n'um bom pé. A mesa redonda é a 5 francos, fóra o vinho! e só admittimos as senhoras em toilette de baile e os homens de lenço branco. Foi o sr. de Roqueville quem organisou tudo isto!

POMEROL

Continúa a ser o sr. de Roqueville quem dirige aqui tudo.

FREDERICO

E sempre elle! Homem mais cavalheiro não ha.
A senhora dá-lhe carta branca.

POMEROL

E da menina Fernanda que noticias me dá?

FREDERICO

Oh! a menina Fernanda, o senhor bem sabe que
ella não se mette em nada... Falta-lhe arrojo!

POMEROL

Pobre rapariga!

FREDERICO

Sempre a mesma... Quasi que não se lhe ouve
uma palavra, nem se lhe vê usar uma moda extra-
vagante... E n'estes dois sentidos vae cada vez a
peior.

POMEROL

Comprehendo. E diz-me que saiu?

FREDERICO

Ha quatro horas que anda por fóra.

POMEROL

Contraria-me isso. Tenho que lhe fallar. Emfim,
ella ha de vir jantar! Esperarei! Sete horas! agora
já não pôde tardar muito.

FREDERICO

Principia até a chegar gente. O sr. Bracassin e
a menina Amanda.

SCENA II

Os mesmos, BRACASSIN e AMANDA

AMANDA

É Pomerol que ali está!

BRACASSIN

O nosso desertor! Que demonio tem feito o meu querido amigo desde que não é permitido vê-lo?

POMEROL

Tenho-me feito velho. Olhando para a cabeça de Bracassin Mas oiça cá... isso lá por cima principia a despo-
voar-se.

BRACASSIN

O tecto sim... vae-se desgrudando alguma cousa.

AMANDA

Porque é que nos deixou assim ha um anno?

POMEROL

Porque tomei juizo.

BRACASSIN

Já não joga?

POMEROL

Já não jogo.

AMANDA

Então que faz?

BRACASSIN

Ora essa, ha mais vicios.

AMANDA

Querem ver que casou!

POMEROL

É como diz!... E Amanda? Mairie á parte, parece-me que...

AMANDA, sentando-se ao canapé

Oh! não me falle n'isso! Era necessario que eu fosse de marmore, — que não sou — para lhe resistir ás lagrimas!

POMEROL, a Bracassin

A proposito de marmore! e a esculptura caminha? Senta-se ao pé de Amanda.

BRACASSIN

Nem fallar n'isso é bom! Que grande seculo que este é para a esculptura. Ora adeus! me melem se não vale mais a pena cruzar os braços!

AMANDA

E é o que elle faz.

BRACASSIN

Já se não póde apresentar uma figura nua que lhe não atirem com uma garrafa de tinta á cabeça! Francamente responda, se comprehende a esculptura sem o nú?

POMEROL

Conforme!... ha nú... e nú... E alem d'isso ha um certo nú... tão nú!

FERNANDA

BRACASSIN

É esse o meu nú! A grande arte?

POMEROL

Se pertence ao genero a sua famosa Ariadna!

BRACASSIN

É a minha obra prima! Talvez só legue isso á posteridade... mas é o que basta para fazer a gloria de uma epocha!

POMEROL

É deslumbrante, hein?

BRACASSIN

É um pasmo!

POMEROL

Tambem já trabalha n'ella ha seis annos!

AMANDA

Seis annos!

BRACASSIN

Sete annos!

POMEROL

Tinha curiosidade de vê-la! onde é que se vê?

BRACASSIN

A minha Ariadna! Não se vê ainda!... Está aqui.
Bate na frente.

POMEROL

Sempre ahi?

BRACASSIN

Uma estatua semelhante!... Safa! Isso é que se chama voar!... aquillo pensa-se... medita-se... durante muitos annos!

POMEROL

A grande arte?

BRACASSIN

A grande arte! Já vou na minha terceira maneira e ainda não fiz nada!... Os mestres são assim!

POMEROL, apertando-lhe a mão e levantando-se

Folgo que seja d'essa opinião! À parte O seu methodo tranquillisa-me!...

SCENA III

Os mesmos, FLEUR-DE-PECHER

FLEUR-DE-PECHER

Boas tardes, minhas flores!

BRACASSIN

Ah! é Fleur-de-Pecher!

AMANDA, beijando-a

Minha querida!

FLEUR-DE-PECHER, o mesmo

Meu amor!

BRACASSIN, offerecendo a face

Cá estou.

FLEUR-DE-PECHER

Chegue-se ! Elle beija-a. A Pomerol vendo que elle não a beija e estendendo-lhe o pescoço Então, ande depressa, preguiçosa !

POMEROL, beijando-a

Prompto.

AMANDA

Chegas ?

FLEUR-DE-PECHER, com jovialidade

De Bade. Vim no comboio das sete horas ! Espero que não duvidarão receber-me assim ?

AMANDA

Estás linda como os amores.

BRACASSIN

Safa ! que *toilette* ! Levaste a banca á gloria ?

FLEUR-DE-PECHER

Ai, meus amigos, que azar ! Se não fôra um allemão, moço ainda, que me pagou a volta, ainda lá estava de penhor na hospedaria.

BRACASSIN

Bade estava então sensabor ?

FLEUR-DE-PECHER

Sensaborissimo ! e depois que mulheres ! Eu não sou de mais tolices que outra qualquer.

POMEROL

Isso não és.

FLEUR-DE-PECHER

Pois ferveu-me por lá o sangue! Havia principalmente duas inglezas!... Não imaginam com que audacia que se apresentavam... e eram feias, e rui-vas, e cheias de nodoas na cara! Pois apesar de tudo isto, minha amiga, os homens só andavam atrás d'ellas!... É insupportavel!... Eu disse a Dupres-soir. — Asseguro-lhe, meu caro, que essas creaturas ainda afastam d'aqui todas as mulheres que se prezam... e eu serei uma das primeiras.

POMEROL

Ora dá cá mais um beijo por esse dito.

FLEUR-DE-PECHER

Ai! Olha que me despenteias! A Amanda Empresta-me o teu pente?

SCENA IV

Os mesmos, ANATOLE e CIVRY

ANATOLE

Minhas senhoras, apresento-lhes o meu amigo visconde Florestan de Civry, que eu tomei a liberdade de lhes trazer para conviva.

AMANDA

Estimâmos devéras conhece-lo.

CIVRY, muito bem educado e muito d'instincto

Minhas senhoras!... O sr. Anatole Richon...

ANATOLE

Peço-lhe que diga simplesmente o meu amigo Anatole.

CIVRY

O meu amigo Anatole pois, conquistou direitos eternos ao meu reconhecimento, pelo invejável prazer que hoje me proporcionou.

FLEUR-DE-PECHER, passa por diante d'elle
comprimentando a BRACASSIN

É elegante este rapaz.

BRACASSIN, depois de o medir com um olhar, e a meia voz

Um provinciano!

POMEROL

... De Civry. Conheço em Tolosa, o senhor de Civry, presidente do tribunal...

CIVRY

É meu pae, e meu tio é procurador imperial em Bastiat. Os Civry são uma velha familia parlamentar.

POMEROL

Muito rica, muito nobre, e o que é mais, muito estimada.

CIVRY, comprimentando

Senhor.

POMEROL

Se quer alguma cousa para seu tio, eu parto amanhã para a Corsega.

CIVRY

É extrema a sua bondade . . . e eu acceito com prazer.

POMEROL

Aqui está a minha morada! *Aparte* Como veio este rapaz aqui parar?

Anatole, Bracassin, Fleur-de-Pecher e Amanda
gruparam-se para o fundo

AMANDA, baixo, a Anatole, ao fundo

Rico?

ANATOLE, com um gesto de admiração

Puh!

AMANDA

É sympathico! Descem.

ANATOLE

O meu amigo de Civry está em Paris para completar os seus estudos.

FLEUR-DE-PECHER

É estudante?

CIVRY

De direito.

FLEUR-DE-PECHER

Eu tenho verdadeira predilecção pelos estudantes.

CIVRY, inclinando-se mui cortezmente

Minha senhora!

ANATOLE

Elle ainda não conhece bem Paris.

POMEROL

Isso vê-se. E é o senhor quem lhe faz as honras, a título de antigo condiscipulo... não é assim?

CIVRY

Nada, não... foi apenas o acaso. Este senhor mora no mesmo patamar que eu; são fronteiros os nossos quartos; habitando portanto nós o mesmo pom-bal...

POMEROL, á parte

Depena-o!

SCENA V

Os mesmos, GIBRALTAR e FREDERICO

FLEUR-DE-PECHER

Ah! Gibraltar!

GIBRALTAR

Já de volta, minha pombinha! Beijam-se.

ANATOLE

Frederico... traga Madeira.

FREDERICO

Sim, senhor.

GIBRALTAR

Minhas amigas, annuncio-lhes para esta noite um egypcio.

AMANDA

Verdadeiro?

Amanda pega nas cartas que estão na mesa em que as deixou Frederico

GIBRALTAR

Verdadeiro e puro! é um grande negociante do Cairo com quem eu travei conhecimento em Mabile! Veiu cá para estudar os tecidos francezes.

Frederico serve Madeira. — Os homens bebem e fumam — Fleur-de-Pecher e Amanda voltam as costas — Pomerol foi sentar-se no canapé

AMANDA

Rico? Volta depressa as costas.

GIBRALTAR

E generoso. Ando a passeá-lo por París a troco de cem francos por dia. Levei-o ainda agora ao bosque de Bolonha n'um caleche do Grand-Hotel... Era muito *chic!* Perguntem a Pomerol que me encontrou. Hontem á noite apresentei-o em casa de Branca de Riz, onde elle perdeu uma dezena de mil francos, como eu beberia um copo de Madeira... se tivessem a delicadeza de m'ò offerecer.

ANATOLE, dando-lh'o

Ei-lo.

FLEUR-DE-PECHER, levantando-se

Jogou-se então hontem em casa de Branca?

GIBRALTAR

Jogou, sim.

AMANDA, voltando as cartas

E não me convidou, a delambida!

FLEUR-DE-PECHER

Tornou então a subir! A Civry, que se approxinou Ai, meu

caro senhor, quando eu parti para Bade estava n'uma baixa. Sobe com elle e vae batucar no piano.

GIBRALTAR

Pois agora tem uma casa! Quadros, tapetes por toda a parte!... E a sala do jogo! Sentando-se á mesa, á esquerda Um conto de fadas! E ha lá uma mesa americana com corrediças... Em caso de surpresa... *bst!* desaparece tudo! e apparece-se a jantar, á sobremesa, com garrafas, copos, e até o queijo nos pratos! Murmúrios de approvação.

FREDERICO, que ouviu admirado

Oh!

BRACASSIN

Sim, que a policia ainda engole essas transformações!

FLEUR-DE-PECHER, cessando de jogar

A proposito de mesa! Se se jantasse! Olhem que eu não como nada desde Strasburgo!

FREDERICO

Mas é que não veiu ainda o senhor de Roqueville. E tambem a senhora não voltou ainda para casa, nem a menina.

GIBRALTAR

Lá a pequena está a resar na igreja.

POMEROL

Fernanda?

GIBRALTAR

Sim. Passando ainda agora por diante de Nossa Senhora do Loreto... vi-a entrar.

POMEROL

Isso offende-lhe os seus principios?

GIBALTAR

Os meus! Estou-me rindo, uma vez que se jante.
A Amanda, que lhe traz um copo, vivamente Vendi o teu Chantilly.

AMANDA, a meia voz

Por quanto?

GIBALTAR, o mesmo

Duzentos... Tenho-os commigo...

AMANDA, o mesmo

Não digas nada a Bracassin,

GIBALTAR, o mesmo

Creança!

SCENA VI

Os mesmos e COMMENDADOR

FREDERICO, annunciando

Ó senhor commendador, dom Ramiro! Levantam-se todos.

POMEROL

Commendador? É realmente commendador?

BRACASSIN

A crer a gente no que elle diz.

FLEUR-DE-PECHER, a Pomerol

Commendador de que?

POMEROL

Dos crentes!

COMMENDADOR, comprimenta magestosamente

Senhoras! meus senhores!

POMEROL, a Anatole

É da America hespanhola, heim?

ANATOLE

Guatemala!

POMEROL, abotoando a casaca e mettendo depressa as mãos
nas algibeiras

Tal qual!

FLEUR-DE-PECHER

É um perfeito homem!

GIBRALTAR

E patarata! qualidade aproveitavel.

COMMENDADOR

As senhoras hão de perdoar a minha demora.

GIBRALTAR

Não chegou tarde, dom Ramiro!

COMMENDADOR

É sempre tarde para a ver!

POMEROL, comsigo

Parlapatão nos modos e banal nas palavras.

ANATOLE, apresentando-os

O senhor de Pomerol! . . . Dom Ramiro!

COMMENDADOR

Folgo devéras em travar conhecimento com s. s.^a
Estende-lhe a mão. Pomerol comprimenta, apparentando não ver o gesto.

ANATOLE, a meia voz

Olhe que elle estendeu-lhe a mão!

POMEROL, o mesmo, indicando-lhe com o gesto que tem as suas
nas algibeiras

É por isso mesmo!

FLEUR-DE-PECHER

Oh! que bello anel!

COMMENDADOR, tirando-o do dedo

Está ás suas ordens!

FLEUR-DE-PECHER, encantada

Oh! dom Ramiro!

COMMENDADOR, fazendo-o brilhar

Não é mais de que um pequeno brilhante encontrado em uma das minhas minas pelos meus escravos! . . . Fleur-de-Pecher dispõe-se a recebe-lo. Elle torna a enfi-lo no dedo e do qual jamais me apartarei, porque me foi legado por minha mãe.

FLEUR-DE-PECHER, admirada a Pomerol

Põe-n'ó ás minhas ordens, e em seguida. . .

POMEROL

Formula hespanhola, que a nada obriga.

COMMENDADOR, olhando para o brilhante com sentimento

E alem d'isso devo-lhe a vida!

BRACASSIN, baixo a Pomerol

Attenção á historia!... Conta cada uma!

COMMENDADOR

Este brilhante lança raios taes, que na minha ultima campanha, separado do meu corpo de exercito, pude, auxiliado por o seu brilho, tornar a achar o meu caminho nas trevas!

POMEROL, a meia voz

E accender n'elle o charuto! O Commendador sobe com Civry.

AMANDA

Que distincção, heim?

GIBRALTAR

E como elle sabe narrar bem!

ANATOLE

Inventa, que tem demonio! mas com arte!

POMEROL

E com artes para tudo o julgo eu.

SCENA VII

Os mesmos, MARESQUIER e SANTA-CRUZ

Entram juntos, Maresquier é um velho baixinho, e Santa-Cruz
uma velha horrível. Descem. Formam-se alas

ANATOLE e BRACASSIN

Olá! O tio Maresquier!

AMANDA, GIBRALTAR e FLEUR-DE-PECHER

E a Santa Cruz!

ANATOLE

Juntos!!!

BRACASSIN

Ei-lo descoberto esse horroroso segredo!

BRACASSIN e ANATOLE

Plan, rataplan, plan!

TODOS, o mesmo, applaudindo

Bravo! bravo!

SANTA-CRUZ, desesperada

Arredem-se! Fora d'aqui, brejeiros!

BRACASSIN

Deixe-os fallar, ma-mã, que ha poucos homens
tão bem conservados como a sua pessoa.

SANTA-CRUZ

Insolente!

FLEUR-DE-PECHER

Mas eu a final insurjo-me, porque tenho fome.

AMANDA

Já passa meia hora.

ANATOLE

Eu voto que se espere que chegue Roqueville.

BRACASSIN

Bem sabe que elle nunca chega a horas. Jantemos.

TODOS

Jantemos, sim.

FREDERICO, entrando azafamado

Lá entrou a menina.

FLEUR-DE-PECHER

Emfim!

FREDERICO

Não foi por culpa d'ella. Esteve em risco de ser esmagada.

POMEROL

Esmagada!

FREDERICO

É verdade que sim; no boulevard! Foi uma senhora que a trouxe na sua carruagem.

FLEUR-DE-PECHER e AMANDA

Ah! pobre pequena!

POMEROL

Onde está ella?

FREDERICO

No seu quarto. Está-se vestindo... Oh! não foi nada. Não tem sequer uma beliscadura. Manda pedir a estas senhoras que vão para a mesa, e que não esperem pela dona da casa... Quanto a ella, já ahi vem.

BRACASSIN

Para a mesa, então! Pegando no braço da Santa Cruz Abram passagem á mocidade! Conduz Santa Cruz n'um movimento de galope, seguido do commendador, que dá o braço a Fleur-de-Pecher, de Anatole, que o dá a Amanda, e de Maresquier, que o dá a Gibraltar. Civry e Pomerol ficam atrás.

SCENA VIII

POMEROL e CIVRY

POMEROL

Senhor de Civry... Perdão. Dá-me uma palavra?

CIVRY

Essa é boa.

POMEROL

A titulo de antiguidade! Porque se o senhor é estudante de direito, eu sou advogado, e tive a honra de advogar perante seu paê.

CIVRY

São valiosos titulos á minha sympathia e á minha deferencia.

POMEROL, apertando-lhe a mão

Duas vezes obrigado, porque me pôe assim á vontade.

ANATOLE, reaparecendo no limiar da porta

Venha d'ahi, Civry.

POMEROL

Já lá vamos. Anatole desapparece. A Civry Responda-me, pois, como se fossemos camaradas velhos... Foi Richon quem o conduziu aqui?

CIVRY

Foi, mas a meu pedido.

POMEROL

Ah!

CIVRY

Comprehende que nós outros, provincianos, sejamos um pouco curiosos. E quando já se viram todos os monumentos, todos os theatros, todos os bailes publicos! N'uma palavra, manifestei ao sr. Richon o desejo de conhecer tambem a Paris... como lhe hei de chamar?... subterraneo.

POMEROL

O cano geral!

CIVRY, protestando

Oh!

POMEROL

Ha de perdoar, mas é ahí mesmo que nós estamos.

CIVRY

Não possó qualificar tão severamente um lugar onde tenho a honra de o ver.

POMEROL

Esperava a resposta. Pois bem, a minha presença nada prova; senão que eu estou no orifício por onde se sae... e que o senhor está n'aquelle por onde se entra!

CIVRY

Realmente, não sei como...

POMEROL

Senhor de Civry... Aconteceu um dia que um rapaz, rico, honrado, como o senhor, e como o senhor levado pela curiosidade das cousas insalubres, fez-se introduzir n'uma sala semelhante a esta por um amigo... como Richon. Esse homem de que lhe fallo, vindo por uma noite, voltou na outra, depois nos dias seguintes, e a final sempre!... Attrahido, manietado pela hedionda paixão da casa, o jogo... fez-se elle, cavalheiro por educação e natureza, o companheiro nocturno de miseraveis vagabundos, aos quaes não se atrevia a cumprimentar na rua! E foi castigado! Oh! bem castigado d'aquelle voluntario aviltamento pela obrigação de lhes apertar a mão e de se deixar a cada momento esbofetear por um tu amigavel.

CIVRY

Senhor!

POMEROL

A riqueza que seus paes lhe haviam adquirido por uma vida inteira de nobres lutas e privações heroicas, toda ella se sumiu, toda ella foi absorvida no lodo... O trabalho paterno enriqueceu os aventureiros; as santas economias de sua mãe adornam

de rendas o leito infame das modernas Aspasias... E o que o jogo lhe devorou não foi sómente o oiro, ali submergido peça a peça, mas também o sangue todo da sua mocidade, ali vertido gota a gota; é isto o que nada restitue, nem se recupera... as mais bellas horas da vida desperdiçadas! Tanto que este homem, hoje emendado, curado, salvo por milagre, conservará toda a sua vida a sensação da grilheta, como todos os forçados evadidos ao vicio! E o que eu acabo de lhe dizer, disse-o conscienciosamente... porque este homem sou eu!

CIVRY

Senhor!

POMEROL

Vá-se embora d'aqui, senhor de Civry. Creia-me e vá-se embora, repito-lhe.

CIVRY

Mas eu não sou jogador.

POMEROL

E porventura o era eu?

CIVRY

Note porém que já me viram, e que se eu saio d'aqui assim, que ficarão pensando a meu respeito?

POMEROL

Que é um homem de espirito, e se ficar pensarão o contrario.

CIVRY, offendido

Ah! senhor!

POMEROL, vivamente

Occorre-me uma idéa. Eu insulto-o... é uma saída. E batemo-nos amanhã. Prefiro isto.

CIVRY

Não prefiro eu.

POMEROL

Então pegue no seu chapéu, depressa.

CIVRY

Mas...

POMEROL

Mas, infeliz rapaz! Imagine o que eu lhe vou dizer. Abre-se a porta. Aparece o commissario... prende a todos, e pergunta-lhe o seu nome. «O visconde de Civry!»

CIVRY

Oh!

POMEROL

«Dos Civry de Tolosa, senhor commissario; não confunda, peço-lhe... Família parlamentar... meu pae é presidente do tribunal... meu tio procurador imperial... minha mãe...»

CIVRY

Senhor!

POMEROL

«Emfim, um legitimo Civry, isto é, a honra em pessoa... Não tem que duvidar, uma vez que me encontra aqui...»

CIVRY

Isso nunca! Tem razão, vou-me embora.

*

POMEROL

Então avie-se.

CIVRY

Permitta-me que lhe aperte a mão, e que lhe agradeça... do fundo d'alma.

POMEROL

Adeus, meu amigo.

CIVRY

Adeus, não... Hei de tornar a vê-lo, e minha mãe ha de abençoá-lo. Vou contar-lhe tudo.

POMEROL

Tem um bello coração!

CIVRY

Até á vista. Posso chamar-lhe «meu amigo!»

POMEROL

Chame!...

CIVRY

Então... até á vista, meu amigo, sáe correndo.

SCENA IX

POMEROL, ROQUEVILLE e FREDERICO

POMEROL

Eis o unico lado bom dos erros commettidos! É de poder poupa-los aos outros!... Ah! ahi vem Roqueville!

ROQUEVILLE, entra dando o seu chapéu e o seu paletot a Frederico

Quem é aquelle sujeito que sáe tão apressado?

FREDERICO

É um amigo do senhor Anatole que vinha jantar.

ROQUEVILLE

E então? . . . vendo Pomerol. Ah! queira perdoar! Pomerol comprimenta friamente. O sr. de Pomerol, se me não engano?

POMEROL, muito friamente

O mesmo.

ROQUEVILLE

Ha muito tempo que nos não dá o prazer de o ver.

POMEROL, o mesmo

Ha muito tempo.

ROQUEVILLE, um pouco embaraçado da frieza, depois de silencio

Sabe por que aquelle rapaz se vae embora?

POMEROL, o mesmo

Não lhe direi porquê.

ROQUEVILLE

Ah! . . . Não quer entrar?

POMEROL

Não senhor.

ROQUEVILLE, mordendo os beiços

Ah! então é outro caso! meu senhor! complimentando.

POMEROL, comprimentando friamente

Meu senhor!

Roqueville entra para a casa de jantar. Ouve-se bulha de vozes que o comprimentam
Frederico torna a sair pela entrada levando o chapéu e o paletot.

POMEROL, sósinho

Funebre tratante! Com toda a certeza que não jantarei defronte de ti! Ora decididamente não verei d'esta vez Fernanda... vê-la-hei depois quando eu regressar... Foi a idéa de uma boa acção que me trouxe aqui... e já não perdi o meu dia! Procura o chapéu.

SCENA X

POMEROL e FREDERICO

FREDERICO

A senhora não entraria, por acaso, pelo jardim?

POMEROL, calçando as luvas para sair

Não. Porquê?

FREDERICO

Está ali uma senhora que pergunta por ella e que tem uma apparencia tão séria... que não sei se devo deixa-la aqui entrar.

POMEROL

Esse escrupulo ha de ser-te levado em conta lá em cima.

FREDERICO

E ella teima no seu proposito. Por mais que eu

lhe piscasse o olho e lhe fizesse signaes era o mesmo que nada... Não comprehendia. É uma innocente!

POMEROL

Qual! grande ladina é que ella talvez seja... Onde está o meu chapéu?

FREDERICO

Digo-lhe então que entre? sáe.

POMEROL

Uma mulher séria!... Quando não fosse senão pela raridade do caso! Põe o chapéu na cabeça e prepara-se para sair.

SCENA XI

FREDERICO, POMEROL e CLOTILDE

FREDERICO, fazendo entrar Clotilde

Uma vez que a senhora quer!...

POMEROL, admirado

Clotilde!

CLOTILDE

Pois é o primo?

POMEROL

Clotilde aqui? a Frederico Vae-te embora.

FREDERICO, a meia voz

Bem fazia eu em me oppor.

POMEROL, empurrando-o para fóra

Não me ouviste mandar-te sair?

SCENA XII

CLOTILDE e POMEROL

CLOTILDE

Porque maltrata aquelle rapaz?

POMEROL, vivamente

Uma palavra, minha prima, uma só palavra? É esta a primeira vez que entra o limiar d'aquella porta?

CLOTILDE

É sim . . . e foi necessario um acaso! . . .

POMEROL, respirando

Então . . . a prima não joga?

CLOTILDE

Não jogo . . . o que?

POMEROL, beijando-lhe as mãos

Admiravel candura! . . . Agora prima, o seu braço e fujaamos!

CLOTILDE

O que é que diz? . . . Ha de permittir!

POMEROL

Não, não permitto nada! . . . Depressa, depressa!

CLOTILDE

Mas porque?

POMEROL

Porque uma senhora como a prima não entra em uma casa como esta, e ainda menos se demora n'ella!

CLOTILDE

Ora essa! . . . Mas esta sala tem boa apparencia!

POMEROL

Oh! a sala não é nada! . . . com a gaiola que ha na escada é que é preciso ter cautela.

CLOTILDE

Attenda Filippe, que eu não sou nenhuma creança, e que uma viuva da minha idade pôde ouvir tudo. Onde estou eu?

POMEROL

Em casa da Sénéchal, outr'ora a sr.^a Renaud!

CLOTILDE

Da Sénéchal?

POMEROL

Que dá mesa redonda das sete para as oito horas! Mal servida, mal frequentada, e mal conceituada!

CLOTILDE

E encontro n'ella o primo?

POMEROL

Para mim já não ha perigo. E alem disso, d'esta vez, vim cá para uma boa obra.

Tambem eu!

CLOTILDE

A prima?

POMEROL

CLOTILDE

Sim. Um desastre que a minha carruagem ia causando, uma verdadeira historia.

Ah!

POMEROL

CLOTILDE

Não ha ainda um quarto de hora, no boulevard exterior, a minha carruagem é arrebatadamente detida no meio de grandes gritos! Era uma rapariga que tiravam debaixo da roda, e que felizmente não tinha a menor beliscadura.

POMEROL

Fernanda!... Era a prima?

CLOTILDE

Fi-la subir para ao pé de mim, e muito pallida e assustada, interrogo-a; mal me responde, e não foi sem muito custo que consegui arrancar-lhe um nome, o de sua mãe, e uma morada...

Esta!

POMEROL

CLOTILDE

Conduzi-a á porta onde ella se apartou de mim, agradecendo-me com um ar de tristeza e de mágua que me encantaram, e prosegui o meu caminho até ao theatro...

Que theatro?

POMEROL

O theatro do sitio!

CLOTILDE

POMEROL

O theatro Montmartre?

CLOTILDE

Sim.

POMEROL, admirado

A prima?

CLOTILDE

Sim. Eu lhe explicarei isto. Ao appear-me da carruagem julguei acertado ralhar com o cocheiro pela sua imprudencia, mas elle respondeu-me: «Não fui eu, minha senhora, que metti a carruagem por cima d'aquella menina, foi ella que se atirou para baixo da roda!»

POMEROL

Qual!

CLOTILDE

«Alem d'isso basta vê-la!... A senhora pôde ter a certeza que ella renova a tentativa!...»

POMEROL

Fernanda?

CLOTILDE

«O que? renovar a tentativa?» Esta horrivel idéa persegue-me: só vejo aquella rapariguinha de-baixo das patas dos cavallo, esmagada, morta! Torno logo a metter-me na carruagem gritando ao cocheiro: «Depressa, volte depressa á casa onde

nós a conduzimos!» Chego, informo-me, olham para mim com assombro, eu insisto, subo... e já fiquei mais tranquilla sabendo que ella estava aqui, e fiquei-o completamente, meu caro Philippe, vendo-o aqui commigo.

POMEROL

Ah! coração de mulher! não ha nada como elle para estas cousas.

CLOTILDE

Conhece a tal rapariguinha?

POMEROL

Conheço-a desde o primeiro dia das minhas es-
e travagancias! Era d'esta altura!

CLOTILDE

Mas ella é ainda nova!

POMEROL

Tem vinte annos o mais.

CLOTILDE

Matar-se aos vinte annos! Que desgraçada! Ella tem uns modos tão meigos!

POMEROL

É a flor da meiguice!

CLOTILDE

É tão interessante!

POMEROL

Se é interessante! E talvez haja culpa da minha parte no que acaba de me narrar.

CLOTILDE

Culpa da sua parte?

POMEROL

Sim!... Quando eu me casei!

CLOTILDE

E entre parenthesis, se a sua mulhersinha, que não é nada zelosa, soubesse que estava aqui...

POMEROL

Havia de ser bonito!

CLOTILDE

Dizia então que quando se casou?...

POMEROL

Despedindo-me para sempre das mesas redondas e da sua abominavel sequella, prometti á pobre creança, por quem me havia inspirado docemente do interesse que eu teria por uma flor nascida entre duas pedras, prometti-lhe, repito, que olharia por ella e que a faria sair d'este horrivel circulo. Mas promette-se tanta cousa!... A mudança de habitos, o amor, o trabalho!... Mas não sei porque, ainda agora... acaso ou presentimento, disse commigo: «Que será feito d'ella? Realmente sou

bem culpado! Parto amanhã por muito tempo! Vou já vê-la!»... Vim logo e aqui estou.

CLOTILDE

Então também eu vindo fiz bem.

POMEROL

Fez, sim!... Eu ia partir sem lhe fallar, indignado de tudo que vejo... A sua chegada poupou-me um grande remorso.

CLOTILDE

E a mim talvez uma grande loucura!

POMEROL

Como?

CLOTILDE

Sabe que André está desde domingo em Touraine, onde se demora ainda oito dias?

POMEROL

Bem sei, pois jantei com elle em casa da prima, na vespera da partida.

CLOTILDE

Aqui tem então o que eu recebi ainda agora!...
Leia!

POMEROL

Uma carta anonyma?

CLOTILDE

Leia! Ella sobe.

POMEROL, lendo

«A senhora faz bem, se julga o sr. marquez em Touraine! Voltou ás escondidas para Paris na quinta feira de manhã; e se a senhora condessa crê na fidelidade do seu futuro marido, vá esta noite ao theatro Montmartre, bem disfarçada sob o véu; ali encontrará aquelle a quem ama, pois desde o seu regresso não falta a ir lá passar todas as suas noites»!... Ah! cartas d'estas atiram-se ao lume!...

CLOTILDE, indo sentar-se no canapé

É verdade, mas depois de se lerem! O mesmo disse eu: que indignidade! accusarem o marquez de semelhante traição! suppor que elle vae ali todas as noites por causa de alguma actriz! Isto é absurdo, e eu com certeza não irei aonde me indicam. Seria indigno d'elle e de mim!...

POMEROL

Por certo.

CLOTILDE

Por certo! E ia, como vê, se não fôra Fernanda.

POMEROL

Que a salva de uma acção má! Foi Clotilde que assim lhe chamou.

CLOTILDE

E estou convencida. Não fallemos mais a tal respeito, e agora o que eu quero é ficar quite para com ella, fazendo-lhe o bem que lhe poder fazer.

POMEROL

Quer então associar-se commigo para a salvar?

Que pergunta!

CLOTILDE

POMEROL

Obrigado. Pois bem, eu vou já tratar d'isso. Pegando no chapéu. Peço apenas o tempo de a metter na carruagem.

CLOTILDE

O que! Na carruagem? Eu ir-me embora?

POMEROL

Podéra!

CLOTILDE

É necessario todavia ser logico, e se quer que eu o auxilie...

POMEROL

Quero, mas em sua casa. Amanhã... a distancia!

CLOTILDE

Porque?

POMEROL

Não a preveni já do que era esta casa!

CLOTILDE

É uma hospedaria.

POMEROL

Uma hospedaria? Uma espelunca de jogo! Levanta-se vivamente. É forçoso confessar-lhe, minha querida prima, que a nossa protegida afunda-se em plena corrupção! E é a nado que temos de a tirar d'aqui. Conceda-me o papel de cão da Terra Nova; a prima fará mais tarde o de irmã de caridade.

CLOTILDE, curiosa, examinando

Isto é uma espelunca! Então joga-se aqui?

POMEROL

E que jogos!

CLOTILDE

Mas quem joga?

POMEROL

A frequencia habitual! jogadores por paixão e jogadores de profissão! Os que vivem d'isso e os que d'isso morrem!

CLOTILDE

Da sociedade mais baixa!

POMEROL

De todas as sociedades! Filhos-familias, aventureiros, militares velhos, hospedes temporarios da cadeia, ex-magistrados, estrangeiros suspeitos, provincianos boçaes e mulheres perdidas!... Todas as idades, todos os officios! Todos os sexos! Um exame de viciosos.

CLOTILDE

E tudo isso janta á mesma mesa?

POMEROL

Entermeiado! Reina a igualdade do panno verde! Tudo isto surge dos quatro cantos do horisonte, á hora em que toda a gente de bem se deita, e após uma noite de phrenesi que leva a crer que se está, não direi em um pateo de bichos!... Era calumniar os bichos! mas n'um inferno! Tudo isto aos

primeiros clarões que illuminam os vidros, como um sabbá disperso ao canto do gallo, foge um para um lado, outro para o outro! Os homens em desalinho, lividos, embrutecidos; as mulheres, com o olhar apagado, os labios pendentes, a cuiá á banda, as meias nos saltos das botas, e o chaile pela lama, a ponto que o varredor da manhã pergunta se não deve junta-las ao lixo que arrasta diante de si.

CLOTILDE

Que quadro! E toda essa gente sáe d'aqui?

POMEROL

D'aqui.

CLOTILDE

Deve ser curioso!

POMEROL

É horrivel!

CLOTILDE

Mas tambem curioso, ha de convir.

POMEROL, admirado, olhando para ella

Curioso, é. Misericordia!... a minha descripção provocou-lhe desejos...

CLOTILDE

Provocou.

POMEROL

Tal qual!... Que horror!

CLOTILDE

Filippe, deixe-me ver isso tudo. Peço-lhe.

POMEROL

Ora essa! Que idéa! /

CLOTILDE

Filippe! meu amigo!

POMEROL

Nunca! .

CLOTILDE

Eu não viria de proposito para ver isto, mas uma vez que cá estou...

POMEROL

Está mal.

CLOTILDE

Na sua companhia?

POMEROL

E n'outras companhias! E que outras!

CLOTILDE

Não são peiores que as do baile da opera, e vae-se lá! Com este véu que vale uma mascara.

POMEROL

Mas que epidemia de curiosidade que deu nas mulheres de bem! Agora, estão todas assim!

CLOTILDE

Meu caro Philippe!

POMEROL

Não! não! não! e não!

CLOTILDE

Mas a final, vejamos, quem quer o fim quer os meios. O senhor recommenda-me a sua protegida; acaso a conheço eu? Quasi que não cheguei a vê-la bem. Para a apreciar no que ella é, e no que ella vale, é necessario que eu a estude, e onde poderei fazelo melhor do que aqui, em sua casa, e no meio da sua roda?

POMEROL

Mas é...

CLOTILDE

Uma obra de caridade, justamente. Não acontece todos os dias, por causa de um peditorio ou de soccorros levados aos domicilios, irmos a bairros hediondos, a casa de gente horrivel, affrontando o contacto da molestia, da miseria e do vicio? mas é louvavel! mas é valoroso, é generoso, é até elogiado! E depois eu n'isto só faço o meu dever.

POMEROL

Dever é sublime! Uma curiosidade!

CLOTILDE

Pois seja curiosidade! É o quinhão do demonio!... mas ha um serviço a prestar, que é o quinhão de Deus!

POMEROL

Mas...

CLOTILDE

Emfim, primo!... Ultimo argumento: é um ajuste. Ou eu tomo á minha conta a sua protegida e fico!... ou parto, abandonando-lh'a, e vou ao theatro que sabe! Escolha.

Ah! Clotilde!

POMEROL

Fico?

CLOTILDE

POMEROL

A prima põe-me a corda na garganta! Ameaçar-me dê fazer perder áquella desgraçada creança uma protecção como a sua! E eu parto amanhã!

Então, fico?

CLOTILDE

POMEROL

Pois bem... talvez! Mas só lhe concedo uma hora d'este espectáculo... mais não.

Uma hora, aceito.

CLOTILDE

POMEROL

E estou tranquillo, porque o tédio a obrigará a sair mais cedo!... O que eu lhe peço é que converse com a pobresinha da minha Fernanda!

CLOTILDE

E tiro-a d'este inferno.

Amanhã, já?

POMEROL

Amanhã, já.

CLOTILDE

Fica promettido?

POMEROL

Fica jurado.

CLOTILDE

POMEROL

Então o fim é louvavel, e se eu faço uma tolice, ponho-a desde já a cargo da sua consciencia.

SCENA XIII

Os mesmos, a sr.^a SÉNÉCHAL e FREDERICOSR.^a SÉNÉCHAL, ao bastidor

Um desastre!... Minha filha?

POMEROL, depressa a Clotilde

É a mãe.

CLOTILDE

Obrigue-a a fallar. Senta-se á extrema esquerda para lá da mesa.

SR.^a SÉNÉCHAL, entrando vivamente e muito afflicta

O que, uma carruagem?... Onde está ella?

POMEROL

Um desastre que se evitou, mamã, sem deixar a mais leve consequencia.

SR.^a SÉNÉCHAL

Assim dizem! Onde está ella?

POMEROL

À mesa. Faz signal a Frederico que levanta a store, o mesmo movimento anterior, risos, gargalhadas, vozeria. Palavra de honra!... Veja.

SR.^a SÉNÉCHAL, depois de ter olhado e visto a filha

Sim! é verdade. Frederico baixa o store. Jesus! Cae prostrada no canapé. Bastou que eu me demorasse uma vez mais alguma cousa.

POMEROL

Ora vamos, socegue, mamã... e em primeiro lugar agradeça a esta senhora que lhe trouxe sua filha na carruagem.

SR.^a SÉNÉCHAL, vendo Clotilde pela primeira vez e levantando-se

Oh! minha senhora, foi uma boa acção que praticou, e que eu lhe agradeço do fundo do coração! Vae para lhe pegar na mão, depois detem-se. Ha de perdoar, mas... a Pomerol com hesitação, esta senhora sabe aonde está?

POMEROL

Sabe! sabe! mas para lhe dizer a verdade, Sénéchal, o peccado de minha prima é a curiosidade, e...

SR.^a SÉNÉCHAL

Compreendo... Ah! minha senhora! Olhe que não tem nada de bonito! Sobee.

POMEROL

Essa é a minha opinião... mas se é tambem a sua, como se explica...

Durante o que segue gestos mudos entre Pomerol e Clotilde que lhe faz signal que approva e que insista

SR.^a SÉNÉCHAL

Que eu esteja aqui, não é assim?

POMEROL

Nem sempre teve mesa redonda?

SR.^a SÉNÉCHAL, dobrando o chaile

Se me tivessem prognosticado isto no dia do meu casamento!

POMEROL

É verdade que a mamã foi casada com um negociante de Montpellier, não é assim?

SR.^a SÉNÉCHAL

De Montpellier, não... de Bordéus!

POMEROL

É verdade, sim, de Bordéus... a quem deixou?

SR.^a SÉNÉCHAL, vivamente

Eu!... quem lhe disse isso?

POMEROL

Tambem... já me não lembro.

SR.^a SÉNÉCHAL

Quem quer que foi, mentiu! foi meu marido quem me deixou, o covarde!...

POMEROL

O que é muito diferente, realmente Os mesmos gestos em Clotilde.

SR.^a SÉNÉCHAL

Mas é que é sempre assim! Vê-se uma mulher perdida! Não se pergunta quem a perdeu! Para os homens foi sempre culpa d'ella! . . . Casaram-me aos dezeseis annos. E tinha uma sogra. Comprehende. O marido era de sua escolha. Passados dois annos, o meu dote não existia. Meu pae, rodcado de demandas, fechava-nos a porta. E dividas, e penhoras! Uma noite trottxeram-me meu marido em cima de uma maca: tinha feito voar os miollos n'um bosque! Eu amamentava minha filha. Dei um grito, caí por terra, e fiquei por seis mezes na cama, delirante e como louca! Quando voltei á vida, ninguem! a casa vazia e tudo que havia n'ella vendido! nem amigos, nem parentes! achava-me sósinha com uma creança de seis mezes nos braços e cincoenta francos de esmolos nas algibeiras!

CLOTILDE

Pobre mulher!

SR.^a SÉNÉCHAL, sentada, assim como Pomerol

Vim para Paris, dizendo commigo. Sou nova, sobra-me energia, trabalharei. Offereceram-se n'um collegio lições de pianno a 40 soldos, julguei-me salva. Chegaram as ferias e fugiram-me as discipulas. Desenhei então bordados e pinteí leques. Os meus olhos, queimados pelas lagrimas e pelo trabalho, inflammaram-se; tive de renunciar, a risco de cegar. Dediquei-me á costura, mas é lá possível lutar com as machinas! ganhava 20, 22 soldos, trabalhando dez horas por dia. E perseguindo-me sempre o mal dos olhos, as privações, o cansaço, acabei por fim no hospital!

É possível!

CLOTILDE

SR.^a SÉNÉCHAL

Se é possível! E vive-se ao pé de um berço onde chora uma filha! E pergunta-se, se a virtude merece finalmente tantas lutas, ao ver o modo por que os homens a apreciam! E chega um dia em que a desesperação, a raiva, a necessidade força uma mulher a vender-se!... vende-se sim!... mas depois ao menos aquece-se a gente ao lume, dorme-se, come-se. Clotilde olha para Pomerol. Então que quer? eu segui o exemplo das outras! E uma vez prostrada, de degrau em degrau, cheguei a isto que vê.

CLOTILDE

E vive feliz assim?

SR.^a SÉNÉCHAL

Feliz! oh! não! é um susto perpetuo! Estou á mercê do primeiro imbecil arruinado, que se vingará denunciando-me, ou do primeiro parasita a quem eu não fie! Ha n'esta casa um homem — Roqueville — o sr. Pomerol conhece-o bem. Oh! esse não fez tantas ceremonias! Veiu dizer-me uma noite: Sénéchal!... a policia tem suspeitas... porém eu, tenho lá amigos, para os quaes a minha presença n'esta casa seria uma garantia da sua moralidade! Só se saberá o que eu disser, e eu só direi o que for conveniente! Serei o pára-raios! mas o pára-raios não larga a casa! Virei almoçar, jantar, gratis entende-se, e a senhora ha dar-me alem d'isto uns tantos por cento sobre os ganhos do jogo! Não é obrigada a accetar o que eu lhe proponho, mas se recusa, não lhe affirmo que a policia deixe de aqui vir esta noite!

POMEROL

Mais claro do que agua!

SR.^a SÉNÉCHAL

Que me restava fazer, minha senhora? É sabido que aquelle homem é um aventureiro sem credito! Mas se este lhe falta para o bem, tem-no para o mal! Tive de me resignar.

POMEROL

Safa tal logar!

CLOTILDE

E... e sua filha, de quem não falla?

SR.^a SÉNÉCHAL

Oh! minha senhora! feriu-me agora no coração! eis o mais cruel de tudo! é ver minha filha no meio de tudo isto! Mas que destino lhe podia eu dar? Viu-a! é bonita, distincta, encantadqra! E com todos estes attractivos que marido tem a esperar, a não ser outro igual ao de sua mãe! Lembrou-me o theatro; mas ella é naturalmente triste e timida; e hoje quer-se alegria de preferencia a tudo! o céu tinha-a destinado para uma boa dona de casa; faria com certeza a ventura de um homem de bem, e a fatalidade não o ha de permittir! Ah! minha senhora, quando penso n'isto, sinto rasgar-se-me o coração, e de noite muitas lagrimas me tem custado... Depois, o habito... faz esquecer.

CLOTILDE

Mas enfim, para que a deixa viver aqui, onde só ha maus exemplos e perigo para ella.

SR.^a SÉNÉCHAL

Uma esperança que eu tenho, é que a isso me obriga. Aqui não vem unicamente gente desprezível! Ha tambem estouvados, curiosos, pessoas honestas desencaminhadas... como tambem andou este senhor... Digo ás vezes commigo: é possível que appareça um que se apaixone por ella e lhe dê um futuro.

CLOTILDE

Desposando-a?

SR.^a SÉNÉCHAL

Talvez!... mas a nossa moralidade não tem direito a ir tão longe. Levanta-se, assim como Clotilde e Pomerol.

CLOTILDE a Pomerol apertando-lhe a mão

Ah! Philippe! que costumes!

POMEROL

Eu bem a preveni.

Vozeria e gargalhadas na casa de jantar. Levanta-se o store.

SR.^a SÉNÉCHAL

Lá se levantam da mesa! A senhora fica?

CLOTILDE

Fico, sim, fico.

SR.^a SÉNÉCHAL

Uma senhora da sua classe no meio d'esta gente!

CLOTILDE, baixando o véu

Ninguem me verá!... O que lhe peço é que não diga a sua filha que estou aqui.

SR.^a SÉNÉCHAL surprehendida

Ah!

CLOTILDE

Quero vê-la, estuda-la; depois eu a ajudarei a levar sua filha para longe d'esta atmospherá.

SR.^a SÉNÉCHAL vivamente reconhecida

Oh! minha senhora! A porta abre-se.

CLOTILDE

Não se afaste de mim, Philippe!

POMEROL

Ora essa! Mas note que é só por meia hora.

CLOTILDE

É bastante.

POMEROL

E demais.

SCENA XIV

Os mesmos, FERNANDA, AMANDA, FLEUR-DE-PECHER, GIBRALTAR, SANTA CRUZ, ROQUEVILLE, BRACASSIN, ANATOLE, O COMMENDADOR, MARESQUIER, outros convidados, homens, mulheres e jogadores, que chegam pouco a pouco.

Os convivas entram com ruído uns atrás dos outros, como quem jantou bem.

FLEUR-DE-PECHER entrando primeiro com Amanda

Cá está a mamã Sénéchal!

AMANDA

Adeus, mamã.

GIBRALTAR

Olha que nos fizeste muita falta. O commenda-

dor pagou o Champanhe e Bracassin esteve divertidissimo!

SR.^a SÉNÉCHAL, sem dar attenção

Sim, sim. Onde está Fernanda? chamando Fernanda?

FERNANDA

O que? pois estavas ahi? Abraçando-a.

SR.^a SÉNÉCHAL

Estava. Conversando a teu respeito com...

POMEROL, vivamente

Commigo.

FERNANDA, estendendo-lhe a mão

Ah! o senhor de Pomerol! A sua mãe. Mas como vieste tarde!

SR.^a SÉNÉCHAL

Com certeza, Não ficaste maguada? Aquelle desastre.

FERNANDA

Ah! já te disseram? Não foi nada, affianço-te.

SR.^a SÉNÉCHAL

Querida filha! Lembrar-me que podias...

FERNANDA, tapando-lhe a boca

Cala-te! Se já te disse que não foi nada.

FLEUR-DE-PECHER

Beija-a, sim, beija-a, que é uma boa rapariguiha. Não jantou por não te ver ali.

SR.^a SENECHAL, agarrando na cabeça de Fernanda
e beijando-a muito

Meu amor! Sobem juntas e desaparecem durante o que segue.

BRACASSIN ao fundo

E o café?

ROQUEVILLE a Frederico que prepara a mesa ao fundo

O café e os licores, depressa.

POMEROL a Clotilde

É Roqueville!

CLOTILDE

Tinha-o suspeitado.

ANATOLE denunciando a embriaguez

E o meu amigo? Que é feito do meu amigo?

POMEROL

Foi-se embora.

ANATOLE

Assim! sem dizer nada! É sem cerimonia!

AMANDA

E o sr. não janta?

POMEROL

Não. Estou acompanhado.

AMANDA vendo Clotilde que esconde a cara no véu

Ah! perdão! A Fleur de Pecher Sáfa! que vestido!
chic a valer! Vae ao piano.

FLEUR-DE-PECHER

Ella que esconde a cara, é que é feia.

ROQUEVILLE

Quem quer licores?

GIBRALTAR

Eu.

ROQUEVILLE

Cognac, kirsch?

GIBRALTAR

Ambos.

FLEUR-DE-PECHER

Meu querido Bracassin, fazes-me um cigarro!

COMMENDADOR

Se prefere um charuto, feito do meu tabaco, e pelos meus escravos?

FLEUR-DE-PECHER, recebendo-o

Não pertenceria tambem este charuto, por acaso, a sua mãe?

COMMENDADOR

O que diz?

FLEUR-DE-PECHER

É que se fosse como o brilhante, convinha dizê-lo.

O commendador offerece um charuto a Clotilde, que recusa, e elle sobe

ANATOLE

Fleur-de-Pecher tem devêras graça.

Amanda batuca no piano, Roqueville offerere licores, Gibraltar bebe, Maresquier sentado a um canto, com o lenço em cima dos joelhos, sorve o café. Santa-Cruz mette o assucar nas algibeiras, etc. Chegam jogadores, homens e mulheres.

FLEUR-DE-PECHER

Toca uma valsa, Amanda!

Amanda principia uma mazurka : Fleur-de-Pecher
e Anatole dansam fumando

CLOTILDE, a meia voz

Que exquisita gente!

POMEROL

Vá vendo.

CLOTILDE

Preste-me informações. Quem é aquelle, que ali está ao fundo, com oculos?

POMEROL

Um provinciano necessariamente! Algum bom pae de familia de Coulommiers ou de Carcassonne, que tem vicios, e vem areja-los de vez em quando a Paris.

CLOTILDE

E aquelle outro lá ao canto, de cabello grisalho... e apparencia sinistra?

POMEROL

Thomasseau. Está ali um drama!... É um antigo tabellião de Grenoble, que, por causa do jogo, ficou sem o cargo, arruinou todos os seus, e roçou

tão perto o banco dos réus, que lhe ficou um certo perfume das galés. Sua mulher morreu de pezar, seu filho de uma cutilada; tudo isto morto por elle! Sua filha está tísica, e elle teve de lhe empenhar os brincos para jogar esta noite, allegando que ella os não precisará para a semana!

CLOTILDE

Que horror! E aquelle ruivo baixinho que bate o compasso com a cabeça?

POMEROL

Aquelle é outra cousa!... Alegre, esperto, é um estorninho. Caixeiro não sei em que armazem, que rouba o patrão, joga o que rouba, perde o que joga, torna a roubar o que perde... e assim por diante. Tem futuro, aquelle máganão.

CLOTILDE

E aquella alta, distincta bastante, que está de pé voltando-nos as costas?

POMEROL

A condessa! ex-senhora da sociedade! Mysterio e quéda!

CLOTILDE

E aquella que bebe tantos licores?

POMEROL

Gibraltar! Utilidade e condescendencia.

CLOTILDE

E a de azul... que toça piano!

Uma rapariga.

POMEROL

E a de preto?

CLOTILDE

POMEROL

Uma velha! A de côr de rosa, uma insignificante! e a de verde um zero! Sobem ambos.

ROQUEVILLE

Vamos, meus senhores, já se tomou café!... Não percâmos tempo. Atravessa o theatro.

Sim! sim!

TODOS

ROQUEVILLE a Frederico que levanta depressa a mesa

Está tudo fechado?

Tudo.

FREDERICO

Os cães?

ROQUEVILLE

Soltos.

FREDERICO

ROQUEVILLE

Examina a sineta de rebate! E sentinella álferta!

FREDERICO

Sim, senhor. Reapparecem a sr.^a Sénéchal e Fernanda

ROQUEVILLE

Vamos, minhas senhoras, vamos para o jogo.

SR.^a SÉNÉCHAL

Fernanda!

FERNANDA

Eu vou minha mãe. Desce á direita e abre um movel fechado á chave, d'onde tira as cartas.

REQUEVILLE, a Fernanda, a meia voz, recebendo-lhe os baralhos das mãos, á medida que ella os tira

Quero fallar-lhe esta noite! Fernanda dá-lhe as cartas sem dizer nada. Asperamente. Ouve-me?

FERNANDA

Ouvi.

Roqueville sobe com as cartas. Fernanda vai levar outros baralhos á casa de jantar onde se grupam outros jogadores

BRACASSIN, á sr.^a Sénéchal, que prepara os tentos

Vamos, vamos, mamã Sénéchal. Mais depressa. E aviar que estamos perdendo tempo.

TODOS

Sim, sim! depressa. Collocam-se.

Á esquerda em torno de uma roleta, Maresquier, Anatole, e outros. Ao fundo defronte do piano, Bracassin, Fleur-de-Pecher, Santa-Cruz. Jogo na sala de jantar.

SANTA-CRUZ, a Amanda

Ha de perdoar, esse logar já eu tinha reservado para mim.

AMANDA, sentando-se

E eu tomei-lh'ó.

SANTA-CRUZ

Faz favor de me restituir o meu logar, trapaceira.

AMANDA

Olhe lá como falla, seu figo passado!

ROQUEVILLE

As mulheres que se calem.

CLOTILDE, baixo a Pomerol

Que lhe importa a ella ficar n'aquelle ou n'outro logar?

POMEROL

É que julga depender d'aquillo a sua fortuna! Uma mania tão velha como a do soldo furado!... mas é do seu tempo!

CLOTILDE

Uma mania!

POMEROL

Sim. Não vê o velhinho Maresquier pondo na cabeça um barrete de seda preto?

CLOTILDE

Vejo.

POMEROL

Pois bem, é uma mania! Não jogaria sem ter o barrete! Faz aquillo ha dez annos!

CLOTILDE

Ganha então com elle?

POMEROL

Nunca ganhou.

CLOTILDE

N'esse caso?...

POMEROL

Se vamos applicar o raciocinio ás superstições! Thomasseau não jogaria sem amontoar o dinheiro lá de uma certa fórma. Anatole ganhou-nos por espaço de dois mezes, graças a uma aranha que trazia no relógio. Bracassin, que se ri d'estas tolices, magnetisa as cartas! e Gibraltar, que as despreza, invoca o espirito de Mazarino, o maior trapaceiro do seu tempo.

CLOTILDE

Meu Deus! que exquisita gente!

Principia-se a jogar. Fernanda que tornou a saír da sala do jantar, veiu lentamente pela direita até ao canapé, onde se sentou, triste e como exausta de forças

CLOTILDE

Ei-la sosinha! Não é agora occasião?

POMEROL

E! Elle vae docemente a Fernanda, que o não vê chegar. Bulha dos jogadores.

FERNANDA

O sr. de Pomerol ainda cá está?

POMEROL

Como vê.

FERNANDA

Porque ficou? Fez mal.

POMEROL, alegremente

Eu já não jogo... estou inteiramente curado.

FERNANDA

Vive-se n'essa idéa... e um bello dia.

Clotilde, atravessa a scena devagar e vem collocar-se
por detrás do canapé a escutar

POMEROL

Pela minha parte não tenho medo... Fiz juramento áquella a quem amo de não tornar a mexer n'uma carta.

FERNANDA, sem ver Clotilde

Se o sr. de Pomerol ama... então?

POMEROL

O desastre de ainda agora não lhe causou mal algum?

FERNANDA

Estou perfeitamente boa.

POMEROL

Acho-a triste!

FERNANDA

Bem sabe que nunca fui alegre!

POMEROL

E realmente não tem motivo para o ser. Risos,

gritos dos jogadores ao fundo. Tudo isto é tão feio para ver e ouvir.

FLEUR-DE-PECHER

É nosso, Amanda!... Apanha! Riem!

FERNANDA

Divertem-se, ... riem-se!... São bem felizes!

POMEROL

Tens-lhes inveja?

FERNANDA

Se as invejo! Ao menos ellas levam a vida de que gostam; enquanto que eu!... Depois de silencio. E lembrar-me eu que ha mulheres a esta hora que trabalham tranquillamente em seu lar, entre seus maridos, que descansam, e seus filhos, que dormem! E nunca conhecerei eu tal felicidade!... nunca!... Não é todavia muito ambiciosa esta felicidade; tem-n'a a ultima das aldeãs.

POMEROL pegando-lhe amigavelmente na mão

E porque não ha de tê-la Fernanda, como qual-quer outra?

FERNANDA, depois de haver acenado tristemente com a cabeça e lutando com as lagrimas

Ah! sr. de Pomerol! Faltam-me já as forças e o animo! Não posso... não posso mais!

POMEROL

Ora vejamos!... o que é isso?... lagrimas!...

FERNANDA, soluçando

Pois não valia mais estar morta!... Ah! quando

me lembra de que poderia estar morta agora! Estaria tão socegada! Risos e vozerias dos jogadores

POMEROL

Cale-se, desgraçada creança! É então verdade o que se diz... aquella carruagem... foi voluntariamente?... .

Quem disse tal?

FERNANDA

POMEROL

Sei-o eu finalmente.

FERNANDA

E minha mãe tambem?

POMEROL

Não. Ella, nada sabe.

FERNANDA

Ah! sr. de Pomerol, não o diga a minha mãe! Supplico-lhe. A ella, não.

POMEROL

A ninguem, minha filha; mas, uma vez que falla em sua mãe, que seria d'ella agora, se por desgraça...

FERNANDA

Oh! bem sei... mas eu não pensava em tal... Estava como doida.

POMEROL

Jure-me ao menos que não recommeará!

CLOTILDE, agarrando a mão de Fernanda

Recomeçar! agora que não está sósinha!

FERNANDA, reconhecendo-a

Minha senhora!

CLOTILDE, sentando-se ao lado d'ella no canapé

Sou eu, sim, que voltei para a consolar, minha querida menina, e cumprir a promessa que elle lhe fez.

FERNANDA

Oh! minha senhora! faça-me isso! supplico-lhe! oh! é uma boa obra de caridade, asseguro-lhe!

CLOTILDE

Pois bem, amanhã em minha casa ás cinco horas! encarrego-me da menina . . . e tambem de sua mãe! . . . Está dito?

FERNANDA, beijando-lhe as mãos

Oh! minha senhora!

CLOTILDE

Cale-se, que estão olhando para nós . . . Enxugue as lagrimas.

ROQUEVILE

Suspendam! Os jogadores surprehendidos suspendem. Oigo ladrar os cães.

LUITOS JOGADORES, assustados

Os cães ladram! Prestam todos o ouvido.

É a policia!

BRACASSIN

A policia!

TODOS

BRACASSIN, a meia voz, ao commendador

Largue o dinheiro, se faz favor.

COMMENDADOR

Mas! . . .

ROQUEVILLE, com auctoridade

Calem-se!

Movimento de susto. A roleta é substituída por um taboleiro de xadrez. As damas tiram costuras e bordados das algibeiras e trabalham. Amanda, toca piano, um amador canta, o caixeiro bate o compasso, etc. Frederico apparece no limiar da porta.

SR.º SÉNÉCHAL

Ha alguma novidade?

FREDERICO

Nenhuma absolutamente.

ROQUEVILLE

Então por que ladram tanto os cães!

FREDERICO

Ah! os cães! . . . É a lua; ladram á lua! Respiram todos.

BRACASSIN, socegado

Que os leve o demonio!

GIBRALTAR

Ai, que susto!

ANATOLE

Sinto um calor!

FLEUR-DE-PECHER

Que tolos que fomos! Começam todos a rir e o jogo recomeça mais forte.

BRACASSIN

Quem faz banca?

ANATOLE

Eu! eu!

ROQUEVILLE, descendo á direita, a Fernanda

Quem é aquella senhora que lhe apertava a mão com tamanha ternura?

FERNANDA

Que lhe importa?

ROQUEVILLE

Importa-me. Desconfio d'aquelle sr. de Pomerol e desejo saber em que se conspira ali ha uma hora.

FERNANDA

Não é nada, que seja preciso dizer-lhe.

ROQUEVILLE

Veremos.—Vá-me esperar para o seu quarto—e lá m'ó dirá.

FERNANDA

Não vou para o meu quarto... é inutil lá ir.

ROQUEVILLE

O que diz?

FERNANDA

Que não vou para o meu quarto.

ROQUEVILLE

Tome sentido, Fernanda. . . Noto-lhe ha quinze dias veleidades de independencia. . . e eu gosto que me obedecam.

FERNANDA

É que eu não quero obedecer-lhe mais. . . não quero. . .

ROQUEVILLE

Se premedita um rompimento, declare-o então.

FERNANDA

Declaro, sim, é isso mesmo.

ROQUEVILLE, rindo com mau riso

Ora vamos, não seja louquinha!

FERNANDA

Oh! não me toque senhor senão eu grito!

CLOTILDE, chamando a atenção de Roqueville para o que se passa

Felippe!

ROQUEVILLE

E porque?

FERNANDA

Porque eu o odeio e desprezo.

ROQUEVILLE, fóra de si, agarrando-lhe o braço

Por bem ou por mal. . . has de vir. . .

FERNANDA, dando um grito

Ah!

POMEROL salta ás goelas e subjuga-o em cima do canapé

Canalha! Todos os jogadores se levantam em tumulto.

SR.^a SÉNÉCHAL, correndo e acolhendo a filha nos braços

Minha filha! pois elle ousa tocar em minha filha!

ROQUEVILLE, desesperadissimo

Largue-me! Bracassin e Anatole separam-os.

POMEROL

Torturar aquella creança!

ROQUEVILLE, fóra de si

Em que se intromette, o senhor? Pois eu não posso fallar tranquilamente a minha a... Movimento.

POMEROL

Acaba... e eu esgano-te.

SR.^a SÉNÉCHAL

A minha filha!... elle mente!... o infame! Fernanda?

FERNANDA, desfallecida

Oh! minha mãe! leve-me d'aqui! As mulheres rodeiam-a.

ROQUEVILLE, desembaraçando-se

Ah! eu me vingarei.

SR.^a SÉNÉCHAL, voltando-se para elle e detida por Pomerol

Vingares-te! eu, porém, rio-me de ti! tratante covarde!

AMANDA, FLEUR-DE-PECHER e GIBRALTAR

Então, Sénéchal!

SR.^a SÉNÉCHAL fóra de si

Sáiam todos! Todos, juntamente com elle! Ouvem! Abrindo a janella de par em par Ou eu chamo! E grito para a rua que isto é uma caverna de ladrões, onde querem matar a minha filha...

AMANDA

Isso é que é serio!

ANATOLE

Safa! a mulher endoideceu!

BRACASSIN

O commendador arrecadou o meu dinheiro! O commendador! São correndo. Os jogadores apanham as suas paradas vivamente, e dispersam-se durante o que segue.

ROQUEVILLE, a Pomerol

Descanse, que eu hei de tornar a encontra-lo.

POMEROL

Dou-te de conselho que o tentes! Vamos, Clotilde! Depressa. O commissario não está talvez longe. Amanhã cuidaremos d'ella!

SR.^a SÉNÉCHAL, tentando reanimar a filha

Minha filha, minha Fernanda!

CLOTILDE

Pobre rapariga!... Compreendo agora por que
ella se queria matar!

ACTO SEGUNDO

Uma sala em casa de Clotilde—Porta de entrada ao fundo
—Janella á direita dando para o pateo—Portas de quartos ao fundo, dos dois lados, fogão á esquerda, com espelho sem aço—Canapé defronte do fogão, collocado obliquamente—Mesa pequena na ponta do canapé—Á direita mesa—Poltronas, cadeiras, duas cadeiras baixas.

SCENA I

CLOTILDE e GEORGINA

Clotilde, está sentada no canapé e escreve, Georgina entra vivamente fallando á creada de quarto que lhe abre a porta

GEORGINA, muito febril

O sr. de Pomerol, não está cá? Não está, não é assim?

Teu marido?

CLOTILDE

GEORGINA

Meu marido, sim! meu marido, sim!

CLOTILDE

Não está! Bem vês!

GEORGINA

É isso mesmo. Não está! Tinha a certeza!

CLOTILDE

Jesus! que entrada! O que ha de novo?

GEORGINA

Ah! prima, tu censuras-me muitas vezes, aquillo a que tu chamas os meus loucos ciumes... mas d'esta vez!...

CLOTILDE

Então?

GEORGINA

Nada, nada! Não admitto isto. Sae de casa ás oito horas da manhã, dizendo-me: irei aqui, depois ali, em seguida a casa de Clotilde, e estarei de volta ás tres horas: são cinco e estou á espera ainda... é demais. Senta-se á esquerda.

CLOTILDE

Valha-te Deus, minha querida! francamente, n'um dia de partida... Um advogado que vae pleitear tão longe!... está com certeza no tribunal.

GEORGINA

Pois sim! E hontem á noite, estava tambem no tribunal, para me entrar para casa depois da meia noite?

CLOTILDE

Ah! hontem! Elle não te contou nada sobre a noite de hontem?

GEORGINA

Nada absolutamente.

CLOTILDE

E que não havia o menor interesse para ti! E realmente, és muito creança, com os teus desarrasoados ciumes!

GEORGINA

Desarrasoados! com um tal marido! um passado! uma mocidade!

CLOTILDE, levantando-se

Mais uma rasão para descansares. Os que foram grandes extravagantes são os melhores maridos! Tornam-se tão socegados!

GEORGINA

Socegado! elle?... acho-lhe as gavetas cheias de mulheres!

CLOTILDE

De mulheres?

GEORGINA

Sim. Não posso remexer-lhe os papeis sem ali encontrar cartas, photographias! E mesmo ainda agora preparando-lhe as malas! Mostra-lhe retratos, em photographia.

CLOTILDE

Retratos!

GEORGINA

De mulheres! Olha esta: como está decotada!... Que indecencia! E esta, toda desgrenhada!... e mais esta, que parece estar-se rindo para mim!... e no reverso esta linguagem de costureirinha: «a sua amada ao seu bem!»

CLOTILDE, embaraçada

Ora, quem sabe? Talvez clientes antigas!

GEORGINA

Ha de ser isso!... Clientes! Quando apparece lá em casa alguma mulher bonita de véu, com quem elle se fecha horas e horas! É uma cliente! E se eu quero estar presente? Não ha licença... Segredos da profissão!... Mas o véu?... Por certo entra-se em nossa casa, como se entra em casa dos medicos!... Mas, se é o mesmo do que em casa dos medicos!... Georgina, minha querida, peço-te que vás para o teu quarto... Eu saio! desespero-me!... e choro!... quero dizer, chorava; porque actualmente tenho um processo meu para me tranquillisar.

CLOTILDE

Ah!

GEORGINA

Foi um buraco que eu abri na parede, e por onde vejo tudo que se passa no seu gabinete.

CLOTILDE

E que foi que tu viste no seu gabinete?

GEORGINA

Oh! a primeira vez! ha oito dias... vi um escandalo!... Aquella era uma loira alta, embiocada até aqui! Ella entra, elle fecha a porta! eu colloco-me no meu observatorio, ella tira o véu!... era bonita. Meu marido aproxima-se, ella falla... falla! Eu via bem, mas nada ouvia! De repente levanta-se e desaperda o vestido...

CLOTILDE

Ah!

GEORGINA

Tira o collarinho e descobre o hombro todo!

CLOTILDE

Oh!

GEORGINA

Não quiz ver mais, como deves acreditar! Corro á porta, bato, grito: Philippe abre assombrado, a mulher compõe-se! quadro!... Seguem-se explicações... e eu não tinha rasão!

CLOTILDE

Ah!

GEORGINA

Ella andava em demanda para divorciar-se, e mostrava-lhe as nodoas que o marido lhe tinha feito no corpo! E pelas nodoas respondo eu... que as vi.

CLOTILDE

E isso não te corrigiu das tuas malditas suspeitas?

GEORGINA

Não! e tu bem vêes que eu tenho rasão, e que ha seja o que for... Porque a final, aquellas cartas!

CLOTILDE

Lá vens tu com o passado!

GEORGINA

Mas é que eu tenho ciumes do passado! Só a idéa de que elle disse a outras mulheres: amo-a!... Oh! e se elle tivesse unicamente dito isto!... e se não tivesse feito mais do que disse! E depois, queres saber? Para qualquer mulher que elle olha na rua, penso eu logo que é uma das taes! e arrancava-lhe os olhos! Comprehando o crime!

CLOTILDE

E devo todavia dizer-te, minha querida, que a tua historia é a de todas as casadas de pouco tempo.

GEORGINA

Isso não me consola.

CLOTILDE

E realmente, um marido que nunca tivesse amado antes de casar, offerecia tristes garantias de segurança; alem de um certo ridiculo que isso lhe dava.

GEORGINA

Ahi vem o palavrão: ridiculo! Que bello argumento! Tenha embora cem amantes o marido antes

de casar... muito bem feito! Um unico que tenha a mulher... muito mal feito!

CLOTILDE

Por certo.

GEORGINA

Pois eu acho isso indigno e monstruoso. Porque não ha de elle trazer-me as primicias do seu coração como eu lhe dou as do meu?

CLOTILDE

Creança!

GEORGINA

Chamar-me creança não é uma rasão. Porque exigem elles de nós virtudes que não têm?

CLOTILDE

Porque são essas virtudes que fazem todo o nosso prestigio a seus olhos. Se tanto as estimam em nós, é que se reconhecem incapazes de as ter. Queixa-te d'esta superioridade que elles nos concedem!

GEORGINA

Eu riu-me da superioridade; basta-me a igualdade.

CLOTILDE

Ai, minha querida, no dia em que nós formos unicamente suas iguaes, como lhes seremos inferiores!

GEORGINA

Finalmente, tu não és zelosa?

CLOTILDE

Sou talvez tanto como tu.

GEORGINA

Então?

CLOTILDE

Mas é só do presente, e já é bastante.

GEORGINA

Zelosa como eu, capaz de morder, de ferir, de matar!

CLOTILDE

Jesus!

GEORGINA

Emfim, se tu fosses enganada, que farias?

CLOTILDE

Eu?

GEORGINA

Sim.

CLOTILDE, muito pallida

O que... ah! não sei; mas não desejo que me aconteça!... Deixemos estas loucuras que me perturbam e... Vae ao fogão.

GEORGINA, subindo

Ao contrario, e já que encetámos este capitulo, permittes-me um bom aviso, prima?

CLOTILDE

Um aviso?...

GEORGINA

Sim, sobre o teu futuro casamento.

CLOTILDE

Falla.

GEORGINA

Hontem estava de visita em casa de Hortensia.

CLOTILDE

A sr.^a de Brionne?

GEORGINA

Sim... d'aquella sr.^a de Brionne que é tão amea... e tão falsa.

CLOTILDE

E então?

GEORGINA

Então, ao mesmo tempo que eu folheava um album, prestava o ouvido a certa conversação travada mais longe, a meia voz, e em que se havia pronunciado o teu nome... Mas, dizia um, quando se realisa esse famoso casamento? Era mais que tempo, dizia outro, porque a final o marquez...

CLOTILDE

Ah! tratava-se do marquez? Senta-se no canapé.

GEORGINA

Vê-se com ella o marquez em toda a parte... Era necessario saber-se o que ha a semelhante respeito, para então calcularmos qual é o nosso procedimento devido. Fallando mais alguém n'esta occasião, não

pude ouvir o resto, saívo esta phrase de Hortensia: «Realmente seria bem triste para Clotilde, que está compromettida com elle mais do que devêra estar».

Compromettida!

CLOTILDE

GEORGINA

Foi essa palavra, querida prima, que me decidiu a narrar-te o incidente, quando não fosse senão para enraivecer aquella ruim Hortensia.

CLOTILDE

É uma creatura má, é.

THEREZA

A sr.^a de Brionne pergunta se a senhora...

GEORGINA

Ella?

CLOTILDE

Sim, sim, mande entrar. Levanta-se.

SCENA II

CLOTILDE, sr.^a de BRIONNE e GEORGINA

SR.^a DE BRIONNE

Não se incommode, querida Clotilde, isto é entrada por saída.

CLOTILDE, indicando-lhe uma cadeira

Bem sabe que é sempre desejada n'esta casa.

SR.^a DE BRIONNE

Não, não aceito cadeira!, . . . Saio já. A Georgina. Bons dias, minha joia! A Clotilde. Estão lá em baixo á minha espera. . . , só duas palavras, e vou-me embora,

CLOTILDE

Queira então dizê-las.

SR.^a DE BRIONNE

Minha irmã e eu, querida amiga, desejamos muito ir ámanhã á camara, ande se dirão, segundo ouvi, cousas extremamente curiosas! e lembrou-me que com uma recommendação da minha amiga, o marquez nos facilitaria a sua influencia.

CLOTILDE

O marquez? . . . Mas bem sabe que está ausente!

SR.^a DE BRIONNE

Pois não voltou já?

CLOTILDE

Ainda não.

SR.^a DE BRIONNE

Admira-me o que lhe oiço! Como é possível! Chateaugiron disse-me have-lo encontrado hontem! . . .

CLOTILDE

Ao marquez?

SR.^a DE BRIONNE

A elle sim, em carruagem fechada.

CLOTILDE

Foi engano.

SR.^a DE BRIONNE

Evidentemente. A minha amiga era de certo a primeira instruida da sua chegada. Ralharei com Chateaugiron, que parecia ter a certeza.

CLOTILDE, dissimulando a inquietação

. Pois enganou-se completamente.

SR.^a DE BRIONNE

Ha parecenças... Não fallemos' mais n'isto, minha querida. Vou bater a outra porta.

CLOTILDE

Já?

SR.^a DE BRIONNE

Já... Preciso alcançar os logares na camara... A Georgina. Até á vista, minha flor! Que boa cara com que está, a queridinha! Seu marido parte?

GEORGINA

Esta noite.

SR.^a DE BRIONNE

Leva-a em sua companhia?

GEORGINA

Vae sósinho.

SR.^a DE BRIONNE

Oh! que imprudencia, meu anjo! Não convem deixar ir os maridos para tão longe sósinhos... e

por tanto tempo. E eu aqui a tagarelar... Se me custa deixa-las... Até breve, não é assim?

CLOTILDE

Até breve.

SR.^a DE BRIONNE

Isso mesmo. Até breve!... até breve! Sac.

SCENA III

CLOTILDE, GEORGINA e depois POMEROL

GEORGINA, desesperada

Serpente! Sabe que eu sou zelosa!

CLOTILDE, que tocára chamando Thereza

Thereza! Já vieram do telegrapho?

THEREZA

Ainda não, minha senhora.

GEORGINA

Esperas algum despacho?

CLOTILDE

Espero, sim, de André.

GEORGINA

E estás inquieta! Apraz-me ver que não sou eu a unica!

POMEROL

Póde-se fallar á senhora?

GEORGINA

Meu marido! Emfim! Chegue-se, ande, chegue-se.

SCENA IV

Os mesmos e POMEROL

POMEROL

Ah! Georgina! Tanto melhor! Bons dias, Clotilde!

GEORGINA

D'onde vem o senhor?

POMEROL

Isso é muito comprido.

GEORGINA

D'onde vem?

POMEROL

Uma scena! Oh! não, hoje não, peço-te! Á minha volta.

GEORGINA

Pois não!

POMEROL

Tanto mais que eu estou de mau humor... Acabo de dar volta a todas as minhas gavetas sem poder encontrar um pequeno maço.

GEORGINA

E eu encontro sem procurar.

POMEROL

O que?

GEORGINA, mostrando-lhe as cartas

Isto!

POMEROL

Ah! ei-las.

GEORGINA

Heim!

POMEROL

O que eu procuro! E é ella que as tem!

GEORGINA

Sou eu, sim.

POMEROL

Devia suspeitá-lo! Mas que mania é essa de me revolver os autos!

GEORGINA

Isto, um auto!

POMEROL

Sim... É o auto Machanneau.

GEORGINA

A mulher das nodoas róxas?

POMEROL

A mulher das nodoas róxas. Injurias e sevicias! Introdução pelo marido de mulheres libertinas no domicilio conjugal e provas em confirmação. Photographias d'aquellas, com dedicatorias incendiarias!

GEORGINA

Então a *sua amada ao seu bem?*

POMEROL

Machanneau!

GEORGINA

E eu que julgava que eras tu!

POMEROL

Continúas sempre? Eu, o *seu bem!*

GEORGINA, tapando-lhe a boca

Está bom, está bom, basta! perdôo-lhe essa.

POMEROL, beijando-lhe a mão

Obrigado!

GEORGINA

Mas isto? Amostra-lhe uma pequena caixinha.

POMEROL

Ainda mais o que?

GEORGINA

Esta miniatura na sua secretária!

POMEROL

Uma miniatura!

GEORGINA

Um retrato de actriz! Vestida á Luiz XVI, e empoada!

POMEROL

No meu gabinete?

GEORGINA

Negue! Abre a caixinha e mostra.

POMEROL, vendo

A minha bisavó!

GEORGINA

Sua?... Uma mulher tão nova como isto!

POMEROL

Podera, em 87!

GEORGINA, admirada

Ah!

POMEROL, a Clotilde

É doida, é doida, é doida! Senta-se á mesa.

GEORGINA

Está bom, basta, ainda lhe perdão mais esta!...
Mas ha tantas outras!

POMEROL

E as minhas malas, e a minha roupa, nada está
prompto?

GEORGINA

Meu Deus, socegue, que eu vou! Mostre-m'ó ainda
uma vez... Olha para o retrato. É velho, é! beijando-o. Ah!
como eu te amo e como estou contente! A meia voz. Ju-
ra-me que me não enganarás na Corsega!

POMEROL

Juro.

GEORGINA

Sobre esta imagem veneranda!

POMEROL

Sim!... e as minhas malas?

GEORGINA

Vou a correr. Mas vae lá ter depressa!

POMEROL

Já.

GEORGINA

Oh! como eu estou contente! ah! como eu estou contente! Sae correndo.

SCENA V

CLOTILDE e POMEROL

CLOTILDE

Confesse que ella ama-o devéras.

POMEROL

E convenha que eu pago-lhe na mesma moeda.

CLOTILDE

Isso... creio eu.

POMEROL

Fallemos de André... Tem noticias de André?

CLOTILDE

Recebi uma carta esta manhã.

POMEROL

De Blois?

CLOTILDE

Aqui está a estampilha.

POMEROL

Ora ainda bem.

CLOTILDE

Chegou exactamente quando eu acabava de mandar um despacho telegraphico para saber se André está realmente em Blois! E espero a resposta!

POMEROL

Pois duram as suspeitas?

CLOTILDE

Ah! meu amigo! Não é hoje que eu pergunto a mim mesma, se elle me ama! Emfim, que lhe direi, o senhor que ama, colloque-se na posição da mulher e dos seus nervos, e de uma mulher naturalmente muito zelosa...

POMEROL

E não menos nervosa!

CLOTILDE

E talvez um tanto louca.

POMEROL

Talvez!

CLOTILDE

Olhe, tem razão... Deixemos os meus ridiculos temores e fallemos das suas protegidas, porque fez, creio, tudo quanto se combinou?

POMEROL

E alem dos nossos desejos. Às nove horas da manhã, estava eu na rua das Acacias, onde achei as pobres mulheres tristes como pôde imaginar!

CLOTILDE

Imagino. E não nos enganámos? Aquelle infame Roqueville...

POMEROL

Era verdade!

CLOTILDE

Que desgraça!

POMEROL

Foi na occasião em que sua mãe estava presa. Convenceu-a primeiro que lh'a restituiria, fazendo-a sair da prisão, depois aproveitando o ensejo de ella estar sósinha, sem defeza, á força de promessas e ameaças...

CLOTILDE

Pobre rapariga!

POMEROL

E não estar eu lá! Que remorso!

CLOTILDE

E mostram-se ambas resolvidas á partida?

POMEROL

Ora essa! já tinham as malas feitas! Gibraltar achou-se ali a proposito... para tratar da compra da mobilia, e de tudo mais, incluindo os tratantes dos frequentadores! Às dez horas achava-se tudo

concluido. Assignava-se a transferencia do arrendamento em casa do senhorio. Às onze horas, metti-se eu em uma carruagem, e um quarto de hora depois, hospedava-as no hotel de Normandia... rua do Havre... como provincianas chegadas n'aquelle momento.

CLOTILDE, levantando-se

Muito bem. O resto fica por minha conta...

POMEROL, levantando-se

Eu não ousava lembrar-lh'o, minha querida Clotilde; mas bem sabe que eu vou partir: é a prima que deve proseguir na obra começada, até á minha volta, que póde prolongar-se.

CLOTILDE

Confie em mim. Porém ellas não esperam ficar n'esse hotel?

POMEROL

Não. Mas sairão de lá unicamente por seu conselho, e para habitar o bairro que a prima julgar mais conveniente para os projectos que tiver sobre ellas.

CLOTILDE

Pensaremos n'isso!... E... porque tudo agora tem significação... o seu porte?... o seu vestuario?

POMEROL

Excellentes! Póde julgar desde já, porque ellas estão ali no square, em frente! sentadas n'um banco.

CLOTILDE

Ali?

POMEROL, indicando-lhe o espelho sem aço.

Veja! Approximam-se do fogão.

CLOTILDE

Ah! são então aquellas duas mulheres de vestidos escuros?

POMEROL

Exactamente.

CLOTILDE

Tem razão! Uma presença modestissima! Mas que estão ellas fazendo ali?

POMEROL

Esperam. Só tem um sonho, como deve suppor: é de serem recebidas pela prima... mas apesar do seu convite formal e da minha insistencia, não consentiram em subir commigo... melindre que se lhe não póde levar a mal; e estou aqui para lhes transmittir as ordens de Clotilde. Decida!

CLOTILDE

Mas que venham! Preciso conversar com ellas!

POMEROL

Recebe-as então?

CLOTILDE

Já.

POMEROL, depois de um signal feito á janella

Tinha essa certeza. Viram-me... é o signal ajustado para lhes dizer que subam. Mas decididamente Clotilde, é o anjo da caridade. Digo-lhe adeus, e deixo-a com ellas, porque a hora espicaça-me.

CLOTILDE

Então, até quando?

POMEROL

Até d'aquí a um mez, seis semanas!... que sei eu... a minha morada em Bastia... Hotel Paoli!

CLOTILDE

Muito bem!

CREADO, entrando

Estão ali umas senhoras...

CLOTILDE, interrompendo o

Que entrem! Introduzem Fernanda e sua mãe.

SCENA VI

Os mesmos, FERNANDA e SR.^a SÉNÉCHAL

POMEROL, indo a Fernanda e pegando-lhe na mão

Minha querida Clotilde... aqui está uma pobre creança que treme, mas que perderá todo o receio quando a conhecer como eu a conheço.

CLOTILDE, pegando na mão de Fernanda

Tremem, porque? Não é verdade que não tremem?

FERNANDA, timidamente

Alguma cousa.

POMEROL

Então adeus, minha querida Fernanda. Deixo-a, e a sua mãe, em melhores mãos do que as minhas.

CLOTILDE

Justificarei a sua confiança, Philippe... Boa viagem!

POMEROL, beijando-a

Obrigado, prima, e até á vista! Até á vista!

SCENA VII

CLOTILDE, FERNANDA e SR.^a SÉNÉCHAL

CLOTILDE

Agora nós tres conversemos. Faz-lhe signal para se sentarem no canapé.

SR.^a SÉNÉCHAL, sem se sentar

Oh! minha senhora! é tamanha a sua bondade para comnosco, que minha filha e eu não sabemos como lhe agradecer.

CLOTILDE

Agradecer-me-hão mais tarde, quando eu tiver feito alguma cousa em seu beneficio. Mas sentem-se, peço-lhes... Vamos a saber: Pomerol disse-me que estavam n'um hotel.

SR.^a SÉNÉCHAL

Por emquanto, estamos.

CLOTILDE

Mas não podem nem devem ali ficar.

SR.^a SÉNÉCHAL

Oh! não, minha senhora... lembrou-me procu-

rar uma casa pequena, n'um bairro bem afastado d'aquelle em que moravamos... para as bandas de Santa Genoveva, por exemplo, mas o sr. de Pomerol disse-me que nada fizesse sem a consultar.

CLOTILDE

Elle tinha rasão, e é talvez longe o sitio que escolhia. Depois não é só a casa. É necessario mobilá-la e n'isso gastavam todos os seus recursos. Venderam caro o estabelecimento?

SR.^a SÈNÉCHAL

Por dez mil francos, minha senhora... a mobilia e tudo mais!... mas recebi apenas dois mil francos em dinheiro... o resto em letras.

CLOTILDE

Com dois mil francos pouco se faz; a compra da mobilia arruina-las-ia depressa. Vou propor-lhes outra cousa. Levantando-se com ellas. Tenho ali n'aquella casa que me pertence, e do outro lado do pateo mostra a janella uma pequena habitação, toda mobilada e occupada precedentemente pelo meu administrador, que morreu ha dois mezes... e nada lhe podia convir mais. Moveis... um quarto para a senhora... outro para sua filha... Uma sala pequena!... um piano!... toca piano?

FERNANDA

Toco sim, minha senhora.

SR.^a SÈNÉCHAL

Podia acrescentar, minha senhora, que é' uma grande pianista, e artista de coração...

CLOTILDE

Tanto melhor!... é já um talento que nos poderá servir! O piano é que ha de precisar afinado, mas tudo mais está em boa ordem. E se o meu offerecimento lhes agrada.

SR.^a SÉNÉCHAL e FERNANDA

Oh! minha senhora!

CLOTILDE

Vejo para as senhoras, alem da vantagem da economia, a de não ter que dar informações a ninguem, e a de se acharem fóra absolutamente da sociedade em que viveram até aqui. Então, está dito. Vamos juntas ver a casa. Irá um creado meu buscar as bagagens ao hotel, e tomam já posse da habitação! Ah! uma palavra mais... Não podem para aqui entrar, nem pelas senhoras nem por mim, com o mesmo nome de que usavam lá fóra.

SR.^a SÉNÉCHAL

Era apenas um nome de emprestimo, minha senhora, e graças a Deus ninguem me conhece em Paris sob o meu verdadeiro nome...

CLOTILDE

O seu verdadeiro nome... é esse que deve retomar... seu marido chamava-se?...

SR.^a SÉNÉCHAL

De la Brière, minha senhora, e é já sob este nome que me conhecem no hotel.

CLOTILDE

E que a hão de conhecer em minha casa. E sua filha não tem igualmente outro nome que não seja o de Fernanda?

SR.^a SÉNÉCHAL

Chama-se tambem Margarida.

CLOTILDE

Pois não se tornará a chamar senão Margarida. E a senhora será para toda a gente a viuva do sr. de la Brière, morto por desgraça n'uma caçada, e arruinado. Viveram até aqui na provincia do pouco que elle lhes deixou, e vieram para Paris em busca de uma posição que lhes desse meios de subsistencia.

SR.^a SÉNÉCHAL

Pois sim, minha senhora.

CLOTILDE

Somos forçosamente obrigadas a mentir! E não seria a verdade que nos favorecesse a posição... A Fernanda que tenta ha iustantes esconder as lagrimas. Eu não digo isto para a atormentar, minha menina!

FERNANDA

Perdoe-me minha senhora, mas não está mais na minha mão! Nunca comprehendí tão verdadeiramente a minha indignidade como n'este momento em que é preciso disfarça-la sob tantas mentiras!

SR.^a SÉNÉCHAL

Minha filha!

FERNANDA

Oh! peço-lhe, minha senhora, que me não julgue pelo que sabe de mim. Não terá que lamentar a sua bondade extrema! Juro-lhe, minha senhora, juro-lhe...

SR.^a SÉNÉCHAL

Minha filha! minha querida filha!

CLOTILDE

Socegue, minha querida! Para todo o peccado ha perdão!

SR.^a SÉNÉCHAL

Oh! diga-lhe isso, minha senhora, porque eu não me canso de lh'o repetir... ella não me cré, e desde hontem que a sua desesperação me afflige profundamente... mas a senhora...

CLOTILDE, a Fernanda

Ora vamos, animo! creia em sua mãe!... creia-me tambem... e não pense senão em livrar-se da triste vida que levava.

FERNANDA, limpando os olhos

Oh! minha senhora, isso é o céu!

CLOTILDE

Pois bem! defendâmos o nosso céu! E vamos ver a nossa casa!

SCENA VIII

Os mesmos e THEREZA

THEREZA

Minha senhora, é a resposta.

CLOTILDE

Ah! é o despacho... Com licença.

SR.^a SÉNÉCHAL

Então, minha senhora!

CLOTILDE, lendo

O sr. marquez chegou a Blois quarta feira... voltou para Paris no dia seguinte pela manhã. Surprehendida. No dia seguinte!... Está em Paris ha cinco dias!

THEREZA, vivamente

Cuidado, minha senhora.

CLOTILDE, muito perturbada

Ah! sim... leva-as d'aqui, Thereza! Alto. Perdoem-me, mas uma noticia que recebi... Não posso acompanhar-las a ver a casa! Thereza vae conduzi-las.

FERNANDA

Jesus, minha senhora, como está pallida! Por acaso essa noticia?...

CLOTILDE

Uma surpresa um tanto forte, nada mais. Vamos,

minha filha, vá com sua mãe... mais tarde renovaremos a nossa conversação!

FERNANDA, retirando-se lentamente e olhando para ella com inquietação

Sim, minha senhora.

SR.^a SÉNÉCHAL

Vem então!

FERNANDA, o mesmo

Asseguro-te, querida mãe, que ella teve desgosto... Sou competente para julgar. Saem com Thereza.

SCENA IX

CLOTILDE, sósinha e relendo

Na manhã seguinte: «É isto... desde quinta feira! Ha cinco dias, cinco dias que está em París... e que não está em sua casa... que o não vejo... que nada sei... e que recebo cartas datadas de Blois!... Mas tal procedimento é uma infamia! Enganar-me assim... E porque? Ha por força uma razão. Achando de repente. Um duello... um duello que me escondeu... É isto, é... Não, não é... Ha cinco dias já se tinha realisado... Oh! a carta anonyma dizia a verdade, e os meus presentimentos tambem... Já me não ama... atraígoa-me... E é por outra que elle... Ah! se eu tivesse a certeza!... E se elle já te não ama, desgraçada, que has de tu fazer?... Está acabado... Oh! meu Deus!... que tortura! E elle está em París... e eu não sei aonde encontra-lo... e não posso...

THEREZA, correndo muito alegre

Minha senhora, minha senhora!... o sr. marquez!

André!

CLOTILDE

THEREZA

A carruagem entrava no pateo, eu larguei aquellas senhoras para vir avisa-la!

CLOTILDE

Emfim!... Ah! louvado seja Deus!... Vou então saber... Oh! que has de tu mesmo dizer-me tudo, e ainda que não queiras has de dizer-m'o! Eu saberei arrancar-te a verdade.

THEREZA

Minha senhora, se me fosse permitido... se eu ousasse... Convinha não ralhar muito violentamente com o sr. marquez.

CLOTILDE, voltando-se a sorrir

Olha para mim. Tenho porventura apparencia de alguém que vae ralhar?

THEREZA, admirada

Não, minha senhora, não.

CLOTILDE, estremecendo

São os seus passos.

THEREZA

Sim, minha senhora, é elle! Sob

CLOTILDE

Vamos... animo. Está n'isto a minha vida toda!

SCENA X

CLOTILDE e ANDRÉ

CLOTILDE, com alegria

O que? Pois é o marquez?

ANDRÉ, o mesmo, apertando-lhe a mão

Sou eu...

CLOTILDE

Assim, sem prevenir?

ANDRÉ

Mas ha de ver que...

CLOTILDE, detendo-o docemente e apertando-lhe a mão

Cale-se!

ANDRÉ, surprehendido

Mas nós estamos sós?... Thereza sac

CLOTILDE, sem responder

Chegou então agora mesmo?

ANDRÉ

Agora mesmo.

CLOTILDE, sentada no canapé

Partiu n'esse caso muito inesperadamente; porque me dizia na sua carta: «Não conte ver-me antes do fim da semana».

ANDRÉ

É verdade; mas imprevistas circumstancias...
Emfim, cá estou.

CLOTILDE

É o importante... Sente-se aqui... e conversemos... Sentam-se ambos no canapé. Como passou todo este tempo longe de mim?

ANDRÉ

Tratando de mil negocios... minha querida amiga: rendas para receber, arrendamentos para renovar, distribuições para fazer... algumas caçadas... dois ou tres jantares de vizinhança...

CLOTILDE

Finalmente, não teve tempo para se aborrecer?

ANDRÉ

Tive... o de não poder vê-la!

CLOTILDE, jovial

Deixe-se de madrigaes... Confesse, André, que não soffreu muito com esta ausencia... Ora vamos, confesse!

ANDRÉ, admirado

Não a comprehendo, Clotilde!

CLOTILDE, levantando-se

Vae comprehender-me!... Quando partiu, meu caro André, disse eu commigo: Eis a occasião de eu fazer uma experiencia! Amando-nos nós ha tres an-

nos, é a primeira vez que nos succede viver toda uma semana apartados um do outro. Oxalá que não seja só um de nós que padeça!...

ANDRÉ, que se levantou

Mas...

CLOTILDE

Deixe-me acabar, meu amigo!... A sua carta d'esta manhã tranquillizou-me a seu respeito... é muito affectuosa... mas muito placida... Graceja, e até muito agradavelmente sobre os seus trabalhos de fidalgo rendeiro, mettido nos tamancos, e a prolongação da sua estada desperta-lhe apenas saudades tão moderadas como haveria a exigí-las da mais simples delicadeza!

ANDRÉ

Ah! minha querida Clotilde!

CLOTILDE, sorrindo

Mas deixe-me acabar! Eu não estou com ar de mulher zangada, não é assim, nem lhe faço uma scena de recriminações?

ANDRÉ

Ora exactamente o que me surprehende é a tranquillidade com que me diz tudo isso!

CLOTILDE

Ai, André, é que eu estou alliviada de um grande peso... Só tinha um medo! Jesus! Se eu ia receber a prova de que elle não podia viver sem mim, e que o meu abandono lhe era um golpe fatal!

ANDRÉ

O seu abandono!

CLOTILDE

Mas qual! Graças a Deus está feita a experiencia! apartou-se de mim sem amargura... volta para ao pé de mim, sem transporte! E foi-nos concedida esta boa fortuna, bem rara no amor, que, partindo ambos do mesmo ponto, eis-nos docemente chegados juntos ao fim da viagem, sem que um de nós tivesse dado o incommodo ao outro... de ser alguma vez arrastado pelo caminho.

ANDRÉ

Mas, Clotilde, não vê que isso que está dizendo significa uma despedida para mim?

CLOTILDE

Nem mais nem menos, meu pobre amigo!

ANDRÉ

Isto é que eu nunca podia esperar!

CLOTILDE

Vejamos, André, em boa fé... não havia notado antes d'esta partida... que eu já não era a mesma para o senhor.

ANDRÉ

Mas nunca!

CLOTILDE

Então, representei eu bem o meu papel; porque lh'o posso agora confessar. Quantas vezes, meu

amigo, n'estes ultimos tempos principalmente, disse eu commigo, quando o senhor saía d'esta sala: Tenho, porventura, alguma rasão de queixa d'elle?... Não. Deixou elle de revelar por mim, menos extremos e dedicação? Tambem não!... Porque é então que sendo o mesmo o seu coração, o meu mudou?... Porque está mudado, não tenho que duvidar... Já o não espero com a mesma impaciencia... Aquella inquietação quando elle tardava! aquella commoção tão doce que me dominava ao ouvir o rodar da sua carruagem... ao som da sua voz ou dos seus passos... já nada sinto!... Estimo-o, respeito-o tanto ou mais que nunca!... Mas ama-lo, não. E preciso convir, já o não amo...

ANDRÉ

Clotilde! pois é a senhora que?...

CLOTILDE, subindo á mesa e brincando com um espelho pequeno na mão

Adivinho o que me quer perguntar... como é que isto foi?... Acaso eu mesma o sei?... Como é que se vae o amor? Como veio! Eu não tinha mandado ao meu coração que o amasse... nem lhe prohibi que o fizesse... Elle retoma-se como se deu... sem minha licença... E a lei commum que todas as cousas tenham um fim e que morram do mesmo que viveram!... Eu havia chegado a esta dolorosa resolução... ao menos elle nada saberá. Sacrificar-me-hei... mentirei... Elle ha de julgar-se adorado como no primeiro dia, e só eu padecerei... Mas que supplicio, meu amigo, não era esta mentira de todos os instantes, e como eu abençoo esta viagem por me haver mostrado que a minha affeição

não lhe era tão indispensavel como eu julgava!... Mentir agora! é inutil, não é assim? Sabe tudo... lastimar-me-ha... E se a minha inconstancia precisa de desculpas... encontra-las-ha no seu proprio coração, comparando-o a elle mesmo.

ANDRÉ, sentando-se

Clotilde... é uma mulher adoravel, uma mulher extraordinaria, uma mulher como não ha outra!... A sua franqueza confunde-me, deveria fazer-me morrer de vergonha.... Ah! que superioridade que este momento lhe dá sobre mim. É a senhora quem primeiro fallou, e sou eu... eu quem fui o primeiro culpado!

CLOTILDE, dominada

Ah!

ANDRÉ, affectuosamente

A sua sinceridade arrasta-me; liberta-me. E posso tambem por minha vez confessar: essa historia do seu coração é palavra por palavra a historia do meu. Tudo o que disse comsigo disse eu commigo... tudo... mas eu calava-me... padecia... e não sei quando teria animo de fallar se me não houvesse dado o exemplo.

CLOTILDE, muito pallida, e dissimulando a sua dor
sob um falso sorriso

Devéras?...

ANDRÉ

Mas tão devéras que esta minha viagem não foi mais do que um pretexto.

CLOTILDE

Não esteve então em Touraine?

ANDRÉ, alegremente levantando-se

Estive lá só um dia! sim, minha querida amiga, um dia unicamente. Digo-lhe que foi tudo uma comedia. Imagine que... oh! mas que alegria que eu sinto agora em dizer-lh'o... respiro!... Emfim... emfim... basta de hypocrisia... Torno-me o que sou.

CLOTILDE, levantando-se

Dizia o marquez: imagine...

ANDRÉ

Imagine que só gastei o tempo de chegar a Blois, e de confiar a um meu amigo essas cartas que recebeu, com a missão de as enviar para o correio, olhando ás datas.

CLOTILDE

Oh! mas... é muito engenhoso isso para me enganar.

ANDRÉ

Por certo. E aqui está ao que nos obriga uma falsa posição.

CLOTILDE

De modo que voltou ás escondidas para Paris?

ANDRÉ, alegre

Na manhã seguinte.

CLOTILDE

Ha então outra mulher?

ANDRÉ

Oh!

CLOTILDE

Diga-me a verdade, André...

ANDRÉ

Pois bem, ha. Para que hei de eu agora esconder-lh'ò. Ha e não ha: ha em sonho, mas em realidade não ha.

CLOTILDE

Oh!

ANDRÉ

Oh! isto, Clotilde, creia. Não, não lhe fiz a injuria de lhe trazer aqui os restos de um amor prodigalisado aos pés de outra. Antes de chegar a isso, teria animo para a confissão... Que o meu amor se extinguisso como o seu, acabou de o dizer... é fatal... Tudo se gasta... mas que o meu coração jamais esqueça o que lhe deve, a ponto de lhe pagar com a ingratidão e o ultraje... oh! isso nunca. Amou-me, é o que basta para merecer o respeito de toda a minha vida. E não é só em mim religião da memoria, é orgulho legitimo!... Tenho orgulho em dizer commigo: «Ella não me julgou indigno do seu amor», e desejo que Clotilde pense sempre igualmente.

CLOTILDE

Emfim, ha uma mulher?

ANDRÉ

Em sonho, em sonho!

CLOTILDE

Seja em sonho! E esse bello regresso para Paris foi por causa d'ella!

ANDRÉ

Foi.

CLOTILDE

Conte-me isso.

ANDRÉ, indo ao fogao

É muito necessario?

CLOTILDE, sentando-se n'uma cadeira baixa

Ora essa!... mas... indispensavel!... Tenho direito a ser alguma cousa curiosa... confesse!... agora que isto é sem consequencia!

ANDRÉ

E depois isto é tão innocente.

CLOTILDE, jovialmente

Vejamos pois essa innocencia!

ANDRÉ

É adoravel! Foi então uma noite! Olhe, foi ha quinze dias... Oh! meu Deus!. n'aquella noite, em que altercámos um com o outro, nem eu sei porque!

CLOTILDE

Bem sei... n'essa noite então?

ANDRÉ

Deixei-a depois de jantar, quizilado bastante e só resolvido a vê-la no dia seguinte... Uma noite perdida... sem destino! Triste e ocioso... principiei a andar pelas ruas... ao acaso, e esse acaso

levou-me para o boulevard exterior, mesmo ao fim da rua dos Martyres. Aquelle bairro é assás animado! Caminhava para onde me attrahia a bulha e a luz, bem surprehendido d'ali me ver, e mais surprehendido ainda de me achar em frente de um theatro...

CLOTILDE

O theatro Montmartre?

ANDRÉ

Que eu conhecia apenas de nome! Tanto por enfado, como por curiosidade de conhecer aquelle mundo tão novo para mim, entrei. Do espectáculo nada lhe direi: não cheguei a entender bem o que ali se representava! E ia para sair tão indifferentemente como havia entrado, quando os meus olhos depararam com duas mulheres que acabavam de entrar em um camarote, a tres passos de mim!

CLOTILDE

Ah!

ANDRÉ

Mãe, segundo me pareceu, e filha: e esta era encantadora! Feições de uma modestia, e de uma doçura... emfim encantadora! Senta-se n'uma cadeira que arrastou.

CLOTILDE

A prova é que não saiu?

ANDRÉ

A prova é que não saí. E que a não perdi de vista todo o acto seguinte. O acto era muito alegre,

supponho, porque se ria muito em torno de mim... eu observava que a minha formosa desconhecida apenas sorria, e com um sorriso pallido aos bons ditos, nunca a uma trivialidade! Indicio de finura que me deu a melhor opinião sobre o seu espirito!... mas em desforra quando chegou a occasião das lagrimas! chorava tão a proposito e com uma dor tão sincera... que me deu igualmente a melhor opinião sobre o seu coração!

CLOTILDE

N'uma palavra; ei-lo apaixonado por essa rapariguinha, que ri a tempo e chora a proposito.

ANDRÉ

Apassionado, não... mas preocupado, curioso, interessado! oh! vivamente! D'aqui a notar a finura aristocratica da sua mão, a distincção das suas maneiras, o bom gosto e simplicidade do seu vestuario... e a perguntar como estava ali; depois a traçar um pequeno romance a seu respeito... dista apenas um passo! Vou-me em seguida a caminhar pelo paiz das hypotheses! Mas o que não vê, é o meu desapontamento, quando ao voltar para o meu logar, no ultimo acto, observei que o camarote estava vasio, e que ellas haviam desaparecido antes do fim! Sáio á p'ressa... ninguem!... a noite e um bairro escuro... e entro para minha casa, inquieto, descontente e sob o imperio d'aquelle mau estar que precede sempre as doenças e as crises fortes.

CLOTILDE

E no dia seguinte?

ANDRÉ

No dia seguinte, depois do meio dia, venho aqui

para fazer as pazes, mas o demonio metteu-se de permeio... Tinha saído... O caso da vespera fez-me tornar a subir a rua dos Martyres!...

CLOTILDE

Até ao theatro?

ANDRÉ

Aonde não encontro o que procuro, como imagina. Desço tristemente a montanha e a Providencia!...

CLOTILDE, com intensão, sublinhando

A Providencia?

ANDRÉ

A Providencia, sim. D'esta vez não foi acaso! Nos degraus do adro da igreja de Nossa Senhora, que vejo eu? a minha desconhecida da vespera, que entra na igreja e sósinha... Entro atrás d'ella. — Ella ajoelha e reza... E eu espero e admiro! Ella rezava como chorava: do fundo do coração! Ella sae! Eu sigo-a sem ser visto. — É ridiculo, dirá... de mau gosto... é verdade... Mas eu principiava já a esquecer as delicadezas! Ella entra n'uma loja! Eu espero á porta, dez minutos, um quarto de hora, uma hora... Desesperado, entro tambem; riem-se-me na cara! A loja tinha outra saída para a rua do Navarino, e é por ali que ella havia saído. Calcule o meu despeito! Desço outra vez e venho aqui... nervoso, rabujento, insupportavel!

CLOTILDE

Tanto que n'essa noite eu presentí que algum perigo estava imminente...

ANDRÉ

Imminente, não... Já estava declarado.

CLOTILDE

E depois?

ANDRÉ, de pé

Mais nada.

CLOTILDE

Mas tornou a encontra-la?

ANDRÉ

Nunca!

CLOTILDE

Nunca!

ANDRÉ

E não é por falta de passar por aquella rua tão bem chamada para mim rua dos martyres... mas não se tem duas vezes a sorte feliz do segundo dia... Agastado finalmente, disse commigo: ella ha de voltar áquelle theatro. — Vamos pois todas as noites áquelle theatro... Mas para isso, necessitava de ter as noites livres, e eu consagrava-lh'as todas. Foi este o motivo da minha partida para Touraine e do meu regresso ás escondidas... Ha oito dias, minha querida amiga, todas as minhas noites, todas... ali as passei!... E sem proveito... Tanto que esta manhã, disse commigo: realmente é muita extravagancia... renuncio!... isto é, empregarei outro meio qualquer... e eis-me aqui.

CLOTILDE, levantando-se

Mas é encantadora, essa historiasinha...

ANDRÉ

O que é encantador é que me seja permittido contar-lh'a. Confesse que é curioso ver dois amantes, tornados dois amigos, trocarem entre si taes confidencias, e alegrarem-se em vez de se zangarem... não é delicioso?

CLOTILDE

Deliciosissimo!

ANDRÉ, agarrando-lhe as duas mãos, que aperta affectuosamente

Oh! amizade!... doce amizade que principias! Acabaram os ciumes e os tormentos! A ventura e o socego! Que encanto que é a amizade de una mulher quando succede ao seu amor!... Porque finalmente eu amo-a quanto se póde amar, amor á parte. Clotilde tem por mim a mesma estima, disse-o. Continuaremos a ver-nos como no passado... Mas que confiança, agora! Abençoção duas vezes o meu destino porque depois de me haver dado a alegria de a amar com tanto enthusiasmo... me deu hoje a de a amar com tanta doçura!

CLOTILDE

Excelente amigo!

ANDRÉ

No futuro, nada lhe esconderei das minhas aventuras. E ajudar-me-ha com os seus conselhos.

CLOTILDE

Até que se case, porque então?...

ANDRÉ

Eu casarei?

Porque não!

CLOTILDE

ANDRÉ

Francamente... já pensei n'isso!...

CLOTILDE

Ah!

ANDRÉ

Foi em Blois! D'Espilly, o amigo em que lhe falei, e em casa de quem jantei á minha chegada, casou-se ha quinze dias. Uma rapariguinha saída do convento, loura, com olhos azues, ainda espantados da aventura! Respira innocencia, frescura, primavera! oh! o feliz mortal!

CLOTILDE

Mas não ha só aquella loura no mundo!... se a quer loura! E a sua desconhecida?

ANDRÉ

É tambem loura! É verdade! Parece-se até com a outra! Oh! Deus! uma alminha assim, na flor dos annos, que ideal! Ah! se eu tornasse a encontra-la!

CLOTILDE

Procurando bem!... Nós ambos!

ANDRÉ

Ajudar-me-ha?

CLOTILDE

Porque não!... Entre homens!

ANDRÉ

Ah! decididamente Clotilde, as mulheres valem mais do que nós! Eis-ahi uma cousa que um homem não seria capaz de fazer.

CLOTILDE, vivamente e com uma luz de esperança

Então André, não me casaria a mim?

ANDRÉ

A Clotilde?

CLOTILDE

Sim! Se alguém, por acaso se enamorasse de mim, e quizesse desposar-me! Não está pois tão desprezado do passado, que consentisse tal amor e favorecesse o casamento?

ANDRÉ, ingenuamente

Oh! sim!

CLOTILDE, ferida

Ah!

ANDRÉ

E com todas as minhas forças, se julgasse que estava ali a sua felicidade.

CLOTILDE, á parte, prostrada

Oh! está bem acabado! Alto, affectando um sorriso. Reconheça, meu amigo, que nos valemos!

ANDRÉ

Talvez! Mas se alguém me dissesse esta manhã que estaríamos a esta hora a casar-nos com outros! . . .

É assim a vida!

CLOTILDE

ANDRÉ

Ah! minha Clotilde! quanto é bello o que me fez!
Como eu saí mais leve do que entrei.

CLOTILDE

Sae?

ANDRÉ

Vou jantar, e depois até ao meu theatro! . . . Porque desde agora. . . Comprehende. . . Mas antes deixe-me dar na sua mão o ultimo beijo em que concentro todo o meu coração. . .

CLOTILDE, que contém a custo as lagrimas

Está bem, está bem. . . vá-se embora!

ANDRÉ

Está commovida.

CLOTILDE, desviando a cabeça

Alguma cousa!

ANDRÉ, beijando-lhe as mãos

E eu muito! é o passado que foge e eu abençôo-o do fundo d'alma!

CLOTILDE, suffocada

Até á vista.

ANDRÉ

Até ámanhã!

CLOTILDE

Até ámanhã, sim!

ANDRÉ, prompto para sair

Ai, minha querida Clotilde, que no mundo não ha bondade superior á sua. . . E se eu a não tivera amado tanto! Palavra de honra. . . que principiaria hoje! . . . Sae vivamente.

SCENA XI

CLOTILDE e THEREZA

CLOTILDE, que se conteve até ali, succumbindo

Thereza! . . . acode-me, Thereza!

THEREZA, correndo

Minha senhora!

CLOTILDE

Já não vejo. . . Abre a janella. . . Ar, quero ar. . . eu suffoco!

THEREZA

Oh! meu Deus!

Thereza corre á janella, que abre. Clotilde cae em cima do canapé, prostrada.

Thereza corre a ella e offerece-lhe agua, que ella afasta

CLOTILDE, estendida no canapé e desesperada. Com voz suffocada

Ah! covarde! . . . infame! . . . miseravel! miseravel! miseravel!

THEREZA

Minha querida ama.

CLOTILDE, passando sempre da dor para colera

Não, não. Nada ha que esperar! Atormentou-me,

durante uma hora, sem ver, sem comprehender! E amei aquillo, eu! e por aquillo sacrifiquei eu a minha reputação! Chorando. E elle não se lembra de nada... nada já vale a seus olhos... Ingrato! Adeús! acabou-se!... Eis-me sósinha! Levantando-se. E eu não o castigarei?... Ah! hei de vingar-me!... Oh! como eu me vingarei! Caíndo exhausta e chorando. Oh! meu Deus! que tormento poderei eu phantasiar que o faça padecer tanto como eu padeço!

THEREZA

Minha senhora, é elle.

CLOTILDE, erguendo-se, n'um brado de alegria

Volta!...

SCENA XII

CLOTILDE e ANDRÉ

ANDRÉ, entrando muito alegre

Ah! Clotilde!

CLOTILDE

André.

ANDRÉ

Clotilde!... mas é ella!

CLOTILDE

Ella!

ANDRÉ, radioso

Mas é ella, digo-lhe eu... é ella!

CLOTILDE

Quem?

ANDRÉ

A minha desconhecida. . . : Está aqui, em sua casa!

CLOTILDE

Em minha casa?

ANDRÉ

Sim, sim, em sua casa! Acaso comprehende isto? Que encontro! . . . Quando eu lhe digo que o céu me protege! Imagine! . . . Atravessava o pateo para sair! Fere-me o ouvido o som de um piano, levanto os olhos, e vejo, por uma janella aberta, ali, no pateo . . . a minha desconhecida!

CLOTILDE

Aqui?

ANDRÉ, correndo à janella

Sim, sim; mas olhe . . . d'esta janella ainda ella se vê melhor . . . Ah! subi os degraus quatro a quatro! Não posso mais!

CLOTILDE, comsigo

Fernanda! . . . Alto. Ella . . . é?

ANDRÉ

A rapariguinha que está ali a tocar . . . É ella, digo-lh'o eu.

CLOTILDE

Tem a certeza?

ANDRÉ

Se tenho a certeza! Pois que outra? Ha porventura duas iguaes? Mas olhe bem para ella . . . Aquelle

rosto, aquelle ar de candura e honestidade... Se é ella! oh! Deus! se é ella!... É ella, sim, é ella!

CLOTILDE, á parte

Oh! como elle a ama!

ANDRÉ, olhando sempre

Mas é que eu nunca a tinha visto tão bem... É encantadora! Que olhos!... E aquellas mãosinhas... Oh! mas veja, veja, que mãosinhas! E como ella toca, que alma! Ah! toca como um anjo que é!

CLOTILDE, com amargura

Um anjo!

ANDRÉ extasiado, á janella

Com um rosto similhante! Oh! Deus! basta vê-la!

CLOTILDE consigo, olhando para elle

Um anjo!... aquella creatura! E é por ella que!... Devora-a com o olhar! Oh! não, nunca assim olhou para mim! E é aquella rapariga... aquella rapariga que eu arrebató á devassidão! minha rival!... aquillo!... Pois bem! espera.

Agarra n'uma pena e escreve finalmente, depois de haver tocado

ANDRÉ, o mesmo

E fallavamos ha pouco em frescura e mocidade! ali está mocidade e frescura! Oh! a innocencia! que encanto e que promessas!

CLOTILDE, de pé, resoluta, depois de haver dado a carta a Thereza, olhando para elle com ironia

Tal qual. Não é assim?

ANDRÉ

Se no mundo ha uma amisade duradoura... e uma felicidade sem limites... ah! Clotilde, está seguramente ali!... e jamais em outra parte, ao menos para mim!

CLOTILDE, á parte

Oh! se tu fallas verdade!

ANDRÉ, voltando-se

Dizia?

CLOTILDE

Eu... meu amigo, digo... que é verdade. Cessa o piano.

ANDRÉ, fechando a janella

Acabou-se! Sumiu-se o encanto!... Ah! Clotilde, estou como louco!... nunca senti nada assim! Desce.

CLOTILDE, sorrindo amargamente

Obrigada!

ANDRÉ

Perdoe-me... nem sei o que digo... Mas é que tambem tudo isto, é tão imprevisto... tão surpreendente! Procura-la por toda a parte, e vir aqui encontra-la! em sua casa... Mas quem é ella, conhece-a?

CLOTILDE

Se a conheço?... Margarida!

ANDRÉ, com amor

Chama-se Margarida!

CLOTILDE

De la Brière!... nobreza de provincia, o pae um fidalgo-camponez morto n'uma caçada, arruinado por desgraçadas especulações!... e deixando a mãe e a filha na mais precaria situação!

ANDRÉ

Pobres mulheres!

CLOTILDE

Viveram até hoje do pouco que elle lhes deixou, mas tudo por fim acaba, e ei-las dependentes! Conheci-as no tempo da sua prosperidade, e encontrando-as hontem, puz á sua disposição aquella casa, resolvida a empregar em seu beneficio todo o meu credito... credito que André me não recusará... espero!

ANDRÉ

Má!... está zombando commigo!

CLOTILDE

Seriamente, meu amigo. Ellas são na realidade dignas e merecedoras de interesse!...

ANDRÉ, vivamente

Com certeza... não é assim?

CLOTILDE

A filha principalmente! Com um rosto tão formoso... acredita que todas as portas se lhe abrirão?

ANDRÉ

Se acredito!

CLOTILDE

Mas não são mulheres para se aproveitarem d'essa vantagem! São de uma honestidade! de uma severidade até exagerada!

ANDRÉ

Maravilha-me ouvi-la.

CLOTILDE

Duas provincianas, finalmente... devotas, e fazendo-se de manto de seda! e cuja timidez excede toda a crença!

ANDRÉ

Mas tudo isso é delicioso! Talento... belleza, virtude! É então um thesouro aquella rapariguinha!...

CLOTILDE

Não tarda que possa julga-la melhor.

ANDRÉ

O que?

CLOTILDE

Ella janta commigo... e ei-la!

ANDRÉ, suffocado

Ah!... assim!... sem mé prevenir!

SCENA XIII

Os mesmos, FERNANDA e THEREZA

CLOTILDE, a Fernanda

O quê?... Sósinha?

FERNANDA

Minha mãe, está tão cansada, minha senhora, que pede que a desculpe de só aceitar para mim o seu bondoso convite, o qual devêras me confunde.

CLOTILDE

Fico-lhe profundamente reconhecida, minha menina, por ella se privar da companhia de sua filha, em meu favor... Thereza... ficará ás ordens da sr.^a de Brière, a quem servirão o jantar no seu quarto.

Thereza sae

FERNANDA

Oh! minha senhora, tamanha bondade!

CLOTILDE

Está-me esta noite confiada, Margarida, para me fazer todas as vontades. Apresentando-lhe André. O sr. marquez des Arcis, meu amigo... marquez, Margarida de la Brière, de quem ha pouco admirava o brilhante talento de pianista!

ANDRÉ

Fiz das minhas fraquezas, força, minha senhora, para a não applaudir d'esta janella!

FERNANDA, embaraçada

Senhor!...

ANDRÉ, á parte

E córando como uma collegial!... adoravel!

CLOTILDE, baixo a Fernanda

Trate de agradar ao marquez... Tenho minhas rasões para lh'o pedir.

FERNANDA, ingenuamente

Dispõe de algum logar para mim?

CLOTILDE, o mesmo

Talvez.

FERNANDA

Ah! minha senhora... faça com que isso se realise!

CLOTILDE

Hei de fazer a diligencia... socegue!

FERNANDA

Oh! como é boa!... Tudo isto me produz o effeito de um sonho de que tenho medo de acordar.

José abre de par em par a porta da casa de jantar,
que se vê ao fundo esquerdo, illuminada

JOSE

Sr.^a condessa, está o jantar na mesa.

ANDRÉ, enfadado, por ter de sair

Então!... Boas tardes!

CLOTILDE, com simplicidade

O que... não janta connosco?

ANDRÉ, timidamente

Mas...

CLOTILDE, o mesmo

O seu talher está posto.

ANDRÉ, vivamente, largando o chapéu

Ah! se o meu talher está posto... então, é diferente... fico!

CLOTILDE, baixo, a meia voz, passando por diante d'elle

Ora diga que eu não sou um bom rapaz.

ANDRÉ

Oh! se é!...

CLOTILDE

Vamos! offereça o seu braço a essa menina, marquez! Vamos!

ANDRÉ, vivamente

Minha senhora?

Offerece o braço a Fernanda que lh'o toma: sobem juntos conversando

CLOTILDE, sósinha, seguindo-os com os olhos

Ah! tu queres uma innocente!

ACTO TERCEIRO

A mesma vista

SCENA I

POMEROL e JOSÉ

POMEROL, com fato de viagem

Está cá minha mulher?

JOSÉ

Está, sim senhor.

POMEROL

Aonde?

GEORGINA, fóra

Até já.

JOSÉ

Sáe do quarto da senhora. Como ella vae ficar contente. Sae pelo fundo.

POMEROL, sósinbo

Isso sei eu. Olhem a novidade que elle me dá.

SCENA II

GEORGINA e POMEROL

GEORGINA, dando um grito e lançando-se-lhe nos braços

Ah! . . . meu Filippe!

POMEROL

Minha feiticeira querida!

GEORGINA

Mais outro beijo . . . do outro lado . . . assim! . . .
Ai! . . . que barba!

POMEROL

Tem paciencia.

GEORGINA

Ah! meu querido . . . meu thesouro . . . meu amor!
Mas agora reparo . . . Tu estás preocupado?

POMEROL, aturdido com os beijos

O que eu estou é aturdido. Nem vejo.

GEORGINA

Que significa 'isto agora? . . . Essa frieza . . .

POMEROL

Temos scena! Já?

GEORGINA

Sou eu que te deito a perder . . . Sei que faço
mal . . . mas é que não está mais na minha mão . . .
O que não tem remedio . . . Olha que foi um mez
que estive sem te ver, um mez!

POMEROL

Mas tambem que instante este! Dá até vontade da gente se ir embora . . . só para ter o prazer de voltar.

GEORGINA

Oh! com que alvoroço que eu te esperava! . . . Com suspeita. É verdade, como se explica chegar assim, sem me prevenir?

POMEROL

Se isso to zanga, vou-me outra vez embora.

GEORGINA

Não vaes . . . porque eu não deixo.

POMEROL

Todo o encanto está ahi, em não te prevenir . . . Chego a Paris . . . metto-me n'uma carruagem: cocheiro, grito eu, dou-te cinco francos de gorjeta . . . não hesites pois em rebentar o cavallo . . . Galgo a quatro e quatro os degraus da escada, dizendo commigo: ella está ainda deitada, dorme . . . Que despartar o seu! . . . Enganei-me redondamente. A senhora saiu . . .! Saiu, pois saiu antes das nove horas da manhã . . . Com certeza, foi para casa da prima da senhora . . . O senhor bem sabe que é hoje de manhã . . . Não sei nada, mas é o mesmo . . . Torno a metter-me na carruagem . . . pago segunda gorjeta . . . E eis-me aqui . . . eis-te aqui . . . e eis-nos aqui!

GEORGINA

Mas a creada disse-te bem . . . É hoje de manhã . . .

POMEROL

O que? É hoje de manhã o que?

GEORGINA

O casamento . . .

POMEROL

O casamento! . . . Então esse teu vestuario em que reparo agora . . .

GEORGINA

Diz tudo.

POMEROL

Então André?

GEORGINA

Isso mesmo.

POMEROL

Ah! bravo! Que boa idéa que eu tive em voltar!

GEORGINA

Ora essa! Se fui eu que te escrevi que viesses . . .

POMEROL

Não foste tal.

GEORGINA

Fui, sim. Na minha ultima carta, que foi junta com a de Coltilde . . .

POMEROL

Eu não recebi carta alguma de Clotilde.

GEORGINA

Isso agora é demais! Foi ella que se encarregou

de mandar a minha carta para o correio, com a sua...

POMEROL

O que lá vae, lá vae, e pouca importa... O que eu estimo devéras é que ella case...

GEORGINA

O que! que ella case?

POMEROL

Que ella case, sim.

GEORGINA

Mas é que ella não se casa... É André que se casa, e não Clotilde.

POMEROL

O que? Pois não é ella?

GEORGINA

Não, não é... Jesus! como elle está atrazado! Bem se vê que chega da provincia! André casa com Margarida de la Brière... a quem elle, ha muito tempo, amava.

POMEROL, estupefacto

Ah!... E Clotilde?

GEORGINA

Clotilde! Clotilde conformou-se, e o melhor possível, tanto que foi ella quem fez o casamento.

POMEROL

Então sim... tens razão... São ainda os ares

da Corsega que pesam em mim... Estou fóra do movimento da capital, e fóra ínteiramente...

GEORGINA

A proposito da Corsega... E o seu juramento! Fallemos um instante das mulheres da Corsega!

POMEROL

Das mulheres da Corsega... É cousa que lá não ha.

GEORGINA

Oh!

POMEROL

Palavra! Em toda a ilha... nem uma sequer.

GEORGINA

Pois sim, mas o que eu lhe asseguro é que não torna a saír de París sósinho... Vê-se André ao fundo, desembaraçando-se do paletot. Olhe, ahí vem André, que tudo lhe explicará e melhor do que eu.

POMEROL

Mas é que eu ainda não almocei.

GEORGINA

Vou a casa mandar preparar-lh'ò.

POMEROL

Quero tomar antes um banho.

GEORGINA

E depois um bom almoço...

POMEROL.

E depois de almoço, ter ali a casaca que logo enfiarei, para não faltar á mairie.

GEORGINA, correndo

Pois sim, sim! Não te demores então!

POMEROL.

Vou já!

GEORGINA, saindo a André

É Filippe! Ali tem o meu Filippe!

SCENA III

POMEROL e ANDRÉ

ANDRÉ, com alegria

É elle, é, o meu querido Filippe!

POMEROL

Meu caro André!

ANDRÉ

Ainda bem que chegaste. E a viagem?

POMEROL

Foi excellente!

ANDRÉ

E os processos?

POMEROL

Foram triumphos! Mas que importam os processos n'este momento. Que noticia! Pois que? Ias então casar sem me prevenir?

ANDRÉ

Tua mulher não te escreveu?

POMEROL

Não. Acabo de chegar e de o saber.

ANDRÉ

Pois é verdade, meu caro Philippe caso-me! E sou bem feliz, acredita... Só faltavas tu aqui para a minha alegria ser completa... agora é completa.

POMEROL, baixando a voz

Tens a certeza de que estamos sósinhos?

ANDRÉ

Tenho... podes fallar.

POMEROL, o mesmo

E... e Clotilde?

ANDRÉ

Clotilde?

POMEROL

Sim... Ella não te envenenou, nem te esganou?

ANDRÉ

Bem vês.

POMEROL

Deves comprehender que, com as idéas que eu trago lá da Corsega, isto me ponha o juizo a arder.

ANDRÉ

É que tu andas um mez atrazado. Clotilde e eu, tivemos exactamente por occasião da tua partida, certas explicações, d'onde se concluiu, que de uma parte e outra, o tempo . . . a ausencia . . .

POMEROL

N'uma palavra, rompimento?

ANDRÉ, vivamente

Amigavel . . .

POMEROL, incredulo

Amigavel?

ANDRÉ

Terno quasi! Alem d'isso, foi ella que o provocou.

POMEROL

Clotilde?

ANDRÉ

Clotilde!

POMEROL

N'esse caso, declaro que as mulheres são cada vez maior enigma para mim, porque eu juraria que aquella . . . Logo, houve reconciliação de commum accordo?

ANDRÉ

Com promessa de uma affeição mútua, de que ella me deu provas, que pergunto a mim mesmo se a sua amisade não vale verdadeiramente mais do que o seu amor . . .

POMEROL

Adiante então! Por esse lado, vae tudo ás mil

maravilhas. Vamos lá agora a saber: e a noiva? Sentam-se á direita entre a janella e a mesa.

ANDRÉ, com enthusiasmo

Ah! meu amigo. Um sonho! Belleza suave, genio bondoso, natureza fina e distincta... artista na musica!... Na flor da idade, e já modelo de jui-zo... Honesta! sem affectação! Espirituosa, sem tagarelice... Devota sem hypocrisia, e com tudo isto, um não sei quê que a dispensaria de tudo mais, que se não analysa, nem se commenta, mas que se impõe, que subjuga, e que enebria! Um encanto!

POMEROL

Safa! Que paixão!

ANDRÉ

Julga-a pelo meu procedimento. Em primeiro lugar, eu que prezo acima de tudo a minha independencia, vou casar-me... Mas o que queres? O que está escripto... Quiz o céu, que não a tendo eu nunca visto senão no theatro, na igreja e na rua, a encontrasse uma tarde... Aqui, n'esta casa.

POMEROL

Aqui?

ANDRÉ, levantando-se

E n'esta sala, inquietada de Clotilde. Apontando-lhe para a janella. Ali, ali.

POMEROL, de pé

Não vejo ninguem.

ANDRÉ

Tu a verás. Sentado. De Clotilde que dedica grande

estima á mãe, e que a conhece ha muitos annos . . . Viu Margarida sendo creancinha . . . Chama-se Margarida.

POMEROL

Bonito nome! E então na tarde a que alludiste?

ANDRÉ

Ah! que noite! . . . Que recordação! . . . Ah! Filippe! . . . Quando um coração abrazado como o meu por uma d'essas paixões ardentes, em que os sentidos têm parte maior que o coração, se acha dominado de repente pelas novas seducções da pureza e da innocencia! ah! meu amigo, então é inutil lutar! N'aquelle dia, voltei para casa louco, inteiramente louco! No dia seguinte sou chamado por duas linhas de Clotilde. Fui logo vê-la. «Meu amigo, disse-me ella, na situação em que nos achâmos, podemos dizer tudo um ao outro, não é assim? Observo que está enamorado de Margarida como nunca o estive de ninguem . . . e receio que acarrete sobre si grandes pezares . . . Não se trata de uma conquista mais ou menos facil de realisar . . . E quando André não estivesse convencido de que era inutil tenta-la, apraz-me crer que me não faria a injuria de a ensaiar na minha propria casa, sobre uma creança sem defeza, e que é alem d'isso filha de uma amiga minha! . . . Ah! Clotilde, pois fez-me a injustiça de crer? . . . Então, que lhe resta? Desposa-la? Nem o seu nascimento, nem a sua riqueza lhe podem convir . . . Veja portanto, como homem de bem que é, o que lhe cumpre fazer».

POMEROL

Tudo isso foi dito mui sensatamente!

ANDRÉ

E tão de accordo com a minha consciencia, que apertando-lhe eu a mão, sem lhe responder, fugi, inteiramente resolvido a não tornar a ver uma pessea, que não podia ser, nem minha amante, nem minha mulher, e a não voltar a esta sala . . .

POMEROL

E voltaste n'essa mesma noite?

ANDRÉ

Tal qual.

POMEROL

E tambem no dia seguinte?

ANDRÉ

E todos os dias successivamente.

POMEROL

Está claro! E Clotilde?

ANDRÉ

Clotilde manifestando uma paciencia . . . Via-me andar de um lado para o outro n'esta sala, como uma fera na jaula, com os olhos sempre fitos n'aquella janella, e dizia-me « Mas finalmente tome uma resolução ».

POMEROL

Ella tinha rasão, era toma-la.

ANDRÉ

Tomei-a, dizendo commigo: « Ha só um meio de

acabar com esta fatal paixão . . . » N'um bello sabado á noite, parto para o campo, fico lá o domingo . . . a segunda feira . . .

POMEROL

E na terça?

ANDRÉ

Cáio aqui como um raio, dizendo a Clotilde: « Caso! . . . »

POMEROL

Até que enfim! E Clotilde?

ANDRÉ

Ah! meu amigo, uma irmã não me acolhêra mais bondosamente! . . . « Meu caro André, eu não lh'o haveria aconselhado . . . estas cousas não devem nunca aconselhar-se! . . . Mas não podia fazer escolha que mais me enchesse de alegria! . . . Convem todavia não precipitar nada . . . A filha é adoravel e a mãe uma senhora de juizo! . . . Mas vae n'isto a sua felicidade, e ha de permittir á sua amiga que empregue a prudencia e o sangue frio, que de certo lhe faltariam . . . Eu escreverei para a provincia e tomarei informações . . . Finalmente deixe-me conduzir tudo isto, e nada faça sem que eu lhe diga: Ávante!»

POMEROL

Oh! a amizade das mulheres! . . . É assim! é assim mesmo!

ANDRÉ

Aceitei! Passam-se oito dias. Chegam informações de toda a parte, e lisonjeiras como era de es-

perar... A rogos meus, Clotilde faz o pedido que é aceite... Publicam-se os banhos, assignâmos o contrato... e esta manhã... caso com ella, meu caro Philippe... Caso com ella, ouviste?... Apertando-o nos braços. É minha! minha! minha!

POMEROL

Não me afogues, feliz homem! Compreendo a tua alegria; mas!...

ANDRÉ

Ousas arriscar um *mas*?

POMEROL

Has de dar licença! Emtudo isto vejo claramente a tua paixão, que até me parece feroz! Mas, ella! Ella! Margarida, ama-te?

ANDRÉ

Ama-me!

POMEROL

Com certeza?

ANDRÉ

Com certeza. É uma natureza tímida que nunca se abre, mas que não diz ella com um olhar, com uma palavra! Fallo eu na sua timidez!... É a minha! Ainda não achei meio de trocar com ella dez palavras a sós... e se Clotilde não estivesse sempre entre nós para animar a conversação, creio que saberíamos unicamente contemplar-nos um ao outro, apertando-nos as mãos! Revejo-me com vinte annos! no primeiro amor!... E de facto, é talvez o primeiro!

POMEROL

E é sim, é. .

ANDRÉ

Emfim, se eu te confesso que tremo como um rapaz de escola, á idéa de me achar logo só com ella, em um coupé do caminho de ferro. . .

POMEROL

Ah! partem?

ANDRÉ

Partimos, sim. Comprehendes! Tudo isto fez-se tão subitamente! . . . A minha casa não estava preparada para a receber! Abandonei-a aos operarios, e hospedei-me provisoriamente ali, na praça fronteira. Nada estará prompto antes de quinze dias, durante os quaes levo Margarida para Blois, emquanto que sua mãe, alguma cousa adoentada, vae passar o inverno em Nice!

POMEROL

E essa partida?

ANDRÉ

E ao sair da igreja. A cerimonia será muito curta. Não ha missa, a benção nupcial unicamente. . . é este um desejo de Margarida, disse-me Clotilde, e eu conformei-me. Não haverá bulha nem espalhato: isto vae de accordo com a minha vontade. Dois ou tres parentes dos mais proximos . . . as testemunhas de Margarida, amigos de Clotilde, os meus, tu, tua mulher. . . Dez minutos na *mairie*, um quarto de hora na igreja. . . é tudo! . . . Reservo o esplendor e as festas para o meu regresso!

POMEROL

Perfeitamente ... e a hora?

ANDRÉ

Às onze horas em ponto na *mairie*. Somos os primeiros.

POMEROL

Demonio! ... Já nove horas? ... Só tenho tempo ... Vou-me embora.

ANDRÉ

Sem ver Clotilde?

POMEROL

Vê-la-hei na *mairie*, ao mesmo tempo que tua mulher!

ANDRÉ

E julgarás então se eu faço mal em prender-me por toda a vida!

POMEROL

A uma mulher moça e bonita! ... que te ama e a quem tu amas! ... Oh! co'a fortuna! que ainda é isso o melhor de tudo! Falla-se em liberdade! Aqui estou eu que acabo de levar vida de solteiro durante um immenso mez ... Sentia-me como um homem partido ao meio e separado da minha melhor metade! e volto para a minha servidão com uma alegria! ... Até logo, feliz escravo. Sae. N'este momento Clotilde sae do seu quarto.

CLOTILDE, inquieta

Quem é que está aqui? ... Esta voz!

SCENA IV

Os mesmos e CLOTILDE

ANDRÉ, vendo Clotilde e chamando Pomerol

Filippe! Filippe!

CLOTILDE, assustada

Filippe!

ANDRÉ

Em pessoa. A Pomerol. Aqui está Clotilde!

POMEROL, descendo

Então torno a entrar!

CLOTILDE

O senhor... já de volta?

POMEROL

Para a beijar, prima, se me dá licença.

CLOTILDE, inquieta

Mas quem é que o esperava tão cedo?

POMEROL

Ora essa! Queria que elle se casasse sem a minha presença?

CLOTILDE

Ah! Elle já lhe contou?

José traz e põe em cima da mesa um cofre. André vae á mesa.

POMEROL

Tudo... e a prima é um anjo.

CLOTILDE, olhando para elle

Crê que o seja?

POMEROL

Se creio! Nenhuma mulher faria o que fez; é necessario adora-la de joelhos.

CLOTILDE, á parte

Não sabe nada!

POMEROL, indo a ella

A proposito... E a minha protegida?... e Fernanda?

CLOTILDE

Lá por esse lado conto, meu amigo, que ha de ficar satisfeito commigo.

POMEROL

Ah! Está collocada?

CLOTILDE

Melhor do que se podia esperar.

POMEROL

Obrigado... E aonde?

CLOTILDE

Isso não se diz em meia duzia de palavras. Logo.

Olhe, venha buscar-me aqui com Georgina; iremos juntos para a mairie.

POMEROL

Muito bem... Está dito.

ANDRÉ, que abrin o cofre

As onze horas em ponto, não te esqueças.

POMEROL, olhando para o relógio

Qual! Mas o meu banho, o meu almoço!

CLOTILDE, no limiar, a Pomerol, sem que André a oiça

Deixe fallar aquelle impaciente amante! Basta que venha meia hora depois, e será cedo.

POMEROL

Não é verdade? Aquellas ceremonias....

CLOTILDE

Espera-se sempre por ellas.

POMEROL

Tem razão. As onze horas e meia, aqui.

CLOTILDE

Conto com isso. Fuja!

POMEROL

Fujo... Até logo. Saé

ANDRÉ e CLOTILDE

Até logo.

SCENA V

CLOTILDE e ANDRÉ

CLOTILDE, á parte

As onze horas e meia já terão partido! E será muito tarde! É necessario estar de prevenção! Devo a todo o custo dete-lo aqui ou está tudo perdido. Sobe

ANDRÉ, com o cofre na mão

Peço-lhe perdão, minha querida Clotilde, se abuso da sua casa. Mas tenha paciencia, que estamos chegados ao fim.

Senta-se n'uma cadeira baixa defronte do fogão

CLOTILDE, ao fogão

Como se tornou creança! A minha casa é sempre a sua, bem sabe.

ANDRÉ

Mas é que é uma cousa singular, para a não classificar de outro modo, ver-me aqui ao pé de si n'um dia como este!

CLOTILDE

Não diga isso, André, porque me faria crer que duvida da sinceridade da minha amisade. Não ajustámos collocar-nos ambos acima dos preconceitos do mundo para só consultar a nossa reciproca affeição?

ANDRÉ

Está escripto que será sempre melhor do que eu. Pois bem, eu não quiz mandar isto a Margarida sem

a consultar sobre algumas joias que ainda lhe quero offerecer. São cousas em que as senhoras têm mais voto que nós. Esta esmeralda, por exemplo!

CLOTILDE

Ainda não vi mais rica! Mas é pesado para uma noiva.

ANDRÉ

E estas perolas?

CLOTILDE

Oh! perolas, sim; respiram mocidade!

THEREZA, que acaba de entrar pela direita com uma caixa

A menina Margarida manda á senhora esta caixa com este bilhete. André continúa a examinar as joias.

CLOTILDE, lendo, á parte

«Minha senhora, não me posso decidir a fazer escolha de uma d'essás corôas... Ellas não seriam uma mentira para o senhor marquez, uma vez que lhe disse tudo. Olha para André e afasta-se d'elle para ler o resto. Mas não me julgará elle audaciosa, ousando pôr essas flores... E todavia não posso escolher outras... Em nome do céu, diga-me, minha senhora, o que devo fazer, porque minha mãe e eu não sabemos que resolução tomar...»

ANDRÉ, do seu logar

Margarida escreveu-lhe?

CLOTILDE

Escreveu, pedindo conselho sobre estas tres corôas, e qual d'ellas deve escolher? Pega na caixa.

ANDRÉ, levantando-se e descendo

O que nós fizemos com as joias... escolherá a mais casta e mimosa, que é a que melhor lhe ha de ficar.

CLOTILDE

De certo!... Esta por exemplo.

ANDRÉ

Essa, evidentemente.

CLOTILDE

Ouve, Thereza... Torne a levar a caixa á menina Margarida.

ANDRÉ

Com este cofre da minha parte. Thereza guarda os objectos.

CLOTILDE

E eu vou acabar de me vestir.

ANDRÉ

Cada vez mais obrigado, minha querida amiga.

CLOTILDE, sorrindo

Creança! Espere para me agradecer. Entra para o quarto.

SCENA VI

ANDRÉ, depois FERNANDA

ANDRÉ, a Thereza

Por minha fé! Que tenho vontade de ser eu o portador d'isso.

THEREZA

D'estas caixas?... o sr. marquez!

ANDRÉ

Ora adeus! Dê-m'as... no dia do casamento.

THEREZA, vendo Fernanda que vem da direita

Ahi vem a menina.

ANDRÉ

Margarida! Corre a ella. Thereza sae. Affectuosamente Ah! É a senhora!

FERNANDA, um pouco embaraçada

Não sabia que estava aqui!

ANDRÉ, com ternura

E ficou zangada por me ver?

FERNANDA, timidamente

De certo que o não crê... Mas eu queria fallar a...

ANDRÉ

A Clotilde, bem sei. Foi acabar de se vestir... E nós estamos sósinhos... ambos sósinhos! Não é costume isto, Margarida: é até a primeira vez que nos acontece...

FERNANDA

É verdade.

ANDRÉ

E eu aproveito! Porque até hoje temos sempre

tido ao pé de nós uma terceira pessoa, amiga devotada e a quem nós devemos o maior reconhecimento. Mas a final, tudo que ella póde dizer-me da sua parte e dizer-lhe da minha não vale tres palavras trocadas entre nós... Antes de ser seu marido, eu queria ver-me, ainda que não fosse mais do que um minuto, o noivo do seu coração... merecer-lhe espontaneo e fervoroso acolhimento, e dizer commigo: Ella acceita, sim; ella consente; mas faz mais e melhor... dá-se!

FERNANDA

Senhor!

ANDRÉ

Oh! Pelo amor de Deus não me chame senhor! E comprehenda-me bem, Margarida. Mandei-lhe perguntar se consentiria em ser minha mulher, e respondeu-me que sim... Mas aquelle *sim* foi só a razão que o dictou? Estamos aqui, ambos, sózinhos... Não olhemos a conveniencias, e diga-me uma palavra que eu, vinte vezes, julguei surpreender no seu olhar, mas que nunca lhe saiu dos labios... Diga-m'a bem depressa... sem testemunhas, o mais baixinho que quizer... Ninguem a ouvirá. Diga-me depressa: «Amo-o!...»

FERNANDA

Oh! Deus! sim! amo-o!

ANDRÉ

Oh! minha querida Margarida!

FERNANDA

E como não havia de ama-lo, senhor?

ANDRÉ

Senhor, não... senhor, não!

FERNANDA

Pois bem!... como não hei de eu ama-lo...
Com amor. André!... depois do que tem feito por mim!

ANDRÉ

Oh! não é mais do que reconhecimento isso...
eu quero amor!

FERNANDA

Ambos... porque André é o meu salvador!

ANDRÉ, vivamente

É Margarida que me salva!... E de mim mesmo!
querida da minha alma... porque me arranca
aos falsos prazeres, aos ocios funestos, aos amores
mentirosos... porque na minha louca e inutil vida,
é a estrella que se ergue para me apontar o ver-
dadeiro caminho, o caminho do dever, que é tam-
bem o da felicidade... porque traz ao meu lar de-
serto as doces commoções e as honestas alegrias, a
honra e o socego, a estima dos outros... e o que
é mais ainda... a estima de mim mesmo!

FERNANDA

Como é bom!

ANDRÉ

Não é bondade! é ventura! Não pôde imaginar,
adorada Margarida, a alegria que é dizer-se con-
sigo: esta mocidade, esta belleza... esta innocen-

cia... Movimento de Margarida este coração virgem que ignora todas as cousas da vida... tudo isto me pertence... todo este thesouro ignorado das santas ignorancias, das ingenuas surpresas, dos receios e das alegrias infantis!... tudo isto é meu, bem meu! porque fui eu que a fiz o que ella é, e que verdadeiramente lhe dei a vida acordando-lhe o amor!

MARGARIDA, á parte

Meu Deus!

ANDRÉ

E agora que eu tenho a certeza de a possuir voluntariamente, vamos apromptar-nos, minha querida Margarida; e d'essas tres corôas, cuja escolha ainda agora a preocupava, escolha a mais virginal; porque é essa que melhor lhe ficará e que mais encherá de orgulho seu marido. Pega no chapéu. Até logo, e depois... minha adorada Margarida... para sempre. Saê.

SCENA VII

FERNANDA, só; depois CLOTILDE

FERNANDA, depois de o haver seguido com os olhos, dando um grito

Ah!... elle não sabe nada!... nada!

CLOTILDE, saindo do quarto

Margarida! É a menina! Que tem?

FERNANDA, com dor

Ah! minha senhora! enganou-me... Oh! que mal que fez!

CLOTILDE

Enganei-a!

FERNANDA

Quando a senhora me veio dizer: « André ama-a e pede a sua mão », que lhe respondi eu? « Nunca! »

CLOTILDE

É verdade!

FERNANDA, vivamente

Disse-lh'o, não é assim? Nunca acceitarei a offerta de um coração de que não sou digna! nunca serei esposa de um homem de bem, eu que não soube ficar mulher de bem!

CLOTILDE

Disse-me isso, sim.

FERNANDA

Ah! se o disse!... e com bastante dor, porque á falta das minhas pálvras lembra-se ao menos das minhas lagrimas!

CLOTILDE

Mas eu lembro-me de tudo!... Então?

FERNANDA

Então, a senhora voltou no dia seguinte e disse-me: Elle sabe tudo, e o seu amor ficou o mesmo...

CLOTILDE

Sim...

FERNANDA

Eu duvidava; eu não queria crer em tanta bondade...

CLOTILDE

E porque, Margarida, se era a verdade...

FERNANDA

A verdade... Mas não diga isso, minha senhora... Elle não sabe nada...

CLOTILDE

Elle não sabe nada... É quem lh'o fez crer?

FERNANDA

Elle, elle, que acaba de me fallar aqui, como só se falla a quem se julga honrada...

CLOTILDE, vivamente

Ah! viu-o!... E que lhe disse elle?

FERNANDA

O que elle me disse... Disse-me o que a minha consciencia me grita dia e noite! Disse-me que só adorava o que era casto e puro... porque não ha senão isto de adoravel realmente, e sei-o eu melhor do que elle, porque o sei pela minha dor. Mas a senhora enganou-me... mentiu-me... porque me fez crer no que não é... no que não póde ser... e eis o mais terrivel, é de me haver conduzido a dois passos da minha felicidade, para que ella me fuja e me deixe mais triste que nunca! Caê n'uma poltrona á direita, chorando.

* CLOTILDE, tentando serena-la

Ora vamos, Margarida...

FERNANDA, desesperada

E quando eu o não amava ainda, paciência!... Mas a senhora não sabe o que eu padeço... ha um mez... E que noites que passo... Que preces não tenho eu feito a Deus?... Uma eternidade de felicidade!... dava-a eu para aniquilar esse passado que abomino, e que existe, por mais que eu faça e por mais lagrimas que chore! Oh! meu Deus! E crê-se que aquillo se esquecerá! E depois lá vem um dia em que se ama, e n'esse dia, desgraçada, reconheces que não tens direito a amar. E se elle o não sabe, tu tremes de que elle o saiba. E se elle sabe!... o seu olhar, as suas palavras, até o seu silencio — outras tantas censuras e insultos! Levantando-se. E elle tem razão. Elle despreza-te, e tu dizes comtigo: elle tem razão. E se alguém te brada: todo o erro tem resgate... não o creias. Não, não é verdade, não ha resgate para certos erros. O passado segue-nos por toda a parte. Devora-nos, mina-nos, mata-nos. E só mortas nos larga... e ainda assim... quem sabe o que nos espera lá em cima?

CLOTILDE

Então, Margarida, não se exalte mais... Mas eu procuro a que proposito... Porque emfim, elle nem levemente a censurou, não é assim?

FERNANDA

Censurar-me o que?... o que elle ignora.

CLOTILDE

Mas se eu lhe repito que elle sabe tudo.

FERNANDA

Oh! elle que me fallou como se eu fôra a propria innocencia e a propria virtude?

CLOTILDE

E eis tudo? É por isso... Realmente, metteu-me um susto! Mas, minha filha! socegue, vejamos. Fa-la sentar-se e senta-se. Por sua vez, lembre-se tambem. Quando eu voltei a ter com a menina, para renovar o pedido d'elle...

FERNANDA, desvairada

Sim.

CLOTILDE

• Alem das palavras que acaba de recôrdar, que mais lhe disse eu?

FERNANDA, o mesmo, procurando

Que mais...

CLOTILDE

Sim... Eu disse-lhe, e vou repetir-lh'o palavra por palavra: «André, que allia a maior delicadeza á maxima bondade, não quer que nunca se promova entre ambos esta triste confidencia; e *nunca, nunca*, ouve-me bem, será pronunciada uma unica palavra que a recorde. Quer que esse passado seja como se nunca houvera existido, e o sonho d'elle é apaga-lo tão bem da lembrança que venha suavemente a apagar-se tambem da memoria de Margarida...» Disse eu isto, sim ou não?

FERNANDA

Sim, minha senhora, sim.

CLOTILDE

E admira-se que elle cumprisse a palavra... Não comprehende essa ternura sublime, de fingir ignorancia para a livrar da vergonha?

FERNANDA

Oh! minha senhora, se eu pudesse crê-lo!

CLOTILDE

Se eu lh'o affirmo.

FERNANDA

Não, não é possível... Eu não me engano!... Elle não sabe nada!

CLOTILDE

Mas se eu lhe disse tudo.

FERNANDA

Está n'essa idéa?...

CLOTILDE

Mas tudo! affianço-lhe! tudo!

FERNANDA

Então, não a comprehendeu elle! Porque eu affirmo-lhe, minha senhora, que elle não sabe. Elle não sabe!... Juro-lhe que não sabe!...

CLOTILDE

E n'essa crença, emfim, porque é necessario tomar uma resolução! Que conta fazer?

FERNANDA, levantando-se

Dizer-lhe tudo!

CLOTILDE, assustada, levantando-se tambem

A senhora?

FERNANDA

Eu mesma...

CLOTILDE

Margarida!... pois pensa em tal?...

FERNANDA

Se penso em tal!... Faltando-me a virtude, que ao menos tenha a franqueza. É a unica honra que me resta...

CLOTILDE

Terá esse animo?

FERNANDA

Hei de tê-lo!

CLOTILDE

Margarida, não faça isso!... Tome sentido... Ha palavras que queimam, e palavras que matam!

FERNANDA

N'esse caso, que me matem! Mais vale morrer do seu desprezo que viver com o meu.

CLOTILDE

Mas que loucura!... Pense bem! Pela senhora, mesmo por elle, por sua mãe emfim, cuja felicidade depende da sua! Mas eu não quero, mas eu prohi-bo-lhe!

FERNANDA

E prefere, minha senhora, que eu seja sua mulher com esta duvida que me atormenta? Quer que eu vá logo para o altar dizendo commigo: Sabe elle realmente quem é a mulher que aqui traz?... Mas é uma infamia que me aconselha!...

CLOTILDE, vivamente

Não, não! Tem razão: é necessario certificar-se primeiro...

FERNANDA

Bem vê!

CLOTILDE

Mas por modo algum deve fallar!

FERNANDA

Que hei de então fazer?... porque eu já não sei...

CLOTILDE

Escrever!... O que queima a dizer, escreve-se!

FERNANDA

Talvez!... Sim!

CLOTILDE, preparando tudo na mesa

E isto é melhor... Elle sabe tudo, e Margarida tem essa certeza, sem se atormentarem um ao outro!

FERNANDA, indo á mesa

Tem razão, minha senhora, vale mais escrever: é menos terrivel que fallar.

CLOTILDE

Olhe, aqui tem papel... Penna...

FERNANDA, sentada e tremula

Sim... É necessario!... Oh! meu Deus! por onde hei de começar e como hei de dizer isto?

CLOTILDE

Lembre-se para crear animo que lhe não vae dizer nada que elle não saiba!... Margarida escreve. Clotilde ganha a direita Então?

FERNANDA, cessando de escrever e chorando

Oh! é horrivel escrever de si o que eu estou escrevendo!

CLOTILDE, commovida, abalada, e prompta a dete-la

E queria dizer-lh'o! Julgue então!... Desgracada creança!

FERNANDA

E eu amo-o!... E elle ama-me!

CLOTILDE, tornada implacavel

Avie-se, o tempo urge!...

FERNANDA, suffocada pelas lagrimas

Eu já não vejo, minha senhora.

CLOTILDE

Basta, então.

FERNANDA

Nem sei o que escrevo.

CLOTILDE

Posso ler? Pega na carta.

FERNANDA, com desesperação

Póde, sim... Oh! meu Deus! N'um dia em que as outras são tão felizes! É assim a manhã do meu casamento!...

CLOTILDE

Resta unicamente fazer-lhe chegar isto ás mãos, e eu encarrego-me d'isso.

FERNANDA

Oh! não, não, serei eu mesma!

CLOTILDE

Quando eu estou aqui... para...

FERNANDA

Eu lh'a entregarei! Fugirei depois para o meu quarto, e esperarei de joelhos a sua sentença!

CLOTILDE, á parte, inquieta

Ah!... Alto. Mas desfallece! Está pallida!

FERNANDA, lutando, sem cair

Ah! sim... estou já sem forças!

CLOTILDE, sustendo-a

Bem vê! Chamando. Thereza!... Thereza! Era-lhe impossivel, creia, affrontar a sua vista!

FERNANDA, sentada

É verdade, minha senhora, renuncio...

Ah!

CLOTILDE, vivamente, estendendo-lhe a mão

FERNANDA, dando a carta a Thereza

Thereza, leve esta carta ao sr. marquez! Já. Vae saído.

CLOTILDE, querendo dete-la

Mas!

FERNANDA

Oh! minha senhora, não me abandone no estado em que eu estou. Thereza sae.

CLOTILDE, o mesmo

É que!...

FERNANDA

Supplico-lhe. Não me deixe sósinha.

CLOTILDE, á parte

Ah! está escripto que não poderei fazer nada!

FERNANDA, estremecendo

É elle!

CLOTILDE

André!

FERNANDA, prestando o ouvido

Ouço a sua voz no pateó!

CLOTILDE, com raiva concentrada

Como a não achou, vem para aqui.

FERNANDA, assustada

Ah! Thereza vae encontrar-se com elle...

CLOTILDE

Por certo.

FERNANDA, levantando-se

E acabou-se tudo... Elle vae ler a carta... Espavorida. Não... já não quero... ainda não!... A minha carta... quero a minha carta... restituam-m'a.

CLOTILDE

Assim o quiz... agora, é tarde...

FERNANDA

Grite!... chame!

CLOTILDE, olhando para a janella

É tarde, repito-lhe... Lá está Thereza a fallar-lhe.

FERNANDA

E a carta?

CLOTILDE

Dá-lh'a... já elle a tem na mão.

FERNANDA

Ah!

CLOTILDE

Rasga o sobrescripto...

FERNANDA

Estou perdida!

CLOTILDE

Entrou para o vestibulo... Já o não vejo...
 Approxima-se...

FERNANDA, caindo desfallecida no canapé

Oh! Deus!... meu Deus! perdoae-me e fazei com
 que elle me perdoe!...

CLOTILDE, encostada ao parapeito da janella e desanimada

Que se lhe ha de fazer? o céu não permittiu esta
 vingança... e todavia era a mais infernal...

FERNANDA

Os seus passos... é elle! Pela porta do fundo aberta, vê-se
 André entrar vivamente na ante-camara; vem vestido para o casamento.

SCENA VIII

Os mesmos, ANDRÉ entra, demora-se um segundo
 no limiar da porta, depois desce

ANDRÉ

O que é isso? pois ainda não está prompta, mi-
 nha querida Margarida?

FERNANDA, estremecendo de alegria e olhando para elle

Ainda não... Estava aqui... á espera...

CLOTILDE, o mesmo surprehendida da attitude de André

Alguna cousa nervosa!... É natural!

ANDRÉ, jovialmente

Mas é que nós não temos tempo para conceder
 ao nervoso... O mairé não esperará...

FERNANDA

Devo então ir apromptar-me? Sempre o quer?...

ANDRÉ

O que! Se o quero... mas já...

FERNANDA, estremecendo e chorando de alegria

É que eu não ousou acredita-lo... Oh! meu Deus!
é pois verdade?... que felicidade a minha!

ANDRÉ

Então! então!... que commoção!

FERNANDA

Perdoe-me... o sobresalto... a alegria... Mas
não é nada... tudo passou... Ah! como o senhor
é bom e generoso!... Eu só tenho o meu coração
para lhe dar em troca, mas não ha, não póde haver
amor bastante para lhe pagar o que faz.

ANDRÉ

Eu só faço, minha querida Margarida, o que me
dicta o meu. Acaso pensou que eu mudasse de opi-
nião?

FERNANDA

Talvez!

ANDRÉ

Que loucura!... não torne a pensa-lo. Vamos,
minha adorada Margarida, vá depressa preparar-se!
Tenho pressa de lhe chamar: minha mulher!

FERNANDA

Vou a correr... A Clotilde. Tinha rasão, minha senhora. Quanto eu sou feliz!... Oh! não me farei esperar!

ANDRÉ, offerecendo-lhe a corôa no momento em que ella está no limiar da porta

Então!... a sua corôa?... Já não quer a sua corôa?

FERNANDA, recebendo-a

Quero-a, sím... Agora, quero-a. Saes pela direita.

SCENA IX

ANDRÉ e CLOTILDE

ANDRÉ, seguindo-a com os olhos

Ainda o não pôde acreditar, a pobre creança!...

CLOTILDE, vivamente

André... Thereza entregou-lhe uma carta?

ANDRÉ

É verdade... Tenho-a aqui... Subi a escada tão depressa... Tira-a da algibeira da casaca. Foi esta.

CLOTILDE

Não a leu?

ANDRÉ

Não; mas vou lê-la... Queira perdoar, é sua, não é assim?

CLOTILDE, vivamente, detendo o

É minha... sim.

ANDRÉ, jovialmente

Então podemos lê-la juntos...

CLOTILDE

Não... Thereza não entendeu bem o meu recado... Esta carta só lhe devia ser entregue á saída da igreja.

ANDRÉ

Uma surpresa!

CLOTILDE

Uma cousa parecida com isso... sim.

ANDRÉ

Olhe que é tentador, Clotilde, confesse, e se eu a lesse já?

CLOTILDE

Privava-me de todo o prazer que eu espero, vendendo-lh'a ler mais tarde.

ANDRÉ

Deus me livre de lhe dar esse desgostoso... Só a abrirei á saída da igreja

CLOTILDE

Jura-m'ó?

ANDRÉ

Faço mais... entrego-lh'a... Restituir-m'a-ha na occasião propria...

CLOTILDE

É verdade... assim...

ANDRÉ

Ei-la.

CLOTILDE, recebendo-a

Obrigada.

ANDRÉ, jovialmente

Está olhando para mim de um modo celebre, Clotilde... Em que está a pensar, com a carta na mão?

CLOTILDE, commovida e hesitando

Penso em como esta vida é uma cousa extravagante... Dizer que o futuro inteiro de um homem depende ás vezes de uma palavra...

ANDRÉ, o mesmo

É uma allusão que faz ao *sim* sacramental?...

CLOTILDE, olhando para elle

Talvez!... É esta uma hora bem decisiva...

ANDRÉ, jovialmente, olhando para o relógio

E já com um quarto de hora de atrazo.

CLOTILDE

É talvez uma demora que o céu lhe concede...

ANDRÉ

Uma demora?...

CLOTILDE, sempre com a carta na mão

Escute, André... é tempo ainda... esse casa-

mento, aperta-se-me o coração, confesso, lembrando-me de que fui eu que o fiz... e que no momento em que lhe fallo, a sua felicidade está presa a tão pouco... pense bem... e se lhe resta algum escrúpulo... alguma saudade...

ANDRÉ

De que?

CLOTILDE

Que sei eu?... da sua liberdade, por exemplo?

ANDRÉ

Apaixonado como eu estou!

CLOTILDE

Ama-se hoje, mas amanhã?... A prova está em mim, porque enfim, André...

ANDRÉ

Adorei-a... mas de outro modo...

CLOTILDE

Não era tão espontaneo?

ANDRÉ, beijando-lhe a mão

Tão espontaneo era... mas talvez não fosse tão verdadeiro.

CLOTILDE, apertando a carta

Decididamente, tem razão, marquez... Case... case... que bem o merece!

THEREZA, entrando

A menina está prompta, e só espera pelo sr. marquez para partir.

ANDRÉ

Ainda bem. Soube resgatar o tempo perdido. Acompanha, Clotilde?

CLOTILDE

Eu já vou... Bem sabe que espero por Philippe?

ANDRÉ

Ao menos, não se demore...

CLOTILDE

Ainda hei de chegar cedo.

ANDRÉ

Não se fie n'isso. Fóra á direita. Ahi vou, ahi vou.

CLOTILDE

Segue-os Thereza... e vem avisar-me logoque saíam da mairie.

THEREZA

Sim, minha senhora. Saé.

SCENA X

CLOTILDE, sósinha

Olhando pela janella. Ei-los... Sobem para a carruagem!... Elle dá-lhe a mão!... Como ella está ra-

diosa! E elle! irradia-lhe tambem no rosto a felicidade! Oh! tu fallas verdade... Nunca me amaste assim!... E tive eu dó um instante!... Sim, estive quasi a dar-lhe esta carta... Vae para a queimar e detem-se. Oh! não!... uma confissão da mão d'ella, é muito preciosa... Guardemo-la antes... Bulha de carruagens que se afastam. Partem!... Vae, anda, vae, corre aonde o teu destino te leva! e apressa-te em ser feliz! Não te resta muito tempó para o ser! Ah! eu não sei qual, será a duração dos meus tormentos, covarde!... mas eternisarei os teus!

SCENA XI

CLOTILDE e POMEROL

POMEROL, de casaca, lenço branco e azafamado

Ah! eis-me aqui prompto!... e a tempo!...

CLOTILDE

Sósinho?... E Georgina?

POMEROL

Georgina, sim... aquillo é a phantasia em pessoa!... Vinhamos busca-la... nãas encontrámos as carruagens, ali, á esquina da rua... Porque sabe que já foram para a mairie.

CLOTILDE

Bem sei.

POMEROL

E Georgina disse-me logo:... «Eu vou já na comitiva! — Mas olha que temos tempo!... — Nada,

eu não quero faltar á cerimonia!... Mas attende, que vaes fazer ante-camara no meio dos outros noivados!... Tanto melhor, por que isso diverte-me!... Vae tu buscar Clotildé»... Eu vim para aqui... e ella lá vae!... Põe o chapéu na mesa.

CLOTILDE

Que feliz louquinha!

POMEROL, calçando as luvas

Demais, ella tem razão. É um espectáculo divertido a antecamara da mairie em um dia de casamentos... Uma enorme casa muito fria... primeiro symbolo!... Tectos de uma altura... que despertam sonhos! Cadeiras incommodas! É que ninguem ali está para se divertir... e vastas paredes verdes e nuas... uma falsa apparencia de tribunal... falla-se baixo... espera-se com anciedade... Vão os réus ser condemnados ao maximo da pena! por quanto tempo de grilheta? As mães choram... os paes estão commovidos... as testemunhas disfarçam a custo as fraquezas do estomago! Para matar o tempo os noivados ridiculisam-se uns aos outros!... A noiva n.º 1 critica o vestuario da noiva n.º 2, que se morde de inveja pela do n.º 3, que esmaga ambas com o seu desprezo... A final, um porteiro abre e convida... no tom vulgar... «Queiram entrar os parentes...» Torna a fechar-se a grande porta, absorvendo um cortejo!... para o restituir e trazer outro, seguido de um terceiro!... com a fria regularidade de uma machina!... É o cutello da felicidade!

CLOTILDE

Se Georgina o ouvisse...

POMEROL

Ora adeus! todo o francez graceja do casamento, e casa, e sentiria bastante não o fazer... Está-lhe no sangue... Vámo-nos embora?

CLOTILDE, indo ao fogão

Deixe-me aquecer primeiro os pés... a sua descrição gelou-me.

POMEROL

Olhe não passe a hora...

CLOTILDE

Falta ainda meia hora... temos tempo.

POMEROL

Um quarto apenas.

CLOTILDE

Qual!... meia hora.

POMEROL

Então, se eu espertasse o lume... hem? Não arde este fogão.

CLOTILDE, sentando-se no canapé

Avive-lhe pois o fogo.

POMEROL, acorçado, atijando o lume

A proposito, enquanto estamos sósinhos... fallemos da minha promessa...

De Fernanda?

CLOTILDE

POMEROL

Sim... Ouvi dizer-lhe que lhe tinha achado um bom lugar?

CLOTILDE

Se o primo não ficar contente, é que é difficil de contentar.

POMEROL

Pobre rapariga! ainda bem! Agora sim, temos lume... E que lugar é?

CLOTILDE

Ora ahí está... eu desejava... Interrompendo-se. Dê-me a caixa das luvas... d'ali... de cima da mesa.

POMEROL, indo buscar a caixa

A prima desejava...

CLOTILDE

É uma brincadeira... Mas eu desejava fazer-lhe uma surpresa...?

POMEROL

Quando?

CLOTILDE

Depois da missa...

POMEROL

Não se demorará muito... E uma vez que eu saiba que ella é feliz...

CLOTILDE

Muito feliz, se lhe durar.

POMEROL

Nós faremos a diligencia. Fique então para depois da missa.

CLOTILDE

Agora quero que o viajante me dê noticias suas...

POMEROL

Oh! minhas... Ouve-se um quarto de hora n'um relógio. Já passa um quarto de hora na mairie!

CLOTILDE

Já.

POMEROL

Então! mas ainda leva tempo a chegar lá.

CLOTILDE

Que impaciente que é... Bem sabe que o adjunto faz-se sempre desejar... E francamente ir para lá tiritar de frio no meio de toda aquelle gente...

POMEROL

Oh! eu não tenho empenho.

CLOTILDE

Nem eu. Conversemos pois.

POMEROL

Mas se eu soubesse; eu que nem tive tempo para fumar depois de almoço.

Fume então.

CLOTILDE

Aqui?

POMEROL

Dou-lhe licença que fume uma cigarrilha.

CLOTILDE

POMEROL

A prima é uma verdadeira mulher.

CLOTILDE

Com que então ganhou a sua demanda.

POMEROL, fazendo uma cigarrilha na mesa á direita

As minhas demandas!

CLOTILDE

O que, eram muitas?

POMEROL

Eram. Tive um tal exito no negocio das minas... Porque, sabe que eu advogava a concessão de umas minas...

CLOTILDE

Sei.

POMEROL

Pois foi tal o exito, repito, que no mesmo dia chegou-me das montanhas um homemzarrão, seguido de dois mocetões d'esta altura... com olhos esplendidos... que me disse: «Meu senhor, aqui lhe apresento os meus quatro filhos e os meus dois gen-

ros, e vimos pedir-lhe para advogar a causa de minha filha Ginevra, a quem succedeu una grande desgraça!» O homem tinha um porte tão respeitavel, com os seus cabellos brancos e o seu cortejo de heroes, que me palpitou um drama, e disse-lhe: «Vejamos a desgraça!...»

CLOTILDE

E era um drama?

POMEROL

Com tres personagens: A bella Ginevra!... Orio Tibaldi, seu noivo, e Peppa... amiga de Ginevra. Primeiro acto: Ginevra ama Orio, e dá-lhe provas... muito positivas! Segundo acto: o infiel Orio enamora-se de Peppa e casa com ella. Terceiro acto: Ginevra espera o amante infiel e a perfida amiga ao sair da missa... e armada, com a espingarda do senhor seu pae, mata-os no limiar da porta da igreja!...

CLOTILDE

A ambos?

POMEROL

A ambos!

CLOTILDE, levantando-se

Ora ahí está o que se chama uma mulher! E defendeu-a? E então?

POMEROL

E então! Ouve-se meia hora. Com a fortuna... Olhe que lá bateu meia hora...

CLOTILDE

Jesus! que homem! Socegue... Thereza deve avisar-nos.

Thereza?

POMEROL

CLOTILDE

Sim! mas interrompeu o drama... Essa rapariga interessa-me a um tal ponto... Defendeu-a bem, espero!... Foi eloquente, vigoroso...

POMEROL

Sublime, é a palavra! Sobre o facto do amante assassinado não havia grande duvida! Tu seduzes-me, tu deixas-me! Eu mato-te! Toda a ilha sobre este ponto soltava apenas um grito, que é da maior localidade na Corsega! Encolhendo os hombros e imitando-os. *Té!*... Quer dizer!... Podera! Que quer, é naturalissimo! Homens, mulheres, carcereiros e soldados, exclamam unanimes!... *Té!*...

CLOTILDE

Excellent!

POMEROL

Mas onde o negocio tinha quês, era com Peppa!... Peppa nada havia promettido! Peppa nada havia jurado!

CLOTILDE

Que importa! Essa rapariga não era tambem culpada por se haver mettido de permeio n'aquelles amores?

POMEROL

Pois sim; mas...

CLOTILDE

Oh! Deus! Eu comprehendo perfeitamente o que fez Ginevra. Eu matava como ella matou!

Peppa, tambem?

POMEROL

CLOTILDE

É uma rival! Olha-se lá a isso! Se ella não se achasse ali nada lhe succederia.

POMEROL

Mas a sua theoria, minha prima, é selvagem!

CLOTILDE

Emfim, que foi o que disse no tribunal?

POMEROL

Oh! eu... Vendo o relógio. A esta hora já estão casados.

CLOTILDE

Não estão.

POMEROL

Estão.

CLOTILDE

Não estão. Continue. O senhor disse...

POMEROL

Tudo que em taes casos se pódê dizer! Orando. Vejam, meus senhores, esta pobre rapariga cheia de confiança, seduzida por aquelle que ella já considera seu marido... e enganada, abandonada por outra!...

CLOTILDE

E que outra!

POMEROL

E que outra!... É verdade, que eu disse isso!...

A sua vida condemnada, a sua deshonra publica! A raiva! Loucura tambem. Ella fere, mata... Que querem, meus senhores, essa mulher mata... traição por traição... *Té!*... Eu disse-lhes: *Té!* Isto agradou-lhes. Façam uma lei que castigue os seductores infieis e vingue as raparigas ultrajadas... Então esta mulher procedia mal... Mas até lá não se admirem que ella mesma se arvore em lei, em juiz, em carrasco...

CLOTILDE

E o effeito?

POMEROL

Immenso!... Julgamento em policia correccional... *Ferimentos por imprudencia, que occasionaram a morte!* Esta legislação faz a minha felicidade. Cinco annos de prisão! É eu levado em triumpho! Não asseguro que isto em París tivesse o mesmo exito!

CLOTILDE

Mas é uma infamia, a sua sentença!

POMEROL

Bem sei, devia...

CLOTILDE

Deviam absolvê-la!

POMEROL, rindo

Ah! e esta!

CLOTILDE

Oh! se a justiça fosse administrada por mulheres!

POMEROL

Havia de ser bonita.

CLOTILDE

Seria recta! Ah! esses covardes ladrões de amor haviam de acautelar-se mais. E não se veria o que se vê! Um miseravel que se julgaria deshonrado por faltar á palavra dada a um homem, e que se arroga o direito de falsear os juramentos prestados a uma mulher... porque é mulher.

POMEROL

Clotilde, se se exalta, é melhor fazermos ponto na discussão!

Thereza apparece ao fundo

CLOTILDE, com alegria

Thereza!

POMEROL

Ah! tanto melhor, partamos!

CLOTILDE, detendo-o

Cale-se! a Thereza. Então! Onde os deixaste?

THEREZA

Entrando para a igreja, minha senhora.

CLOTILDE, com alegria, á parte

Ah!

POMEROL, espantado

Para a igreja!... E a mairie?

THEREZA

Já lá terminou tudo.

POMEROL, a Clotilde

Ah!... e nós aqui a conversarmos! Co'a fortuna!
Vamos a correr á igreja.

THEREZA

É muito tarde... Ha só a benção nupcial! Elles
estarão aqui antes de lá chegarem. Sobe e sae.

POMEROL

Ouve, Clotilde?

CLOTILDE

Sim... sim, oiço!

POMEROL

Mas ei-los casados, sem a nossa presença.

CLOTILDE

Sim!... Ei-los casados!... Desafogando. Emfim!...
emfim! realisou-se!

POMEROL, admirado

Que ar de triumpho com que diz isso!

CLOTILDE

Oh! vae ver, se eu triumpho! Contou-me como
se vingam lá na Corsega, não é assim? Pois bem,
vou eu dizer-lhe como aqui se vingam! É tambem
um drama com tres personagens, como o outro!...
André, sua mulher... e eu!

POMEROL

André?...

CLOTILDE

E a mesma historia? Porque tambem a mim como á outra se fizeram mil juramentos!... Porque tambem a mim me deshonraram publicamente, por uma ligação que eu ostentava com altivez e sem reboço! Porque tambem a mim vieram dizer um dia, em tom desprezado!... «Por minha fé, minha querida, que não sei como isto foi, mas já a não amo e amo outra. Foi assim, tal qual».

POMEROL

Mas!...

CLOTILDE

Ah! eu escutei-o!... Escute-me tambem!... Ferida aqui!... suffoquei no coração as minhas lagrimas, e fingi-me affectuosa, e terna, e dedicada! Elle tudo isto acreditou, o seu indigno amigo!... Pôde crer que eu o veria com alegria, tornar-se amante e noivo de outra!... que eu o ajudaria, eu! a depor aos pés de uma rival tudo quanto me pertencia, e que elle me roubava... Que tanto amor podia ceder logar a outro sentimento, que não fosse um odio profundo!... E aquelle homem pôde acreditar em tal! E vendo o modo por que eu lhe estendia a mão, não comprehendeu, o imbecil!... que esta mão só aspirava a rasgar-lhe a pedaços o coração!

POMEROL

Clotilde! O que me está a dizer!

CLOTILDE, fóra de si

Oh! miseravel covarde! Haveria eu dado a ti os tres mais bellos annos da minha vida!... Haveria eu calcado aos pés por ti, pudor, orgulho, virtude!

Far-me-ia tua escrava! Prostar-me-ia em frente dos teus passos, dizendo-te: Caminha!... Curvar-me-ia, a um aceno teu, dizendo-te: Fere!... E para chegar a tal fim!... que saciado do meu amor tu o arremecasses para longe como se fôra uma flor resequida!... E tu não queres que eu me vingue!!

POMEROL

Clotilde!... Apavora-me ouvi-la! Que é o que fez, desventurada!

CLOTILDE

O que fiz?... Elle amava uma rapariga... uma rapariga d'aquellas com quem não é licito casar... Pois bem, casei-o eu com essa creatura! Sim, agrilhoei-o por toda a vida a essa vergonha! E ei-los que voltam da igreja. Olhe!... Ahi está o que eu fiz. Sobe á janella.

POMEROL

Mas isso é uma atrocidade!... É uma infamia!

CLOTILDE

Ah! que quer! Cada qual procede conforme as suas forças! O homem de garra erguida, esmaga como o leão! A mulher roja-se para morder, como a vibora!

POMEROL

Mas com quem? a final com quem o obrigou a casar?

CLOTILDE

Apeiam-se da carruagem... Veja!

POMEROL

Fernanda!

CLOTILDE

Fernanda, sim! filha de quem o senhor sabe, e amante...

POMEROL

Pois enganou a tal ponto esse homem!

CLOTILDE

Oh! mas ainda não é tudo! Isto principia agora!... Lá na Corsega esperam-n'os com a sua arma á saída da igreja... eu espero-os á volta para casa com a minha!... a differença está em que essa arma lá usada apenas mata dois corpos, e que eu vou matar duas almas!... É mais completo!

POMEROL

Pois está á espera d'elles?

CLOTILDE

Com esta prova na mão... uma carta d'ella... em que confessa tudo!

POMEROL

E fará isso?

CLOTILDE, de pé

Oh! se o farei... Pois bem! vae ver!

POMEROL, resolute e friamente

Não o verei!... porque o não fará!

CLOTILDE

E quem m'o ha de impedir?

Eu!

POMEROL

O senhor?

CLOTILDE

POMEROL

Eu!... a quem são indifferentes as questões que teve com o seu amante! mas a quem não é permitido consentir que a sua vingança fira uma innocente creança!

CLOTILDE

Mas que me importa isso a mim! eu odeio a sua innocente!... odeio-a porque foi ella a causa da minha perdição!...

POMEROL

E eu prohibo-lhe... prohibo-lhe, ouviu... que lhe faça derramar uma unica lagrima!

CLOTILDE

Oh! as suas lagrimas!

POMEROL

Nada dirá!

CLOTILDE

Filippe!

POMEROL

Nada dirá, repito!... Ah! pois eu surprehendo-a em flagrante delicto de assassinato moral, e julga que ha poder no mundo que me vede fechar-lhe a boca e atar-lhe as mãos!

CLOTILDE, subindo para ir á porta

Ameaças!... mas eu affronto-as, e rio-me d'ellas...

POMEROL, cortando-lhe a passagem e obrigando-a
a conservar-se diante d'elle

Pronuncie uma palavra... e como homem de bem
lhe juro... que não acabará a phrase!...

CLOTILDE

Covarde! como todos os homens!

POMEROL, ao fundo

Elle vem ahi.

CLOTILDE

Pois bem! vae ver o caso que eu faço das suas
proibições! Quer correr á porta.

POMEROL, cortando-lhe sempre a passagem

E vae tambem ver como eu trato as envenena-
doras da sua especie! Primeiro, a carta! Tira-lh'a.

CLOTILDE, assustada

Largue-me!... a minha carta!

POMEROL, agarrando-lhe os pulsos

Retire-se para o seu quarto!

CLOTILDE

Não me toque!

POMEROL

Retire-se então!

CLOTILDE

Acudam-me! acudam-me! ah!

POMEROL, tapando-lhe a boca com uma das mãos e arrastando-a para a porta do quarto

Não ha de dizer nada... nem ha de gritar!

CLOTILDE, no limiar, agarrando-se á porta

Oh! covarde!... uma mulher!... covarde... infame!

POMEROL, fóra de si, arrastando-a

Mas, cala-te, vibora!... cala-te!

Arrasta-a para o quarto, oade desaparece um segundo com ella, no momento em que André apparece ao fundo; depois volta vivamente e fecha a porta á chave

SCENA XII

POMEROL, ANDRÉ, depois FERNANDA

ANDRÉ, ao fundo, ao creado

E Clotilde?... e Philippe?

POMEROL, estupefacto, entra, fechando a porta

Com duas portas de intervallo, póde gritar á sua vontade.

ANDRÉ, entrando

Então? Foram ambos extremamente amaveis.

POMEROL

Falla baixo... No momento de partir, Clotilde teve um ataque de nervos... Arrepelou-se, gritou! Vês-me ainda transtornado!

ANDRÉ

Oh! meu Deus! eu vou...

POMEROL, impontando-o para a porta

É inutil... Já passou!... Ella está agora socegada!... alem d'isso, tu vaes partir, e o tempo urge.

ANDRÉ

Porém minha mulher, que tu não conheces!

POMEROL, o mesmo

Á volta a conhecerei!... Vae-te embora!

ANDRÉ

Ainda não posso ir... Margarida foi vestir um fato de viagem!... e olha... ella ahi vem!... Corre a Fernanda vindo da direita. Margarida! Clotilde está doente!

FERNANDA

Doente!

ANDRÉ

E não se lhe póde fallar agora, mas á falta d'ella, aqui está o melhor dos meus amigos, a quem peço que abrace do coração!

Fa-la passar diante de si e vae buscar ao fundo uma pelissa de viagem
que um creado tem no braço

FERNANDA, vae para dar um grito

Ah!...

POMEROL, interrompendo-a vivamente, e abraçando-a a meia voz

Cale-se!... Eu não a conheço! Alto. Oh! minha

senhora, folgo em conhece-la!... Mas partam! depressa, depressa... não tem já tempo para se demorarem...

ANDRÉ, ao fundo

É verdade!...

FERNANDA, a Pomerol

O senhor?... seu amigo?

POMEROL, pondo o dedo na bôca

Mais tarde... mais tarde fallaremos...

ANDRÉ, descendo e com alegria

Vamos, vamos, Margarida!

FERNANDA, levada por André

Vou já! a Pomerol. Até á vista... nosso amigo... até á vista!

POMEROL

Boa viagem!

ANDRÉ e FERNANDA

Obrigado.

ANDRÉ, ao fundo, levando abraçada Fernanda

E vêla affectuosamente por Clotilde!

POMEROL

Sim, sim, socega!... Eu vélo!... Fechando a porta e sósinho. Emfim! Caê prostrado n'uma cadeira. Salvei-os hoje!... Mas amanhã!...

ACTO QUARTO

Uma sala em casa de André — Janella á esquerda — Porta de entrada, angulo á direita — Outra porta no fundo que é a do quarto da cama — Porta pequena, na parede á direita, primeiro plano — Fogão e canapé, angulo á esquerda.

SCENA I

ANDRÉ, FERNANDA, GEORGINA, SR.^a DE BRIONNE,
o BARÃO, a BARONEZA, o GENERAL e uma senhora idosa

Á noite — Uma mesa de whist á direita aonde, André, o Barão, a sr.^a de Brionne e a Baroneza estão sentados e jogam — Á esquerda uma mesa e chá — Fernanda faz o chá — A senhora idosa está sentada no canapé — Georgina ao fundo, á direita espregueada a chegada do marido — O General á esquerda do fogão.

SR.^a DE BRIONNE

E nove, e dez... Ganhámos, barão?

BARONEZA

Porque é que André não respondeu á minha puxada de copas?

ANDRÉ

Joguei mal, minha tia. Tem razão.

SR.^a DE BRIONNE

O marquez tem umas taes distracções!... Está sempre a olhar para aquelle lado, e não creio que seja para admirar o general.

BARÃO

Ora, casado ha um mez! Anda lá, que nós desculpamos-te!

ANDRÉ

Vamos, meu tio. Tiremos a nossa desforra.

A SENHORA IDOSA, a Fernanda que lhe apresenta uma chavena

Com muito assucar, se faz favor, marquez.

FERNANDA, servindo-a

Assim?

A SENHORA IDOSA

Tal qual, minha joia. Fernanda continua a servir o chá.

SR.^a DE BRIONNE, enquanto se dão as cartas

Mas o que é feito de Philippe?

GEORGINA, descendo

Isso pergunto eu. Philippe deixou-nos logo depois do café. Onde estará?

FERNANDA

Lá principia a imaginaçõesinha de Georgina a trabalhar.

GEORGINA

Podéra não! Mas hão de confessar que isto é bem extraordinario.

SR.ª DE BRIONNE

Com certeza! Eu no logar de Georgina...

GEORGINA, á parte descendo á extrema

Bem me fio eu em ti!

ANDRÉ, deitando assucar na chavena, a Georgina

E os negocios, minha querida amiga?

GEORGINA

Talvez me queira persuadir de que está advogando ás dez horas da noite!...

BARÃO

Para se divertir não creio eu que elle saisse, porque deve fazer um frio!...

GENERAL

Apostaria que está caíndo neve!

FERNANDA, dando-lhe uma chavena de chá

Advinhou general!... Cae neve.

GENERAL

Sinto-o nas minhas pobres pernas!... Obrigado marquezia!

ALFREDO, trazendo cartas

Uma carta para a senhora marquezã.

FERNANDA

Ah! de Nice. É da mamã. Dão licença?...

TODOS

Essa é boa!

ALFREDO

E outra que acabam de trazer para o sr. de Pomerol.

GEORGINA, vivamente

Ah! dê-m'a... Apodera-se da carta.

ANDRÉ

Boas noticias, marquezã?

FERNANDA, lendo

Oh! excellentes! Passa o melhor possível!

ANDRÉ

Ainda bem, porque mais cedo regressará para ao pé de nós.

BARONEZA

Que jogo, meu Deus!... que jogo!

BARÃO

Cale-se, baroneza... Não avise os parceiros!

GEORGINA, que dá voltas na mão á carta em todos os sentidos

Tenho uma vontade de a abrir!... Nada! é de um homem. Uma letra feia e torta... E cheira a tabaco de fumo... Isto não prova nada. Ellas também fumam. Ella entreabre a carta e procura ler.

FERNANDA

Que é que está fazendo, Georgina?

GEORGINA

A marqueza não as abre? Confesso que ás vezes abre-as.

FERNANDA

As cartas para meu marido... Nunca!

GEORGINA

É que não é zelosa... ora ahi está!

FERNANDA

Zelosa! de que e para que? Sou tão feliz. Seria bem culpada por assim perturbar a minha felicidade.

GEORGINA

Como ella é creança! Verdade seja, que eu comprehendo-a! Está na lua de mel e tem o modelo dos maridos! A final, vejamos, eu estou socegada, não é assim? Ninguem dirá que eu me exalto!... Mas sempre quero que me diga que necessidade tinha elle de sair a esta hora... E que póde elle andar fazendo pelas ruas com um tempo d'estes?

FERNANDA

Filippe? Porque suppõe que elle ande agora pelas ruas?

GEORGINA, com voz alterada

Julga-o então n'algum quarto?

FERNANDA

Por elle, faço votos para que assim seja!

GEORGINA

E com quem está n'esse quarto?

FERNANDA, surprehendida

Eu sei?

GEORGINA

Já vejo que não me entende... Mas emfim, minha querida, ha oito dias, desde que voltaram para aqui, exactamente! ha oito dias que elle entra e sae a qualquer pretexto... e anda distrahido, preocupado!... Ha por força um motivo!... alguma mulher!... tenho a certeza!... Oh! esta carta, se eu podesse abri-la, sem querer.

BARÃO

E nove... é nosso... Marque, minha senhora!

BARONEZA

General! uma pitada! O general levanta-se e vem a ella.

SR.^a DE BRIONNE

É verdade! o que é feito de Clotildê?

ANDRÉ

Não sei... Partiu no dia do nosso casamento, e ainda não regressou.

SR.^a DE BRIONNE
Nem escreveu?

FERNANDA

Não. É singular!... Ella estava incommodada no dia da nossa partida.

SR.^a DE BRIONNE
Devéras!

GEORGINA, à parte

Deita sempre veneno nas palavras, aquella mulher.

BARONEZA

Que é o que faz, André? Corta-me o meu rei.

ANDRÉ

É verdade, queira perdoar!

SR.^a DE BRIONNE

Se não vae d'aqui para longe, seu marido erra todas as vasas.

FERNANDA

Oh! então fujo...

ANDRÉ

Qual? não é verdade... Cortei apenas por engano um rei.

GENERAL

Ahi vem Philippe!

SCENA II

Os mesmos e POMEROL

GEORGINA

Emfim!

ANDRÉ

Bemvindo, meu desertor.

POMEROL

Annuncio-lhes que cae neve a valer.

FERNANDA

Venha depressa aquecer-se! Tem aqui bom lume.

POMEROL, a Fernanda

É já! E pedia-lhe uma chavena de chá, a ferver... Estou gelado. Vendo Georgina que olha para elle com desprezo. Oh! e ainda faz mais frio d'este lado.

GEORGINA

D'onde vem o senhor!

POMEROL

Eu!...

GEORGINA, vivamente

Responda depressa! depressa! sem procutrar!

POMEROL

Pois sim!

GEORGINA

Filippe, não minta!

Venho!...

POMEROL

Não é verdade!

GEORGINA

Ah!

POMEROL, rindo

Diz que está gelado e tem as mãos a arder!

GEORGINA

É das luvas!

POMEROL

E o chapéu está secco!... Cae neve... e está secco o chapéu!... O chapéu secco!

GEORGINA

Dentro da carruagem!

POMEROL

Tome sentido, senhor, que eu sei mais do que julga!

GEORGINA

Tu!... foste remexer-me outra vez os papeis!...

POMEROL

GEORGINA

Talvez!... O que é isto? Mostra-lhe a carta.

POMEROL

Isso? é uma carta, para mim.

GEORGINA

Consente que abramos juntos esta carta?

POMEROL, mordendo os beiços

Consinto.

GEORGINA

Então, vamos lê-la.

POMEROL

Então, vamos lê-la.

GEORGINA, lendo

... Ella já voltou!...

POMEROL, vivamente

Está lá isso?

GEORGINA, suffocada

Está cá isto mesmo, está sim.

POMEROL, consigo

E eu que venho de casa d'ella... e...

GEORGINA

Vem de casa d'ella!...

POMEROL

Venho, sim... e ao contrario, disseram-me!

GEORGINA

Disseram-lhe, ao contrario?...

POMEROL, consigo, indo e vindo, seguido por Georgina

C'o a fortuna! agora eis chegado o perigo!... Vi-
viamos tão felizes!

GEORGINA

Viviam felizes!

POMEROL

... Tão socegados!

GEORGINA

E socegados!

POMEROL

Era realmente muito preciso que ella voltasse!

GEORGINA

Mas ella quem? quem, ella?

POMEROL

Ah! sim, é verdade! Tu não sabes, nem podes
comprender, nem mesmo deves!...

GEORGINA

Mas, ao contrario, eu comprehendo muito bem.
É uma mulher!

POMEROL

Qual! Uma mulher! ora adeus! nem por pensa-
mentos!

GEORGINA

É um homem, talvez?

POMEROL

Exactamente.

GEORGINA

Ella? um homem! *elle* já voltou! *ella?*

POMEROL

Sim!

GEORGINA, ironicamente

E quem é este *elle*, que é *ella*?

POMEROL

Sua alteza!

GEORGINA

Hein!

POMEROL

Sua alteza o principe Woronsoff, a quem eu vou defender uma causa! Ella chega da Russia... Sua alteza... *ella*!

GEORGINA

Oh!

POMEROL

Ora essa! é tal qual.

GEORGINA

Basta, senhor, basta. Esta noite nos explicaremos, a sós.

POMEROL

Lá isso quantas vezes quizer.

GEORGINA

Faça favor de me não tratar por tu, até nova ordem.

POMEROL

Sim, minha senhora! Sósinho, á parte. Doce amuo!... As pazes serão deliciosas... Mas Clotilde em Paris... secretamente!... Que ameaça!

ALFREDO

O sobrinho da sr.^a condessa pede...

A SENHORA IDOSA

Meu sobrinho... Sim, sim, que entre... Dá licença, André? Ella levanta-se.

ANDRÉ

Oh! minha senhora... Diga que é uma honra que me faz...

SCENA III

Os mesmos e CIVRY

A SENHORA IDOSA, apresentando-o

O sr. de Civry, meu sobrinho!

POMEROL, recordando-se

Civry!

ANDRÉ

Folgo de veras em conhece-lo! Marqueza!

POMEROL, com anciedade

Meu Deus!

ANDRÉ

O sr. de Civry, sobrinho da nossa prezada amiga.

CIVRY

Minha senhora, espero que me desculpará pela hora adiantada d'esta primeira visita.

FERNANDA

Permitta-me que lhe responda á queima-roupa, offerecendo-lhe uma chavena de chá!

CIVRY

Era-me impossivel, minha senhora, recusa-la da sua mão!

POMEROL, á parte

E é verdade, que pateta que eu sou! Elle nunca a viu... graças a mim!

ANDRÉ

General...

POMEROL, respirando.

Mas, safa! que susto!

CIVRY

Vim interromper-lhe a sua partida, sr. marquez?

ANDRÉ

De fórma alguma. General, queira tomar o meu lugar. A Civry. A nossa querida condessa já me fallou no seu negocio!... Trata-se de um duello, não é assim?

A SENHORA IDOSA, com orgulho

É verdade!... em que elle matou o seu adversario!

CIVRY

Tive essa desgraça, sr. marquez. E não sei que resolução hei de tomar! Devo ficar, devo partir para cortar os enfados do processo! Minha tia deu-me esperanças de que o sr. marquez me esclareceria com os seus conselhos, e que me auxiliaria com a sua influencia.

ANDRÉ

Tenho melhor para lhe offerecer, sr. de Civry. Tenho ali um dos meus mais intimos amigos, e que

é alem d'isso um habil advogado, que o aconselhará melhor do que eu! Filippe!

POMEROL

O que é?

CIVRY, com alegria

O sr. de Pomerol.

POMEROL, apertando-lhe a mão

Para o servir.

ANDRÉ

Conhecem-se?

POMEROL

Tenho esse prazer.

CIVRY

E eu tenho essa honra. E eu que exactamente contava pedir-lhe o obsequio de se encarregar da minha defeza.

POMEROL

Com todo o gosto!

ANDRÉ

Foi um duello.

A SENHORA IDOSA, com orgulho

Em que elle matou o seu adversario.

POMEROL

Com os demonios! Safa! O meu amigo vae logo ás do cabo! E onde se effectuou o duello?

CIVRY

Em Ville-d'Avray.

POMEROL

É mais serio isso!... Porque não foram bater-se á Belgica?

CIVRY

É tão longe... e leva tanto tempo.

POMEROL

E o motivo do duello?

CIVRY

Oh! meu Deus!

FERNANDA, offerecendo uma chavena de chá a Civry

Sr. de Civry.

CIVRY

Oh! agradecido, minha senhora... O motivo foi dos mais simples, e o caso é que o sr. de Pomerol tem alguma parte n'isto.

POMEROL

Eu!

CIVRY

Sim. O sr. Anatole Richon, movimento de Fernanda e de Pomerol, tinha-me introduzido em certa casa, onde um amigo extremamente generoso... apertando a mão de Pomerol, me fez comprehender que não era ali o meu lugar. Ante-hontem o acaso collocou-me na presença d'esse senhor, presença que eu até então tinha sabido evitar... Elle queixou-se amargamente da minha arrebatada saída da tal casa! Eu respondi-lhe como convinha... Certo individuo que o acompanhava, tomando a si a questãod o sr. Richon, e

permittendo-se de qualificar o meu procedimento de um modo grosseiro, forçou-me a dar-lhe uma bofetada!

A SENHORA IDOSA

Muito bem, meu sobrinho!

CIVRY

Em seguida a isto, apesar dos esforços das minhas testemunhas, para me dissuadirem de me bater com tal individuo, mal conceituado, ao que parece, realisou-se um duello á espada, bem fatal ao meu adversario, uma vez que elle morreu no campo.

ANDRÉ

Então o defunto não é para deixar saudades!

CIVRY

O sr. de Pomerol póde julga-lo melhor do que eu!... Chamava-se Roqueville!

POMEROL

Hein!... elle!...

ANDRÉ, vendo Fernanda que empallidece

Que tem, Margarida? Levantam-se todos.

POMEROL, vivamente, sustendo Fernanda

Nada, uma pequena vertigem! Consequencia do frio!... É como eu que estou vendo tudo turvo!

FERNANDA

Sim... realmente...

POMEROL

É da neve!... Conheço isso!... não é nada... Subindo a escada ainda agora, também ia caíndo... perdi inteiramente a vista!... É extraordinario!

CIVRY

De facto as pessoas nervosas estão atreitas...

POMEROL

É isso!... é nervoso!... a Fernanda, com intenção, mas empregando-se forte vontade... e havendo resolução... Luta-se... mas a final passa.

ANDRÉ

Está melhor, marquezia?

FERNANDA

Estou, obrigada.

ANDRÉ

Dê-me o seu braço!... Impressionou-a aquella historia do duello e da morte do homem! Conduzindo-a ao quarto.

POMEROL, voltando, a Civry

Ah! sr. de Civry! Se estivéssemos sósinhos não me contentava em abraça-lo, dava-lhe um beijo!

CIVRY

Ora essa! por haver!...

POMEROL

Sim, sim, por haver... Oh! co'a fortuna! que es-

tocada! E dizem que as boas acções não têm cá na terra a sua recompensa!... Ah! Olhe que me paga bem os juros da minha!

CIVRY

Então, defender-me-ha?

POMEROL

E com energia! Socegue!

BARONEZA, ao fundo

Vamos, barão, que se faz tarde, e Margarida está doente. Retiremo-nos.

SR.^a DE BRIONNE

Coitadinha! e que tem ella?

ANDRÉ, reaparecendo

Não é nada! Já passou!

SENHORA IDOSA

Ainda bem. Vamos deixa-los. Acompanhe-me, meu sobrinho.

CIVRY

Sim, minha tia! A Pomerol. Até amanhã.

POMEROL

Não. Até depois de amanhã! Em minha casa! As dez horas.

CIVRY

Obrigado.

POMEROL, à parte, enquanto todos ao fundo se despedem de André

D'aquelle lado estou eu socegado. Pensemos na outra! Ao creado que leva a bandeja. Ouve-me, tu.

ALFREDO

Julgo-me feliz todas as vezes que o sr. de Pomerol se digna honrar-me com as suas palavras.

POMEROL

Está bom, basta! Conhecês a sr.^a de la Roseraie?

ALFREDO

Eu seria indigno da honra que o senhor me concede, n'este momento, se estando eu ha dois annos ao serviço do sr. marquez, não me achasse ao facto...

POMEROL

Basta, basta!... Talvez que ella amanhã se apresente aqui. Evita que ella veja teu amo, por todo o preço.

ALFREDO

Se tivesse a bondade de fixar bem o que entende «por todo o preço...»

POMEROL

São mil francos para ti. À parte, Maroto!

ALFREDO

Não atraçoarei a estima que lhe mereço. Sobee.

POMEROL

Com isto, poderei respirar algumas horas. Por esta noite estou socegado, a batalha será amanhã!

GEORGINA, com dignidade

Quando o senhor quizer.

POMEROL, o mesmo

Sou um seu escravo, minha senhora!

ANDRÉ, alegremente e surprehendido do tom dos dois

Então, que é isso?... Que ceremonias são essas?

POMEROL

Uma carta de mulher, meu amigo... acautela-te com cartas de mulher... no teu lar...

GEORGINA

Graceje, graceje... que logo é que havemos de rir...

POMEROL

Creio, realmente, que havemos de rir alguma cousa... A André. Dás-me de almoçar amanhã?

ANDRÉ

Ora, essa!

POMEROL, offerecendo o braço a Georgina

Até amanhã... Minha senhora...

GEORGINA

Acceito, meu senhor.

POMEROL

Então, vamos.

GEORGINA

Vamos, então! Saem.

SCENA IV

ANDRÉ, sósinho

Emfim!... Cuidei que não se iam embora... Vae para entrarno quarto de Fernanda; á creada que sae. Ah! como está a senhora?

CREADA

A sr.^a marquezia retirou-se para o seu quarto onde está a escrever. Está completamente restabelecida.

ANDRÉ

Está bom. Escreve a sua mãe... deixemo-la escrever...

SCENA V

ANDRÉ e CLOTILDE

A pequena porta da direita abre-se deragar e Clotilde entra

ANDRÉ, voltando-se com mais surpresa
do que alegria

Ah! Clotilde... a senhora?... e entrando?...

CLOTILDE

Por ali.

ANDRÉ

Pelo jardim?

CLOTILDE

Como outr'ora... servindo-me d'esta chave pequena... que me esqueceu de lhe restituir... dá-lha'.

ANDRÉ, affectuosamente

E porque entrou ás escondidas por esta porta, agora, podendo entrar ás claras pela outra?

CLOTILDE

Porque tenho rasões que me levam a desejar não ser vista esta noite... E divisando do jardim luz no quarto de sua mulher, e vendo a sua sombra a passear de um lado para o outro n'esta sala, disse commigo: está sósinho, entremos e conversemos um instante. Quer?

ANDRÉ, em tom de amigavel reprehensão

Na realidade, a hora não é bem escolhida.

CLOTILDE

É a mesma a que eu vinha antigamente...

ANDRÉ

Quero dizer que por este horrivel tempo...

CLOTILDE

Vim com tempo mais horrivel ainda...

ANDRÉ

Oh! tem a religião da memoria, Clotilde...

CLOTILDE

E o senhor?

ANDRÉ

Eu?... presto culto ao passado... mas adoro o

presente, e francamente, casado hoje-com uma mulher moça, naturalmente curiosa e zelosa, não desejava, nem por ella, nem pela senhora...

CLOTILDE

Antigamente, não tinha esses escrúpulos?

ANDRÉ

Porque então era apenas um namorado... e como todos os meus simillhantes, nada via alem do meu sonho... mas o casamento altera horriavelmente a optica de todas as cousas; obriga o mais delicado em pontos de honra, a exaltar-se ainda... porque é obrigado a tê-la por dois, que é tambem pela mulher.

CLOTILDE, acabando por elle

E em conclusão, eis-me terminantemente expulsa do seu lar domestico, a titulo de penosa recordação e de continuo sobresalto?

ANDRÉ, protestando

Oh! as mulheres têm uma arte maravilhosa para não comprehenderem...

CLOTILDE

Mas é que comprehendo...

ANDRÉ, affectuosamente

Não comprehende, Vejamos, minha querida Clotilde, nós somos amigos... devemos sê-lo... O que eu lhe devo, jamais em minha vida o esquecerei... mas sou feliz, e a felicidade é tão egoista! Não é a quem a devo que m'o ha de censurar!

CLOTILDE

Tem razão... e eu não a tinha... fallemos da sua felicidade, sómente d'ella... É então muito feliz?

ANDRÉ

Alem dos meus sonhos!

CLOTILDE

Devéras!... N'uma palavra, felicidade completa.

ANDRÉ

Completa!

CLOTILDE

De fôrma que se um acontecimento imprevisto viesse perturbar essa alegria!...

ANDRÉ

Oh! que idéa!

CLOTILDE

Emfim, se tal succedesse! Seria bem cruel, não é assim?

ANDRÉ, surprehendido

O que foi?... Que tom é esse em que me falla, Clotilde!...

CLOTILDE

Então, realmente, o marquez julga que um homem póde ser covarde e perfido, infiel e perjuro, como o senhor, sem fé, nem lei, nem probidade, nem co-ração, nem alma, nem nada, como o senhor!... e que ha de ficar impune da infamia que commet-teu?... Realmente, acreditou isto?

ANDRÉ

Clotilde, é a senhora que assim me falla?... Sonharei eu?

CLOTILDE

Ah!... diga antes que é a hora de acordar e vae ver!

ANDRÉ

A minha infamia, disse? O que?... Um rompimento de que a senhora foi a primeira a dar o exemplo?

CLOTILDE

Eu?... Mas foste tu, covarde, que tudo despedaças-te!... Eu, fui eu que deixei de te amar!... Mas, eu adorava-te! E o teu abandono rasgou-me inteiro o coração!

ANDRÉ, admirado

A senhora!... a senhora que me disse?...

CLOTILDE

Porém tu já me não amavas!... Porém tu amavas outra, e eu quiz ouvir da tua bôca essa confissão! E tu não não comprehendeste que eu te mentia para te arrancar dos labios a verdade... Oh! não!... Acaso podia elle comprehender?... Com o olhar fito na sua chimera, com a alma cheia d'aquelle anjo que elle adornou de todas as virtudes... achou-se ali, com o seu olhar preso ao meu, com a sua mão apertada na minha, e nada adivinhou... este amante da vespera... nada mais viu do que a sua paixão saciada por mim e o seu febril

desejo por outra! E foi depois de me haver torturado e esmagado aos pés, que exclamou: Fiz-lhe eu, porventura, algum mal?

ANDRÉ, espantado

Que tecido de falsidades e mentiras!

CLOTILDE

E não é ainda tudo!... não!... Não bastava que aquelle que realisou a minha vergonha, m'a lançasse em rosto? restava-me ainda um ultraje a soffrer, e desde que eu aqui estou, que o devoro! Eu não sou unicamente d'aquellas com quem não é licito casar!... Elle descobriu agora mais uma cousa. Sou tambem d'aquellas que não é licito receber! E para me fazer olvidar que desertára de minha casa... eis o que esse homem descobriu!... Expulsa-me esta noite da sua!

Expulsa-la eu! ANDRÉ

CLOTILDE

Ah! não crê, supponho... que eu me deixe illudir pelas suas suppostas delicadezas conjugaes... e que no seu embaraço de ainda agora, eu não soubesse ler tudo o que me não diz. A verdade é que a minha presença aqui o atormenta e punge! Sou de mais n'esta casa, sei-o. É uma mancha na sua candura nupcial!... Uma mulher como eu, aqui... Uma mulher que ostentou publicamente os seus amores... com o senhor!... Isto não póde ser, não é assim? Ficaria assim muito exposta a virtude de sua mulher! E a innocencia d'ella teria que corar ao contacto da minha impudicia!

ANDRÉ

Oh! basta, minha senhora, basta!...

CLOTILDE

Oh! Deus é testemunha que eu vim aqui, quasi aplacada por um mez de espera! Tenho a sua felicidade aqui fechada na minha mão, e digo commigo! Esmaga-la-hei? . . . Sentando-se. Mas que n'esta casa que deveria ser a minha, a esta porta que deveria ser a do meu quarto, eu seja humilhada a este ponto em proveito d'aquella que occupa o meu logar, e que me não vale! . . . Oh! não, não! . . . É muito, asseguro-lhe, e decididamente, esmago essa felicidade! . . . André corre á porta do quarto de sua mulher, que fecha. É justo! Fechemos a porta e não perturbemos o seu casto somno!

ANDRÉ, descendo a ella, friamente

A senhora fallou em esmagar, esmagar o que?

CLOTILDE

Tem então grande medo de que sua mulher nos oiça?

ANDRÉ

Tenho, agora que sei quem a senhora é! Mas fallou em matar a minha felicidade! E como ha de mata-la, peço-lhe que m'o diga?

CLOTILDE

Como?

ANDRÉ

Mas eu prohibo-lhe que toque na minha felicidade! . . . Mais ainda, provoco-a a tenta-lo!

CLOTILDE

Devéras!

ANDRÉ

Ah! eu bem sei o que medita!... Disse comsi-go!... Irei procurar Margarida e dir-lhe-hei: Seu marido foi meu amante! É isto que prometeu a si mesma, não é assim?

CLOTILDE

Oh! não!... Foi ainda melhor do que isso!

ANDRÉ

Pois nem isto, nem nada! Porque vae sair! E d'esta vez tem razão: expulso-a! E se não sáe por vontade... Juro-lhe pela minha vida que a ponho fóra da porta!

CLOTILDE

Assim, tão depressa, e tão facilmente... Sem saber de que modo uma mulher como eu se vinga de um homem como o senhor!... Pois realmente não tem curiosidade de sabe-lo?

ANDRÉ

Sairá... a final!

CLOTILDE, levantando-se

Pois bem, sim, saírei!

ANDRÉ

Então sáia!

CLOTILDE

Mas uma vez que, decididamente, só podem aqui estar mulheres de bem!... diga á sr.^a marquezza que se levante e que sáia commigo!

ANDRÉ

Insultar minha mulher!... a senhora!... pois a senhora ousa!

CLOTILDE

Não insulto, nem posso insultar sua mulher!... Ella está abaixo da injuria!

[ANDRÉ, ameaçador

Ah!

CLOTILDE, affrontando-o

Eu disse abaixo! Ah! suspirava por uma innocente! Ah! sonhava uma ingenua!... Pois bem, acorde-a, a essa, que eu lhe dei por esposa!... E pergunte-lhe de que lodo eu fui tira-la, para lh'a arremear aos braços.

ANDRÉ

Mente!

CLOTILDE

Minto! Pois bem, chame-a, peço-lhe que a chame.

ANDRÉ, correndo á porta do fundo que abre, e chamando

Margarida!... Margarida! Fernanda apparece.

CLOTILDE

Chame-lhe Fernanda! que ella ha de entender melhor!

SCENA VI

FERNANDA, ANDRÉ e CLOTILDE

FERNANDA, descendo vivamente para beijar Clotilde

Clotilde!

ANDRÉ

Clotilde, sim, a quem a senhora vae confundir... porque ella ousa accusar o seu passado.

FERNANDA, estremecendo

O meu passado!

ANDRÉ

Sim, não sei em que miseravel posição pretende havê-la encontrado.

FERNANDA, balbuciando e olhando para elle assustada

Pois André não sabe tudo?

ANDRÉ, fóra de si

Mas diga-lhe a ella que mente!

FERNANDA, fazendo um esforço para fallar

Senhor, eu... Voltando-se supplicante para ella que a fita com frieza. Minha senhora! Recuando assustada pelo seu olhar e comprehendendo. Ah!... foi ella!

ANDRÉ, o mesmo

Quem a calumniou!

CLOTILDE

Calumnia-la, eu? Olhe bem para ella!

FERNANDA, caindo de joelhos

Ah! miseravel mulher! que me perdeu!

CLOTILDE

Agora, marquez, realmente!... Já lhe não quero mal! Sae pela porta da direita, ao fundo.

SCENA VII

ANDRÉ e FERNANDA

ANDRÉ, primeiro fulminado, depois voltando a si

Perdida!... Não, não é possível! não é! Vejamos, Margarida! Ha por força algum infernal engano! E não é verdade, não é assim? Mas responda-me agora, e diga-me que não é verdade! Ergue Fernanda sufocada pelas lagrimas e olha para ella, que inclina a cabeça. Ah! é verdade! Ah! infame! Mata-la-hei!

FERNANDA, de joelhos, chorando, com esforço

Já, André, e eu o abençoarei... Ao que eu padeço, é uma esmola que me faz.

ANDRÉ

Não o farei, porém, antes de saber a que grau de vergonha eu associei a minha vida. Vae dizer-me tudo.

FERNANDA

Ao senhor?... Oh! não! Cubra-me de injurias, esmague-me aos pés, mas não me obrigue a isso.

ANDRÉ

Vae dizer-me tudo. Onde foi encontra-la aquella mulher?

FERNANDA

Em casa de minha mãe... de minha mãe que...

ANDRÉ

Estou esperando!

FERNANDA

Que tinha uma hospedaria com mesa redonda!... Jogava-se lá!

ANDRÉ

Era uma espelunca!... Depois?

FERNANDA

Interrogue-me senhor... eu, não me sinto com forças...

ANDRÉ

Uma espelunca frequentada... é facil de adivinhar, por libertinos e devassos!... Seus amantes!

FERNANDA, protestando dolorosamente

Oh!

ANDRÉ

Confessará, ao menos, que um d'elles o era! Fallemos d'esse?

FERNANDA, soluçando

Oh! senhor, se quizesse, eu preferia morrer já!

ANDRÉ

Isso não é responder!... O tal?

FERNANDA

Ah! senhor... Havia-se arvorado em dono da casa! abusando de que nós eramos duas mulheres! E nós tínhamos tanto medo d'elle, minha mãe e eu... que não ousavamos despedi-lo!

ANDRÉ

E então?...

FERNANDA

Então, a policia fez uma busca em nossa casa... apprehenderam tudo... e minha mãe foi presa.

ANDRÉ

Tambem a vergonha de uma prisão!

FERNANDA, vivamente

Não devo continuar, não é assim? É muito horrível!

ANDRÉ

Ao contrario... Continue, continue... Tudo! já lhe disse! quero saber tudo! Movimento desesperado de Fernanda, que elle contém. Foi presa sua mãe, e depois?

FERNANDA

Depois?... Supplicante e soluçando. Mas, senhor, uma vez que o sabe!...

ANDRÉ, brutalmente, apertando-lhe a mão

Depois?

FERNANDA

Depois, assegurou-me que a faria soltar... E que se eu não quizesse, ella ficaria lá por muito tempo... e que em seguida, elle a perseguiria por toda a parte com o seu odio... que nos arruinaria... que nos perderia... Eu estava sósinha, sem defeza!... á força de mentiras, de ameaças... de violencias! Ah! eu sou muito culpada, e nada me desculpa, bem o sei!... mas que expiação, meu Deus!... e que calvario! Cae no tapete, com a fronte no chão.

ANDRÉ

E manchada, envilecida, como estava... disse consigo: eis-aqui um homem que crê na minha virtude e a sua estúpida credulidade far-me-ha marquezia!

FERNANDA

Ah! senhor, acredite em tudo, supponha tudo... Mas esse horrivel calculo!... ah! se eu o fiz alguma vez, que Deus me fulmine aqui a seus pés!

ANDRÉ

Então, o seu procedimento?... o seu silencio?

FERNANDA

Mas eu julgava que o senhor sabia tudo... Ella jurou-m'o tantas vezes... Ah! sem isso... eu nunca me haveria julgado perdoada!

ANDRÉ

Perdoada, a senhora?... Por mim?

FERNANDA

É verdade... não era possivel!... E bem me recusei a cre-lo! Mas todavia, depois da minha carta?

ANDRÉ

Da sua carta! Uma carta para mim?

FERNANDA

Sim, mas recorde-se... Confessava-lhe tudo... Estava depois esperando a sua sentença, quando o vi chegar cheio de affecto e generosidade!

ANDRÉ

Eu?... mas está mentindo impudentemente!

FERNANDA

Minto, eu! Em pé. Oh! a minha carta! oh!... Mas eu escrevi-lhe, senhor; juro que lhe escrevi!...

ANDRÉ

E eu digo-lhe, que não recebi nada, não li nada, nada! Ouvia? Nada!

FERNANDA

Oh! então é... Desanimada. Já não sei... Se tudo se conspira contra mim...

ANDRÉ

E quando o fizesse... Era esse o seu dever, diga?... E em vez de confiar a uma carta essa confissão... não era a mim que a devia, a mim só, a mim mesmo?

FERNANDA

Tem razão, senhor, eu queria ir deitar-me a seus pés... Mas não tive animo...

ANDRÉ

Não... não a creio... Não... essa não é a verdade... Não... não escreveu nada... não confessou nada!... Fez-se apenas cúmplice d'aquella mulher para me deshonnar o nome!

FERNANDA

Ah! senhor!

ANDRÉ, repellindo-a

Oh! Deus do céu!... E tem isto um olhar limpo... uma fronte virginal, e isto chora... E é n'isto que se acredita!... E é sobre isto que se funda a esperança de uma vida inteira!... Ah! não se approxime de mim; odeio-a, desprezo-a, e amaldiço-o-a... por todo o mal que me faz! Matou em mim quanto havia de generoso e bom... Fez a desgraça da minha vida... reduziu-me a cinzas o coração!... Senta-se.

FERNANDA

Ah! senhor, escute-me!

ANDRÉ, desesperado

Oh! meu Deus! que despertar tão horrível! Sufocado pelas lagrimas. Ah! desventurada!... desventurada!... que amor que matou! eu que a amava tanto! Caê sentado, chorando.

FERNANDA, arrastando-se até elle

Ah! senhor, antes a sua colera do que as suas lagrimas! Desesperada. Não, não, eu não o enganei! Ah! senhor, piedade!

ANDRÉ, repellindo-a com horror e levantando-se

É minha mulher!... é minha mulher!

FERNANDA, de joelhos

Oh! não! Oh! isso não! Sobra-me consciencia da minha indignidade! Tem rasão, eu não posso continuar a ser sua mulher! Mas o senhor foi enganado! Ha talvez meio de annullar este casamento, que o deshonra!

ANDRÉ

Deus o queira!

FERNANDA

Ah! tudo quanto for necessario dizer e fazer... fa-lo-hei com alegria!... Mande, ordene!

ANDRÉ

Comedia!... como tudo o mais!... Sob. Retire-se! Vá-se da minha presença.

FERNANDA, levantando-se

Mas, senhor, para onde hei de eu ir?

ANDRÉ

Oh! que me importa, uma vez que eu não torne a vê-la! Vá-se, que me causa horror!

FERNANDA

Oh! meu Deus!

ANDRÉ

A filha de uma...

FERNANDA

Ah! senhor!

ANDRÉ

E a amante de... Sobe ao fogão.

FERNANDA, offendida

Ah! ah! que é implacável!... Pois sim... eu me vou embora... Não me verá mais!... Eu... saio!... eu... Dá alguns passos e succumbe no limiar da porta. Perdô-me... sinto-me muito incommodada!... Não posso!... não posso!...

ANDRÉ, fazendo instinctivamente um movimento para ella

Margarida!... Recua e depois toca a campainha; duas creadas apparecem, e no mesmo instante Pomerol no limiar da porta do fundo. Levem, levem a senhora, que está incommodada!

Pomerol sustem Fernanda, que as creadas levam. André cae sentado no canapé, com a cabeça entre as mãos.

SCENA VIII

ANDRÉ e POMEROL

POMEROL, adiantando-se lentamente sem ser visto e agarrando-lhe a mão

André!

ANDRÉ

Filippe... Ah! meu amigo, se soubesses o que me acontece!

Sei.

POMEROL

Sabes!

ANDRÉ, levantando-se

POMEROL

Tudo! Foi por minha intervenção que Clotilde conheceu Fernanda.

ANDRÉ

E não me disseste nada?

POMEROL

E quando? Só á saída da igreja é que soube quem era tua mulher!...

ANDRÉ, desesperado

É verdade!... ah! Philippe... salva-me d'esta vergonha!

POMEROL, tentando serena-lo

André!

ANDRÉ

És advogado! Conheces a lei!... Ha meio de annullar este horrivel casamento?

POMEROL

Não ha.

ANDRÉ

Deve haver... Ah! encontra-o... procura-o, inventa-o... Faze isto por minha causa!...

POMEROL

Se já te disse, que não ha nenhum!

ANDRÉ

E eu digo-te que não quero continuar a ser marido d'essa...

POMEROL

Não insultes a desgraçada! . . . Sei melhor do que tu o que a desculpa!

ANDRÉ

O que a desculpa!

POMEROL

O que a desculpa! Crê tudo que ella te disse em sua defeza. Porque eu affirmo-o! . . . crê que não houve mais que um erro na sua vida. . . porque é verdade!

ANDRÉ

A que conclusões queres tu chegar? Dar-se-ha caso que tambem tu me vás fallar em perdão?

POMEROL

Em dedicação e sacrificio! Pego-te o perdão pleno e inteiro!

ANDRÉ

Perdão inteiro! Ora vamos, tu endouceceste! . . . E quando eu tivesse a fraqueza de te acreditar! . . . Mas o que tu sabes e o que sabe Clotilde, mil outros o saberão ámanhã! E eu ostentarei o escandalo em minha casa! . . . Affrontarei assim o desprezo do mundo?

POMEROL

Ah! o *mundo*! eu já esperava esse adversario, o desprezo do mundo! . . . E que mundo! Toda a gente, não é assim? quer dizer a multidão?

ANDRÉ

Eu fallo dos homens de bem, que os ha!

POMEROL

Com certeza, que os ha! . . . E mulheres de bem

igualmente, graças a Deus! Mas crês tu, que essas te dirijam uma unica palavra de zombaria? Nunca lh'a ouvirás! Acaso não é a virtude legitima sempre indulgente para o mal e caritativa para o arrependimento? Os que proclamam o escandalo!... são os devassos... são as aventureiras de todas as categorias... Oh! estas, sim! implacaveis! Depois da honra dos traficantes o que ha de mais melindroso é o pudor das maculadas! Responderás ás zombarias dos primeiros que mais vale arrebatara uma rapariga ao mal, do que arrasta-la para elle, seguindo-lhes o exemplo! A maledicencia das segundas, ás quaes nem sempre os maridos pagam os vestidos, dirás que aquella que depois de cair se levanta, é mais digna de estima que aquella que de pé se afunda...

ANDRÉ

Oh! dar o braço á mulher a quem chamo minha e encontrar na rua aquelle homem!

POMEROL

Aquelle homem morreu!

ANDRÉ

Ah!

POMEROL

Juro-te... Foi a elle que Civry matou!...

ANDRÉ

Basta elle haver vivido... a mancha é a mesma!

POMEROL

Oh! orgulho implacavel!

ANDRÉ

Oh! cala-te!... Tu pedes-me virtudes sobrehu-

manas! Eu não as tenho. Não sou um heroe, sou apenas um homem!

POMEROL

Fraco como os outros... Ora vamos, tem animo e sê forte contra ti mesmo.

ANDRÉ

E que perdõe... não é assim? Porque tu julgas haver dito tudo com o teu perdão! Pois convenho... ah tens!... Julgo-a desculpavel!... uma vez que o queres!... Perdô-lhe! E o que tu queres!... está feito!... Mas esquecer?... Crês que jamais esquecerei? Crês, realmente. Pois não haverá sempre entre ella e mim essa horrivel recordação que tudo envenenará? Conheci d'esses loucos generosos, que, como tu, sonhavam em rehabilitar uma mulher! Levanta-se uma mulher do chão, mas nunca se consegue eleva-la... Ainda que para todos fosse um anjo de pureza, nunca seria mais para o possuidor que a viuva de outro! Mas a final... tu bem sabes isto... tu amaste!... Recorda-te, pois... E pelas amantes... faze o teu juizo da esposa!...

POMEROL, passando em frente d'elle

Oh! não falles de mim!... Teria o animo que te falta.

ANDRÉ

Mas vê d'onde eu me despenho e mede a quéda! E queres tu que eu ainda a ame! Mas quando assim fosse... Quando eu continuasse a ama-la com paixão, com loucura! Ah! Philippe, seria esse amor igual ao que lhe tinha?... Nunca!... Nunca mais sentiria por ella aquelle culto e aquella affeição de que se póde cercar a mulher de quem se póde di-

zer, estremecendo de intima alegria... é minha... toda minha!... Ah! meu amigo, será mais uma mulher que tive na minha vida!... mas não será a minha mulher, a minha verdadeira mulher.

Cae sentado, profundamente opprimido. Fernanda apparece ao fundo, com um chaile posto nos hombros, e dirige-se á porta de saída, buscando não ser vista. Pomerol vê-a, corre a ella e detem-n'a no limiar da porta, sem que este jogo de scena seja notado por André, que pega n'uma penna e escreve.

SCENA IX

ANDRÉ, POMEROL e FERNANDA

FERNANDA, a Pomerol, baixo e chorando

Deixe-me!... Elle expulsou-me... Vou sair.

POMEROL, detendo-a contra vontade d'ella

Ainda não...

FERNANDA, o mesmo

Horrorisa-o a minha vista!... Accusa-me de o haver enganado... Não quer acreditar que eu lhe escrevesse uma carta...

POMEROL

A carta!... mas tenho-a eu!... Ei-la!

FERNANDA

Ah! louvado seja Deus! Ao menos, verá elle que eu não menti!... Adeus!

POMEROL, detendo-a e forçando-a docemente a sentar-se

Não, fique! fique! Desce para André. André!...

ANDRÉ, escrevendo e interrompendo-o

Vou deixar esta maldita casa. Ficam-te plenos poderes para intentar a acção.

POMEROL

Principiarei logo amanhã. Tu tens razão e convenceste-me. Movimento de satisfação de André. Realmente o unico partido que ha a tomar é o da separação. Agora é negocio meu.

ANDRÉ

E poderemos obte-la ?

POMEROL

Tenho a certeza. Se os motivos são tantos...

ANDRÉ

Oh! principalmente fazе ver bem... que me enganaram!... que fui o ludibrio de uma aventureira!

Movimento de Fernanda, que se levanta e ganha vagarosamente a porta

POMEROL, a André

E depois não faltarão provas... Em primeiro lugar sobre o seu passado, temos a sua confissão, escripta pela sua propria mão. Mostra a carta.

ANDRÉ

Pela sua mão?

POMEROL

Sim, sim! uma carta.

ANDRÉ, vivamente

Para quem?... para mim?

POMEROL

Interceptada por Clotilde, a quem eu a arranquei.

ANDRÉ

É então verdade?... Ella tinha-me escripto.

POMEROL, Fernanda quasi a sair, detem-se

Na manhã do casamento.

ANDRÉ

Ah! lembro-me agora... e fui eu!...

POMEROL

Deves calcular que quando eu no tribunal ler isto: lendo e fazendo-o ler. «Senhor, por mais que me digam que sabe o meu triste passado, e que está prompto a esquece-lo... eu não ousou crer em tanta bondade. A consciencia da minha indignidade acorda hoje mais forte do que nunca, para me affligir pelo contraste do que sou... e do que devia ser...»

«Pelo amor de Deus, senhor, pense bem n'isto, emquanto ainda é tempo; pense que pôde chegar um dia em que d'esta boa acção só lhe reste o pezar de a haver praticado!...» Fallando. Pobre rapariga! Emfim, ha n'isto honradez... Fernanda desceu um passo para escutar... André commovido, cessa de ler com Pomerol, volta-se e encosta-se á mesa, com a cabeça entre as mãos. Pomerol faz signal a Fernanda que desça, ella obedece sem comprehender; elle lê: «Se lhê parece, ao contrario, que o arrependimento pôde tornar-me outra mulher... Elle passa a carta a Fernanda, continuando sem interrupção como se acabasse de ler a phrase. Ah! senhor, a dedicação de toda a minha vida, não bastará para lh'o provar...»

FERNANDA, tremula, e devorando as lagrimas, continua a ler humildemente e a distancia

«... Eu não sou o que o senhor pensa, asseguro-lhe. Vivi no meio da corrupção, sem lá me divertir... André que estremeceu á mudança de voz, chora silenciosamente, escondendo o rosto. « Ah! se pudesse ler no meu coração, e ver quanto o meu erro passado está distante de mim, e a que ponto eu o abomino e o choro!... Se realmente se digna elevar-me até si... não me responda, senhor, eu comprehenderei o seu silencio e o abençoarei do fundo da alma; senão aceitarei a minha condemnação sem um lamento; supplicando-lhe de me perdoar a attenção que concedeu por muito tempo á minha humilde pessoa!... »

C A sua voz extingue-se nas lagrimas e ella acaba a carta caído de joelhos

ANDRÉ, vencido

Ah! Margarida! minha mulher... levanta-te... Mas queira levantar-se, senhora marquezia... não é ahí o seu logar!... Elle abre-lhe os braços em que ella se acolhe.

POMEROL, radioso

Ah! meu querido André! A rasão faz bellos discursos... mas um grito do coração... Então que querem?... *Té!*...

FIM

